

MARIA CLARETE BORGES DE ANDRADE

**CULTURA ESCOLAR NO GINÁSIO DE APLICAÇÃO / UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA CATARINA NA DÉCADA DE 1960.**

Florianópolis, 2009

MARIA CLARETE BORGES DE ANDRADE

**CULTURA ESCOLAR NO GINÁSIO DE APLICAÇÃO / UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA CATARINA NA DÉCADA DE 1960.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da UDESC, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Norberto Dallabrida.

Florianópolis, 2009

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MARIA CLARETE BORGES DE ANDRADE

**CULTURA ESCOLAR NO GINÁSIO DE APLICAÇÃO / UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA CATARINA NA DÉCADA DE 1960.**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, no Curso de Mestrado em Educação do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Banca Examinadora:

Orientador: _____
Prof. Dr. Norberto Dallabrida (Orientador)
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____
Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Sabino Dias
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

Membro: _____
Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Santos Cunha
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____
Prof. Dr^a. Gladys Mary Ghizoni Teive
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho. Manifesto minha gratidão a todas elas e de forma particular:

À Universidade Federal de Santa Catarina, representada pela direção do Colégio de Aplicação, por proporcionar minha formação.

Ao professor Norberto Dallabrida, meu orientador, que com tanta competência e paciência transmitiu importantes lições para a vida acadêmica e profissional;

À Banca Examinadora de Qualificação, formada pelas professoras Gladys Mary Ghizoni Teive, Maria Teresa Santos Cunha e Maria de Fátima Sabino Dias, pelos encaminhamentos oportunos na orientação deste trabalho;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC, Celso João Carminati e Vera Lúcia Gaspar, pelos preciosos ensinamentos;

Aos ex-alunos e ex-professores do Ginásio de Aplicação, sujeitos fundamentais na realização deste trabalho. Por meio de suas lembranças e acervos pessoais, foi possível conhecer um pouco da cultura escolar do Ginásio de Aplicação da década de 1960;

À grande amiga, Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin, pelo incentivo, apoio e ajuda incansável em diferentes momentos deste processo;

Às colegas do grupo SAPECA, Adriana, Carla, Joseane, Silvia, Teresinha, Maria Cristina, Amaranta e Juliete, pelo carinho, amizade e incentivo;

Aos professores do Colégio de Aplicação, que de alguma forma auxiliaram na realização da pesquisa;

Aos colegas da turma do Mestrado, Ângela, Denise Matias, Denise Meira, Maria Cristina, Marcos, Vanessa e Virgínia, pelas conversas e trocas tão interessantes;

Aos funcionários do PPGE da UDESC, pelos serviços prestados;

À AGECOM, por fornecer material fotográfico da década em estudo;

Aos participantes do projeto “Olimpíadas do CA”, pelas informações concedidas;

A Hivellyse Rodrigues, pela formatação do trabalho;

Aos meus pais, pelo amor e incentivo aos estudos, e aos meus irmãos, pelo carinho e apoio nos momentos que deles precisei;

À Cléia Maria Borges da Silva, minha irmã e revisora cuidadosa do trabalho;

Às minhas queridas filhas, Mariana e Marcela, pelo incentivo e ajuda, principalmente na parte da informática, sem as quais tudo seria mais difícil;

Ao João, meu marido, sempre presente, e que, com seu estímulo, deu-me oportunidade de realizar esse sonho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo conhecer e analisar aspectos da cultura escolar em prática no Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na década de 1960. Criado em 1961, com o objetivo de servir de campo de estágio aos alunos dos cursos de Licenciatura da UFSC e de campo de experiências pedagógicas, o Ginásio de Aplicação, assim como os demais Colégios de Aplicação, tem como uma de suas principais características a inovação pedagógica. Tais colégios cumprem as funções de educação básica; desenvolvimento da pesquisa; experimentação de novas práticas pedagógicas; formação de professores; e criação, implementação e avaliação de novos currículos e disciplinas. Com contribuições de Dominique Julia, André Chervel, Jean-Claud Forquin, Antônio Vinão Frago, entre outros, e os registros documentais escritos, iconografados, fotografias, foi possível alcançar o objetivo deste trabalho. Optou-se também pela História Oral como fonte de pesquisa, podendo-se perceber, através de entrevistas com ex-alunos e ex-professores, os saberes escolares que integraram o currículo escolar no período de 1961 a 1969. As práticas de socialização, por sua importância para a formação cultural, social e política dos discentes do Ginásio, têm destaque também dentro dessa cultura escolar, que se diferenciava das práticas pedagógicas comuns nos colégios da cidade naquela época.

Palavras-chave: Ginásio de Aplicação. Cultura escolar. Saberes escolares. Práticas de socialização.

ABSTRACT

This work aims to understand and analyze aspects of school culture put into practice in the Ginásio de Aplicação of the Federal University of Santa Catarina (UFSC) in the 1960s. Created in 1961, aiming to serve as a training area for the UFSC Bachelor Courses students and as a educational experience area, the Ginásio de Aplicação, as well as the others Colégios de Aplicação (Implementation Schools), has as one of the main characteristics the innovation in education. These schools meet the function of Basic Education; development of research; experiment with new teaching practices; teachers training; and creation, implementation and evaluation of new curricula and subjects. In the development of research, this study sought contributions in the works of authors such as Dominique Julia, Chervel André, Jean-Claude Forquin, Antônio Vinão Frago, among others, as well as used written documental registries, iconography and photographs to fulfill its aims. The oral history was the research methodology used. Through interviews with former students and former teachers, we realize the school knowledge that integrated the school curriculum in the period from 1961 to 1969. The practices of socialization, for its importance to the students cultural, social and political education, have also a role of prominence within the school culture, which differs from common teaching that existed in the colleges of the city at that time.

Key-words: Implementation School. School culture. School knowledge. Practices of socialization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia	1	Primeiras instalações do Ginásio de Aplicação – Faculdade Catarinense de Filosofia.....	28
Fotografia	2	Prédio “Norte Madeira”.....	28
Quadro	3	Disciplinas do Ginásio de Aplicação – década de 1960.....	39
Fotografia	4	Júri simulado – década de 1960.....	44
Fotografia	5	Recurso audiovisual – a modernização no Ginásio de Aplicação – década de 1960.....	47
Fotografia	6	Caderneta escolar – década de 1960.....	49
Fotografia	7	Explorando escavações.....	55
Fotografia	8	Escavando.....	55
Fotografia	9	Observação “in loco”.....	56
Fotografia	10	Celebrando a atividade de pesquisa.....	56
Fotografia	11	Hasteamento da Bandeira – década de 1960.....	58
Fotografia	12	Experiência no laboratório de Ciências.....	60
Fotografia	13	Pesquisa no laboratório de Ciências.....	60
Fotografia	14	O descobrir da arte.....	64
Fotografia	15	“Exposição dos alunos do Ginásio de Aplicação.....	64
Fotografia	16	A prática do esporte no Ginásio de Aplicação – década de 1960.....	66
Fotografia	17	Expectativa e torcida dos colegas durante os exercícios físicos.....	66
Fotografia	18	Concentração e leveza nos movimentos rítmicos.....	67
Fotografia	19	Dedicação no ensaio para “fazer bonito” no desfile de 7 de setembro.....	67
Fotografia	20	Exame biométrico – Ginásio de Aplicação.....	68
Fotografia	21	Exercitando a democracia.....	73
Fotografia	22	Exercitando a democracia.....	74
Fotografia	23	Incentivo à liberdade de expressão – década de 1960.....	75
Fotografia	24	Time de futebol do Ginásio de Aplicação – 1960.....	78
Fotografia	25	Jogos Intelectuais.....	79
Imagem	26	Programação das Olimpíadas.....	81
Fotografia	27	Medalha da primeira Olimpíada.....	82
Fotografia	28	Trajeto da tocha olímpica.....	83
Fotografia	29	Chegada da tocha na reitoria – Campus Universitário.....	83
Fotografia	30	Concentração para os jogos.....	84
Fotografia	31	Abertura das Olimpíadas.....	86
Fotografia	32	“Somos alunos e queremos vencer”.....	87
Fotografia	33	Desfile de 7 de Setembro, 1965 – Rua Visconde de Ouro Preto.....	88
Fotografia	34	Desfile de 7 de Setembro, 1968 – Av. Rubens de Arruda Ramos.....	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
APM	Associação de Pais e Mestres
CA	Colégio de Aplicação
CAPs	Colégios de Aplicação
CED	Centro de Ciências da Educação
CONDICAp	Conselho Nacional dos Dirigentes das Escolas de Educação Básica vinculadas às Instituições Federais de Ensino Superior
DDPP	Departamento de Desenvolvimento e Potencialização de Pessoal
DETRAN	Departamento de Trânsito
FAFI	Faculdade de Filosofia
FAINCO	Feira e Amostras da Indústria e do Comércio
FEUSP	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
FUCATA	Festival Universitário da Canção Catarinense
GA	Ginásio de Aplicação
GEEM	Grupo de Estudos sobre Ensino da Matemática
IBEU	Grupo de Estudos sobre Ensino da Matemática
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MMM	Movimento da Matemática Moderna
PPP	Projeto Político Pedagógico
SOE	Serviço de Orientação Educacional
SSP	Serviço de Segurança Pública
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFRG	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
USC	Universidade de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA E O SEU GINÁSIO DE APLICAÇÃO.....	17
1.1 Criação do Ginásio de Aplicação.....	19
1.2 Espaço físico: da dependência da UFSC ao prédio próprio.....	27
1.3 A seleção das primeiras turmas de alunos.....	33
2 A APROPRIAÇÃO DOS SABERES ESCOLARES NO GINÁSIO DE APLICAÇÃO.....	37
2.1 O vernáculo, o Latim e as Línguas Estrangeiras.....	45
2.2 Conhecimentos históricos e geográficos.....	50
2.3 Matemática, Ciências e Desenho.....	58
2.4 Educação Artística e Educação Física.....	62
2.5 Canto Orfeônico e Ensino Religioso.....	68
3 PRÁTICAS INOVADORAS DE SOCIALIZAÇÃO.....	71
3.1 O Governo Comunitário.....	72
3.2 Olimpíadas e Práticas Desportivas.....	78
3.3 Festas Escolares.....	88
3.4 O Coral Estudantil.....	94
3.5 Feira de Ciências.....	96
3.6 Associação de Pais e Mestres.....	97
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	103
ANEXOS.....	109
ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	110
ANEXO B – PORTARIA PARA FUNCIONAMENTO CONDICIONAL DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO.....	111
ANEXO C – PLANEJAMENTO GERAL DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO PARA 1967.....	112
ANEXO D – PRIMEIRA TURMA DE ALUNOS DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO - 1961.....	118
ANEXO E – QUADRO GERAL DE MATRÍCULAS DOS ALUNOS.....	119
ANEXO F – DOCENTES DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO – DÉCADA DE 1960.....	120
ANEXO G – QUADRO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR QUE MANTÊM COLÉGIOS DE APLICAÇÃO.....	121
ANEXO H – CONVITE DE FORMATURA DO ANO DE 1965.....	122
ANEXO I – CERTIFICADO DE APROVAÇÃO DO EXAME DE ADMISSÃO NO GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA 1ª SÉRIE GINASIAL – 1967.....	123
ANEXO J – FICHA AVALIATIVA DO CONSELHO DE CLASSE.....	124
ANEXO K – FOTOS DA SOLENIDADE DE FORMATURA.....	125
ANEXO L – ATAS DAS REUNIÕES DE PAIS E MESTRES.....	126

INTRODUÇÃO

Uma das motivações primeiras para a realização desta pesquisa ocorreu pelo fato de a pesquisadora fazer parte do corpo docente da instituição analisada, o que instigou o desejo de compreender a história da constituição do Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. O fato de trabalhar nessa instituição fez pensar que os acessos às fontes documentais estariam, de certa forma, disponíveis aos que viessem a se interessar pela história do Colégio, o que, por sua vez, possibilitaria a essa pesquisadora o aprofundamento das questões problematizadas no projeto de pesquisa, solicitado para o processo seletivo da Universidade do Estado de Santa Catarina.

No desenvolvimento do estudo, no entanto, constatou-se a ausência de fontes documentais, o que por um lado caracterizou-se como um desafio a mais; por outro, evidenciou a importância da existência de um acervo e a capacidade de extrair das fontes encontradas pistas que favorecessem a análise das questões. Ao deparar-se com a problemática das fontes, Julia (2001, p. 15) sugere ao historiador a capacidade e necessidade “para fazer flecha com qualquer graveto e lembrando o inusitado das surpresas dos arquivos, reveladas apenas àqueles que se deixam sensibilizar por novos objetos, a despeito de reconhecer as dificuldades inerentes a uma investigação.”

Do início da elaboração deste trabalho até a redação “final” foi preciso percorrer um longo caminho para que a pesquisa fosse, aos poucos, tomando forma e ganhando sentido. A escolha teórico-metodológica, os sujeitos envolvidos, as fontes e as categorias de análise são resultados de um processo dinâmico em que a pesquisa foi processualmente se constituindo. Esse processo demandou muita leitura, discussões realizadas nos seminários oferecidos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, significativas conversas com o orientador, com professores e colegas do mestrado e informações obtidas com amigos. Portanto, a materialização desta dissertação é o resultado de questões selecionadas e organizadas durante o período de realização do mestrado. É necessário não olhar o “texto final” como algo acabado e definitivo; ao contrário, é preciso olhá-lo como uma obra aberta e incompleta, como possibilidade de extrair questões, aqui, não exploradas. Entende-se que “toda obra científica ‘acabada’ não tem outro sentido senão o de fazer surgirem novas ‘indagações’, ela pede, portanto, que seja ‘ultrapassada’ e ‘envelheça’.” (WEBER, 1993, p. 29).

A experiência como professora nessa instituição, nos anos iniciais¹ do Ensino Fundamental, e a troca de informações com profissionais da rede estadual e municipal de ensino fizeram refletir sobre as questões colocadas nesta pesquisa. Vale dizer que o desejo de estudar como ocorreu a criação do Ginásio de Aplicação surgiu de uma atividade de ensino, proposta pela pesquisadora, em uma turma de 4ª série, no ano de 2001, cuja intenção era identificar as representações das memórias dos profissionais que atuaram como diretores(as), alunos(as) e professores(as) do CA, entendidos como sujeitos constituidores da sua história. Essas identificações fazem parte da cultura escolar e nesse sentido instigaram a conhecer melhor a cultura escolar produzida na primeira década de implantação do Ginásio de Aplicação.

O resultado da atividade de ensino, desenvolvida em 2001, culminou no ensaio “Entre Cartas, Falas, Ações e Sujeitos: diálogo entre as memórias sobre a história do Colégio de Aplicação.”² Os dados levantados com a turma de 4ª série, os conhecimentos abordados e a contextualização do processo histórico permitiram uma melhor compreensão do cotidiano escolar vivenciado no período em que a atividade de ensino foi desenvolvida. Nesse sentido, significar a história vivida pelos sujeitos - professores(as) e alunos(as) do C.A. - caracteriza-se num percurso singular de reflexão sobre o papel, as funções e os significados que o colégio tem para a cidade de Florianópolis e para a Universidade Federal de Santa Catarina. Dessa forma, a pesquisa suscitou questionamentos e problematizações outras que deram origem ao presente trabalho.

Considerando o contexto apresentado, este trabalho tem como objetivo o estudo da cultura escolar no Ginásio de Aplicação na década de 1960. A cultura escolar é analisada a partir dos saberes escolares, levando em conta a sua prescrição em nível nacional e estadual e, especialmente, a sua efetivação a partir da ação do corpo dirigente e docente do colégio. Ela é também compreendida por meio das práticas de socialização inovadoras próprias de um Colégio de Aplicação, marcado pela experimentação. A reflexão histórica deste trabalho inicia em 1961, ano em que o Colégio de Aplicação da UFSC foi instituído e termina em 1969, quando foi criado o segundo ciclo do ensino médio.

¹ Anos iniciais é a nova nomenclatura para as chamadas séries iniciais do ensino fundamental, responsável pela escolaridade inicial, atualmente das crianças entre 6 e 10 anos.

² ANDRADE, M. C. B. Entre cartas, falas, ações e sujeitos: o diálogo entre as memórias sobre a história do Colégio de Aplicação. In: Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin; Vânia Beatriz Monteiro da Silva. (Org.). **Conversas de Escola**. Florianópolis: NUP - Núcleo de Publicações, 2006, v. 10, p. 71-81.

O estudo tem como foco investigar os saberes escolares e as condutas projetadas nos primeiros tempos do Ginásio de Aplicação (1961-1969), bem como algumas práticas inovadoras de socialização selecionadas para o seu primeiro currículo, as quais deveriam engendrar uma determinada cultura escolar, aqui entendida na perspectiva do historiador francês Julia (2001, p. 10):

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a serem ensinados e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Dominique Julia, por meio de sua conceitualização escolar, convida a fazer a “leitura da caixa-preta da escola”, do que acontece no seu dia a dia, suas normas, conteúdos e práticas pedagógicas, a cultura escolar, a qual contribuiria para a formação de determinadas subjetividades e identificações. Ainda conforme Julia (2001, p. 11), “a constituição de uma cultura escolar exige três elementos essenciais: um espaço escolar específico, cursos graduados em níveis e corpo profissional específico.” Esses elementos essenciais constituem a base para a análise das práticas que permitem a transmissão de conhecimentos e a inculcação de condutas, o que significa o problema desta investigação ao tratar sobre os saberes escolares. Vale informar que cada vez mais se destaca o caráter plural da noção de cultura e sua multiplicidade de definições.

Antônio Vinão Frago (2007), uma das primeiras referências no Brasil no conceito de cultura escolar, entende que essa recebe as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas.

A cultura escolar envolve um conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizam a organização escolar - práticas e condutas, modos de vida, hábitos e ritos -; a história cotidiana do fazer escolar - objetos materiais, função, uso, distribuição do espaço, materialidade física, simbologias, introdução, transformação. Enfim, a cultura escolar é toda a vida escolar: fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, dizer, fazer (FRAGO, 2007).

Por sua vez, André Chervel - que, mediante investigação sobre as disciplinas escolares, vem desvelando importantes aspectos da história do ensino, contribuindo sobremaneira para o aprofundamento do conhecimento no âmbito da história cultural - defende que o estudo das disciplinas escolares possibilita ao historiador da educação revelar a singularidade e originalidade da cultura escolar. Além de demonstrar o caráter inventivo do sistema escolar, o estudo das disciplinas permite a compreensão do duplo papel social da

escola: formar indivíduos, mas também uma cultura “que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global.” (CHERVEL, 1990, p. 185). Diz ele ainda que “a história de uma disciplina escolar pode ser captada em seus múltiplos determinantes, especialmente no que tange às finalidades, aos conteúdos e aos resultados esperados e obtidos do processo de escolarização.” Situa também que “as disciplinas escolares são inseparáveis das finalidades educativas.” (CHERVEL, 1990, p. 187). Informa o autor que “deve-se repensar o papel da escola em suas especificidades e como espaço de produção de saber e não mero lugar de reprodução de conhecimento imposto externamente.”

Conforme se pode perceber, os autores acima citados, que se dedicam ao tema Cultura Escolar, contribuem sobremaneira para a compreensão das questões propostas nesta pesquisa, oriundas de diferentes fontes, pois ela possibilita, na análise dos dados, “tentar discernir a distância entre os objetivos enunciados e o ensino realizado.” (JULIA, 2001, p. 50). Busca-se assim, na análise, elementos de diferentes fontes, tais como documentos sobre legislação nacional e estadual da década, sobre o próprio currículo do Ginásio de Aplicação, entrevistas com ex-alunos e ex-professores para melhor compreensão do que marcava a cultura escolar na implantação do Ginásio de Aplicação.

Para o entendimento da cultura escolar do Ginásio de Aplicação, foram utilizados diferentes registros documentais escritos, falados, iconografados, fotografias etc. Todavia, faz-se necessário ressaltar que, devido à escassez dos documentos escritos, foram utilizadas fontes orais, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas - com ex-alunos e ex-professores -, organizadas a partir de um roteiro prévio.

O emprego da entrevista semiestruturada permitiu a elaboração antecipada de algumas questões que tiveram por objetivo trazer à tona falas relacionadas ao processo de criação do Ginásio de Aplicação. A adoção desse instrumental possibilitou incluir, durante as entrevistas, novas questões que, além de ajudar os entrevistados a recordar o contexto em análise, permitiu colher mais informações, o que auxiliou na compreensão das questões problematizadas.

Ao optar pela História Oral como metodologia de pesquisa deste trabalho, considerou-se a importância na busca de dados por meio de narrativas na intenção de aprofundar questões referentes à cultura escolar do Ginásio de Aplicação na década de 1960. A disponibilidade em participar da pesquisa foi o critério de seleção tanto dos ex-professores como dos ex-alunos, sendo entrevistados treze docentes e quatorze discentes.

Essas entrevistas foram gravadas, transcritas e autorizadas pelos entrevistados. Alguns períodos foram abordados basicamente por meio das entrevistas, uma vez que as fontes documentais foram de difícil acesso. Apesar de requererem todo um cuidado para a conservação, muitos daqueles que as possuem não percebem o valor que esse material tem como fonte para a história, deixando que ele se deteriore. Acredita-se que seja por conta de não existir, na época, a preocupação com a salvaguarda de documentos. Não havia no Colégio de Aplicação um arquivo de documentos históricos, o que comprometeu o andamento da pesquisa. Toda a documentação estava distribuída em duas salas, sem a menor condição de uso. Atualmente o Acervo Documental do colégio passa pelo processo de tratamento, devido ao fato de ter sido contemplado pelo projeto: “Acervo Documental: memória educacional e formação de professores.”³ Importante dizer que, ao lidar com esse corpo documental, atentou-se para o seu caráter oficial, buscando entender a realidade da época.

Enfim, ao fazer um estudo sobre o ensino no Ginásio de Aplicação, na década de 1960, este trabalho procurou trazer elementos para reflexão sobre a cultura escolar produzida naquele período. Nesse contexto, enquadra-se nos estudos da História e Historiografia da Educação pela sua importância de ajudar a problematizar o passado, abrindo possibilidades, tais como reafirmar ou redefinir o presente e, principalmente, projetar o futuro. A autora Vidal (2005, p. 25), em “Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola primária (Brasil e França, final do século XIX)”, observa que:

recorrer ao passado para compreender as práticas e representações de cada período, ou seja, não podemos naturalizar o passado, as pessoas fazem história. O descontínuo é a possibilidade de percebermos as singularidades de cada período.

Assim, pretende-se trabalhar com a memória representada, isto é, com as representações construídas por docentes e alunos em torno da sua atuação nessa instituição de ensino.

Em face disso, ao se perceber o universo de representações dos profissionais, observa-se como foram significativas as suas práticas naquela década. Isso porque, segundo Mello (1982, p. 41), a representação expressa “o modo particular pelo qual o ideário ou as teorias pedagógicas são filtradas pela prática de cada profissional em particular, de acordo com as suas condições de vida.”

³ Projeto vinculado ao Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Ciências da Educação (MEC), que integra o programa de consolidação das licenciaturas. Coordenado pelas professoras Izabel Christine Seara (MEN/CED), Maria de Fátima Sabino Dias (MEN/CED) e Suzani Cassiani (MEN/CED).

Dar visibilidade à memória desses profissionais é fundamental. Segundo Pesavento (2003, p. 95), “o indivíduo que rememora amadureceu durante esse intervalo, ele reelabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada.”

A memória, muitas vezes, é descrita como a capacidade de lembrar o passado. Para Stephanou e Bastos (2005, p. 420), “memória é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas.” Fica aqui um questionamento: se a memória individual dialoga permanentemente com os conhecimentos socialmente construídos, até que ponto as lembranças dos docentes e discentes foram atualizadas, ou melhor, têm a marca da contemporaneidade?

A presente pesquisa justifica-se em função dos poucos estudos que analisam o processo de constituição do Colégio de Aplicação da UFSC (antigo Ginásio de Aplicação), tomando-o como foco de estudos e pesquisa. No levantamento realizado acerca do estado da arte das pesquisas já realizadas sobre o Ginásio, encontramos os trabalhos de Ademir Soares Luciano Júnior (2007), Carmem Hermes Silva (1989), Guiomar Ozório de Senna (1987) e Mariza Konradt de Campos (2008).

Luciano Júnior realizou seu Trabalho de Conclusão do Curso de História na Universidade do Estado de Santa Catarina, com o título “*A apropriação do modelo experimental de ensino pelas elites de Florianópolis.*”⁴

Silva desenvolveu um estudo intitulado “*Análise da prática docente: um estudo da dinâmica de modernização pedagógica*”, no qual buscou analisar a prática pedagógica no Colégio de Aplicação da UFSC, indícios de avanço, do novo, considerando-se esse novo no sentido histórico-social. Mediante uma pesquisa fundamentada na perspectiva histórica, e com entrevistas com professores de História, Geografia e Português, para análise da dinâmica da modernização pedagógica, a pesquisadora destacou elementos que se caracterizam como indícios de superação da dinâmica conservadora.

Senna, na pesquisa intitulada “*O Colégio de Aplicação no contexto das universidades brasileiras*”, teve como preocupação central o exame da visão que se tem sobre Colégio de Aplicação. Fez um estudo exploratório-descritivo, cujos dados foram coletados mediante roteiros de informação, questionários enviados às diversas IES que dispõem de Colégio de

⁴ LUCIANO JÚNIOR, Ademir Soares. O Colégio de Aplicação da UFSC (1970-1973): a apropriação do modelo experimental de ensino pelas “elites” de Florianópolis. 2007. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, 2007.

Aplicação e dos seus respectivos regimentos. Os resultados permitiram caracterizar o funcionamento dos Colégios de Aplicação, verificando até que ponto teriam eles inovado ou renovado, já que esse foi o objetivo inicial de sua criação. A pesquisa indica ainda que o Colégio de Aplicação da UFSC, ao longo de sua trajetória histórica e a exemplo de outros colégios das universidades públicas brasileiras, vem se constituindo, com base numa proposta experimental, como um espaço privilegiado para vivenciar, analisar e compreender a complexidade da educação e, ao mesmo tempo, os limites da experiência vivida cotidianamente no âmbito escolar.

Campos realizou uma pesquisa sobre “*O Colégio de Aplicação da UFSC e a política de inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: Entre o formal e o pedagógico.*” A temática desse trabalho está centrada nas discussões sobre as políticas públicas de educação formuladas para atender alunos com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino. Objetivou analisar como o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina tem apreendido a política de inclusão escolar referente a alunos com necessidades educacionais especiais.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro diz respeito à UFSC e ao seu Ginásio de Aplicação na década de 1960. O segundo capítulo — *A apropriação dos Saberes Escolares no Ginásio de Aplicação* — refere-se aos saberes escolares e à projeção pelos estudantes de determinados comportamentos e valores legitimados pelo Ginásio de Aplicação/UFSC, no período compreendido entre 1961 a 1969. Propõe-se, nesse segundo capítulo, compreender os saberes escolares incorporados ao currículo da escola, através da análise das seguintes fontes: livro de matrícula, grade curricular, avaliação, regimento do ginásio, atas do conselho de classe, atividades extraclases, caderneta escolar, convites de formatura, fotografias, entre outros.

As práticas de Governo Comunitário, Olimpíadas e Práticas Desportivas, Festas Escolares, Coral Estudantil, Associação de Pais e Mestres e Feira de Ciências compõem o terceiro capítulo — *Práticas Inovadoras de Socialização* —, visto que são entendidas neste trabalho como práticas inovadoras de socialização e, portanto, indispensáveis para a compreensão da cultura escolar posta em prática na instituição no período recortado para a análise.

1 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA E O SEU GINÁSIO DE APLICAÇÃO

O ar de dinamismo e modernidade vivenciado pelo Brasil ao final dos anos cinquenta e início dos sessenta do século XX, marcado, sobretudo, por investimentos públicos oriundos do poder central, caracteriza-se sem dúvida como um dos principais elementos impulsionadores no processo de transformação das estruturas políticas, econômicas e sociais do país nesse período.

A mudança da Capital Federal do antigo Estado da Guanabara para o Planalto Central é o principal ícone a marcar definitivamente nossa história mais recente. Ao seu encaixo seguem-se novas e vigorosas ações que buscam dotar o estado brasileiro de condições adequadas a absorver esses novos tempos.

Na acanhada Florianópolis desse período surgem igualmente necessidades de mudanças que se manifestam, sobretudo, pelas carências detectadas na estrutura urbana da cidade e pela urgência na implantação de novos elementos que pudessem dar impulso aos seus aspectos sociais, mormente aqueles relacionados às áreas da educação e da cultura.

É nesse clima de transformações tão radicais impostas à vida da até então pacata capital catarinense que se implanta de maneira definitiva a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nas rádios da cidade, misturavam-se aos sons dos Beatles e Rolling Stones as canções que embalavam o nascimento da Bossa Nova. Notícias chegavam da nova capital, trazendo informações sobre a turbulência política que prenunciava tempos difíceis para a nação brasileira. Nas vozes de Adolfo Zigueli, de Antunes Severo, de Dakir Polifdoro e tantos outros radialistas que fizeram a história da comunicação em Santa Catarina, um assunto, porém, era sempre noticiado com ênfase e importância singular: a criação, a estruturação, o fortalecimento e a importância da Universidade Federal de Santa Catarina para o desenvolvimento social, político e econômico do estado catarinense.

Com a UFSC a cidade se transforma. O distante distrito da Trindade, local onde acabaria sendo implantado o campus da Cidade Universitária que iria abrigar grande parte de seus departamentos, vê sua estrutura completamente modificada. Se antes abrigava terras destinadas a suprir os habitantes da capital, de carne, frutas e verduras, agora aquele espaço da cidade entraria definitivamente na rota do “progresso”. Os caminhos outrora destinados aos carros de boi e aos poucos automóveis que por ali circulavam foram dando lugar a

movimentadas ruas. Suas pastagens foram sucumbindo e em seu lugar surgiam os primeiros edifícios para abrigar os novos habitantes que, de perto ou muito longe, vinham em busca de novos horizontes, de novas perspectivas.

A sede de beber dos conhecimentos que ali começavam a se produzir também proporcionou aos filhos nativos desta Ilha significativas transformações. Se até bem pouco tempo atrás era necessário se deslocar a outras partes do país ou até mesmo do exterior em busca de uma formação universitária, coisa que era possível somente àqueles oriundos das classes sociais de maior poder aquisitivo, agora bastava que se cruzassem as fronteiras do Morro da Cruz para que este novo mundo se abrisse, tornando real um sonho há muito acalentado.

Mas não é só o bairro da Trindade que se transforma com a implantação da UFSC. Outras áreas da cidade também passam a sentir os efeitos dessa importante instituição, principalmente no tocante às transformações viárias que se mostravam necessárias, tendo em vista o deslocamento que milhares de usuários faziam em sua direção. A necessidade de pavimentação, alargamento e modernização de vias e a implantação de linhas de transporte coletivo ao longo de todo o percurso que demandava ao campus universitário são os elementos mais marcantes desse período, pois acabam carregando consigo um grande contingente populacional que passa a residir em seu entorno ou em bairros adjacentes, antes considerados longínquos e sem a adequada infraestrutura, agora valorizados pela proximidade desse novo e importante equipamento público.

Não obstante aquele ter sido um momento de exceção política, marcado pela dureza de um governo militar que impunha suas regras pela força das armas, as transformações que se processavam mundo afora não permitiam que as vozes mais lúcidas se calassem. No rádio continuávamos a ouvir os Beatles e os Rolling Stones, a TV nos mostrava a chegada do homem à lua ou o encanto de seriados como Bonanza, Túnel do tempo e Jeannie é um gênio. Nas inesquecíveis tardes de domingo, acompanhávamos extasiados a jovem guarda comandada por Roberto Carlos e companhia.

Enquanto isso, a UFSC crescia em importância e em ações, trazendo à comunidade catarinense significativos avanços sociais, culturais e educacionais. Para os mais jovens abria-se a possibilidade de também fazerem parte de sua estrutura através do, por muitos desejado, Colégio de Aplicação.

Estudar ali significava quase que a certeza de se ter uma carreira promissora e exitosa. Passar em seu exame de admissão era como abrir as portas da universidade, de ter um futuro

garantido, principalmente para aqueles que não possuíam a chance de frequentar os colégios mais tradicionais da cidade.

E assim foram se firmando os anos sessenta. A cidade adquirindo novos ares, as transformações tornando-se inevitáveis. A exemplo da região da Trindade, onde se instalou a UFSC, o centro principal da capital catarinense também começava a sentir a necessidade de transformações substanciais. A velha ponte já dava ares de que não mais suportaria o peso dos anos e o crescente avanço da indústria automobilística. Todo o sistema viário também se encontrava comprometido e já era evidente a necessidade de uma nova ligação Ilha-continente. Aproximam-se os anos setenta, e a velha e charmosa Florianópolis pede passagem para um futuro ainda incerto. De certo mesmo ficou a esperança de que a chegada da Universidade Federal traria consigo a possibilidade de se respirar novos ares, de se despertar para um novo tempo, um tempo em que não mais seria possível caminhar distante do poder do conhecimento.

O novo centro do saber trouxe consigo o Ginásio de Aplicação, motivo deste trabalho. Nele a pesquisadora é parte integrante de seu corpo docente há 26 anos e viu-se instigada a conhecer a história de sua constituição para compreender melhor o processo da cultura escolar à luz das doutrinas dos grandes educadores.

1.1 Criação do Ginásio de Aplicação

Este capítulo remete à época do início do Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, no início da década de 1960, atualmente Colégio de Aplicação.

Essa década foi marcada pela implantação da Universidade de Santa Catarina, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura, por meio da Lei nº 3.849⁵, de 18 de dezembro de 1960, sancionada pelo então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Em 20 de janeiro do ano seguinte, o governador do Estado — Heriberto Hulse — assina a doação à União (para incorporação à Universidade) da fazenda “Modelo Assis Brasil”⁶, situada no bairro da Trindade, no município de Florianópolis, com cerca de um milhão de metros quadrados. João

⁵ Essa Lei, além de criar a Universidade de Santa Catarina, também federalizou a Universidade do Rio Grande do Norte. Definiu, ainda, que elas teriam personalidade jurídica e gozariam de autonomia didática, financeira, administrativa e disciplinar, na forma da Lei.

⁶ Para maiores informações sugere-se a leitura de Loth (2008).

David Ferreira Lima, o primeiro reitor da Universidade de Santa Catarina, empossado no início do ano de 1961, foi o responsável pelos encaminhamentos administrativos e pedagógicos da nova Universidade. Em seu livro “UFSC: Sonho e Realidade”, João David Ferreira Lima descreve detalhadamente os primeiros passos da implantação da Universidade Federal de Santa Catarina:

Primeiro foi a escolha do terreno, que deu lugar a ampla discussão e debate. Afinal o Conselho Universitário decidiu que o campus deveria ser construído na Trindade, no local onde havia funcionado a “Fazenda Assis Brasil”, de propriedade do Estado. Fomos contrários àquela decisão, por razões expostas em voto escrito e publicado que nos levaram a assim pensar. Apenas diremos que, embora julgássemos o local bonito, apresentara elementos negativos, dentre os quais, à época, puderam ser apontados: a bacia hidrográfica de um panelão cercado de morros, que obrigaria a obras de canalização e drenagem bastante caras, com conseqüentes enchentes; terreno alagadiço, que exigiria estaqueamento muito caro para as construções (há prédios de um ou dois pavimentos que exigiriam estacadas de 25 a 40 metros); a estrada de então, da cidade para a Trindade, era de barro, não havendo quase condução coletiva; serviços de água e luz precários; inexistência de esgoto; local de universidade sediada numa ilha, mas distante e de praias, etc. Todavia, no final do nosso voto afirmamos que pedíamos a Deus estivéssemos errados no nosso ponto de vista e que os nossos colegas estivessem com a razão e que, como Reitor, tudo faríamos para que o “campus da Trindade” fosse projetado e construído o mais rápido possível. E assim procuramos fazer, nos dez anos em que tivemos a honra e a ventura de dirigir a UFSC. (LIMA, 2000, p. 166-167).

A Universidade, então, reuniu as seguintes instituições de Ensino Superior já existentes em Santa Catarina: Faculdade de Direito de Santa Catarina; Faculdade de Medicina de Santa Catarina; Escola de Engenharia Industrial, modalidades: Química, Mecânica e Metalurgia; Faculdade de Serviço Social, da Fundação Vidal Ramos, na qualidade de agregada. Com a criação da Universidade, conforme parágrafo único do Artigo 5º da Lei nº 3.849/1960, essas instituições

[...] passam a denominar-se: Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Faculdade de Ciências Econômicas, Escola de Engenharia Industrial da Universidade de Santa Catarina e Faculdade de Serviço Social. (BRASIL, 1960)⁷.

A Universidade foi criada para atender à demanda por ensino superior e profissionalização. A receita do estado era crescente, revelando a necessidade e o potencial de Santa Catarina para receber uma instituição federal de ensino superior.

A autorização para o funcionamento condicional do Ginásio de Aplicação foi concedida em 15 de março de 1961, por meio do Ato nº 5 da Inspeção Seccional de Florianópolis (SANTA CATARINA, 1961). A Portaria nº 673, de 17 de julho de 1961, expedida pelo diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura do Governo

⁷ Lei 3.849 de 18 de dezembro de 1960. Cria a universidade Federal de Santa Catarina. Brasília, 1960.

Federal, aprovou e concedeu autorização de funcionamento condicional ao Ginásio de Aplicação pelo período de quatro anos.

Os Colégios de Aplicação, conhecidos como CAPs, são instituições de Ensino Fundamental e Médio vinculadas às universidades federais. Atuam na interface entre a Educação Básica e a Educação Superior, e funcionam como campo de estágio orientado e supervisionado para estudantes dos cursos de Licenciatura em diferentes áreas do conhecimento. Tais colégios cumprem as funções de educação básica; desenvolvimento da pesquisa; experimentação de novas práticas pedagógicas; formação de professores; criação, implementação e avaliação de novos currículos; e formação dos docentes.

A autora Evangelista⁸ (2003, p. 50) esclarece que,

A história dos colégios de aplicação, em sentido amplo, cruzou-se com a da formação docente, sugerindo-se que compusessem a estrutura da formação do magistério como lugar de experimentação pedagógica e de produção de saber educacional. Na esteira desse pensamento – o da produção de ciência, da mentalidade cidadina, dos valores industrializantes – progressivamente as instituições de nível superior vocacionadas à formação docente vão contar com Colégios de Aplicação, articulados em torno da ideia de que a formação do mestre precisava de locais próprios para a pesquisa pedagógica e científica, a exemplo de laboratórios.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o Teacher's College, fundado em 1888 e incorporado à Universidade de Colúmbia em 1898, dedicava-se à formação do professor. “Forma também psicólogos escolares, administradores de escolas e professores, possuía, entre suas unidades, escolas para campo de experimentação e pesquisa.” (EVANGELISTA, 2003, p. 50).

O surgimento dos CAPs, em nível nacional, segundo a professora Sena⁹ e VA (1987), ocorreu por meio do Decreto-Lei nº 9.053, de 12 de março de 1946. Com esse dispositivo legal, ficou estabelecido que todas as Faculdades Federais de Filosofia, reconhecidas ou autorizadas a funcionar no território nacional, deveriam manter um Ginásio de Aplicação destinado à prática docente dos alunos matriculados no Curso de Didática. Em Santa Catarina, encontrando-se em processo de federalização, a Faculdade de Filosofia solicita autorização, em 31 de julho do ano de 1959, pelo então Diretor da Faculdade Professor Henrique da Silva Fontes.

Os Ginásios de Aplicação teriam como diretor um professor de Didática Especializada e uma orientação centralizada no diretor da Faculdade de Filosofia. O foco maior de discussão

⁸ Professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁹ Professora aposentada do Departamento de Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação/UFSC.

foi a possibilidade de que tal estabelecimento contemplasse inicialmente os dois ciclos – ginásial e colegial - ou primeiramente se limitasse a um deles (CAMPOS, 1957, p. 32).

Nesse âmbito, no Brasil, o primeiro Colégio de Aplicação surgiu em 1948, na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Luiz Alves de Mattos é considerado o pioneiro dessa iniciativa por ter dirigido esse colégio, de 1948 a 1965, seguindo-se daí a criação de outros Colégios de Aplicação.

O bom desenvolvimento das escolas-estágio avançou no sentido de experimentar novas práticas pedagógicas, novos modelos de organização e de metodologia didática. A primeira denominação de “Ginásio de Aplicação” foi, ao longo do tempo, substituída à medida que essas escolas passaram a oferecer o curso Colegial/Normal e, por último, os anos iniciais do ensino fundamental.

A importância da criação dos Colégios de Aplicação estava diretamente relacionada à eficiência da formação profissional. A partir de 1962, o caráter dessas escolas foi se ampliando, uma vez que deixaria de ser simplesmente campo de estágios nos laboratórios, onde era praticada a pesquisa e a extensão, com objetivo de repensar tanto a formação do professor quanto a educação no país, já que essas experiências deveriam ser estendidas e praticadas nas escolas da rede pública de ensino.

Ainda de acordo com Sena e Vahl (1987, p. 50),

A ideia era de que a Didática devesse ser trabalhada ao vivo, sob a forma de prática de ensino. Essa, então, deveria acontecer sob a responsabilidade de uma instituição ligada à Faculdade de Filosofia, de onde receberia influência de sua cultura. Esses colégios, fundados em vários estados, tinham ainda outros diferenciais, como: docente universitário, amplo programa extraclasse, variada atividade esportiva e cultural, laboratórios e equipamentos de ponta.

A natureza dos vínculos entre as instituições de ensino superior e suas escolas médias foi muito variável, bem como a estrutura proposta, mas o fato comum a todas foi a sua abertura aos licenciados, para observação, participação e regência de aulas. Ao vivenciarem o ambiente da sala de aula, de maneira ativa, os alunos estariam tendo a possibilidade de aplicar as teorias pedagógicas à realidade escolar.

Com esses objetivos, essas instituições seriam centros de pesquisa mais atualizados na área educacional, nos moldes dos “Teacher’s College” americanos ou do “Instituto J. J. Rousseau”, de Genebra. Novos ideais refletiam o anseio por renovação pedagógica, a partir da experimentação de outras metodologias, bem como pela revisão dos objetivos, pensados ao final da Segunda Guerra Mundial. Essa ideia foi amadurecendo numa conjuntura histórica de enaltecimento do Estado, na década de 1940, e exigia das Universidades que, por meio de

suas Faculdades de Educação, criassem projetos para a construção de escolas que estivessem de acordo com os objetivos já citados.

Conforme Mendonça e Vesentini (1997, p. 7),

A sociedade se modernizava, a economia se projetava de agrário-exportadora para uma economia urbano-industrial. Isso exigia a ampliação da ação do Estado na esfera produtiva, bem como abria a necessidade de pessoal qualificado para atuar tanto em instituições públicas quanto em empresas privadas.

Enquanto essas mudanças se processavam, havia na área educacional um movimento de intelectuais e educadores no sentido de implantar novas ideias e princípios para uma reforma do sistema educacional. Esse movimento ficou conhecido como Escola Nova. A partir das pesquisas realizadas, soube-se que a expressão “escola nova” foi utilizada pela primeira vez por Cecil Reddie (1858-1932), que fundou, na Inglaterra, um estabelecimento chamado “The New School”¹⁰. Seu papel inovador, na época, consistiu em enfatizar a melhoria dos procedimentos psico-pedagógicos da escola em benefício dos educandos, denunciando a passividade dos alunos e o poder concentrado no professor. Propunha, assim, uma nova pedagogia, mais preocupada em discutir os interesses dos alunos, buscando sua participação e atividade no processo educacional. Pela primeira vez na história da educação, a criança é colocada como centro do processo educativo, fato esse que não ocorria na educação considerada tradicional pelo movimento inovador, como um “vir-a-ser” em estado transitório para a vida adulta. Estudos realizados apontam que essa concepção tem como um de seus formuladores John Dewey, para quem a escola deveria cumprir duas funções básicas: ajudar o desenvolvimento dos alunos, criando neles um desejo de crescimento permanente, de continuar aprendendo, e possibilitar a todos o encontro de sua felicidade na melhoria das condições dos outros.

Para Dewey (1978, p. 54), “A educação não é um lugar de preparação para a vida futura, mas é, em si mesma, um lugar de vida que será preciso projetar a fim de que se manifestem as experiências que os alunos já têm e se possibilitem outras novas.” Desse modo, o ponto de partida para a elaboração do currículo deveria ser a experiência de que dispõe previamente a criança, que não chega à escola em branco, visto que já é intensamente ativa. O método de ensino deveria ser indireto, isto é, pela descoberta, reflexivo e experimental. As matérias de estudo não são consideradas segundo conceito tradicional, já que um método centrado nos problemas é incompatível com a rigidez da divisão disciplinar. Para o

¹⁰ Iniciada por Reddie e sua escola em Abbotsholme para rapazes dos 11 aos 18 anos, espalhou-se rapidamente (com escolas na França, Alemanha, Itália, além dos Estados Unidos, com John Dewey e William Kilpatrick lançando idéias de democracia, sociedade e liberdade, bem como sua função civil e política).

desenvolvimento do caráter democrático na escola, Dewey (1978) confiava tanto nas capacidades espontâneas das crianças como na habilidade dos professores, criando um clima que exercesse uma mediação entre essas capacidades e os hábitos de inteligência e responsabilidade social almejados. Desse modo, era necessário que o trabalho dos professores na escola seguisse os mesmos princípios que o trabalho com os alunos, ou seja, a organização social cooperativa, a associação e o intercâmbio de ideias deveriam substituir a formação técnica e a supervisão. Segundo as palavras de Dewey (1978, p. 51),

A construção da democracia só pode ser conseguida a partir da educação, desse modo, é necessário que os sistemas educacionais sejam também democráticos. E para que a educação possa formar democratas, a práxis educativa terá de se fundamentar na razão e nos métodos científicos.

A escola deveria, pois, constituir-se em um ambiente organizado no qual se fortaleçam as experiências valiosas e tornem-se possíveis, ao mesmo tempo, a continuidade de experiências dos alunos e sua contribuição para a sociedade.

Nessa perspectiva, “a vida social na escola deveria ter como base o intercâmbio de experiências mediante a comunicação entre os indivíduos, pois a compreensão do mundo que emerge da experiência adquire significado através da linguagem” (DEWEY, 1978, p. 51). Essas ideias foram trazidas para o Brasil por Anísio Teixeira¹¹, que havia estudado com Dewey (1978) nos Estados Unidos, e tornou-se um dos principais defensores da Escola Nova única, aberta a todos, laica e gratuita. Anísio Teixeira propunha que a rede escolar deveria ser de tempo integral e que as escolas se responsabilizassem pela promoção de cidadania e saúde.

O Brasil recebeu a influência da Escola Nova na década de 1920. O método que privilegiava a criança no processo educativo teve uma interpretação própria dada à realidade do país à época. Considere-se, por exemplo, que, após a “Revolução de 1930”, o Estado brasileiro passa por uma reorganização, exigindo de vários setores públicos uma redefinição de ações. Dessa forma, o campo educacional vai tomando um novo contorno, pois, como afirma Ghiraldelli Júnior (1991, p. 39):

Entre 1930 e 1937, o Brasil viveu um dos períodos de maior radicalização política de sua história. Essa época de efervescência ideológica foi substancialmente rica na diversidade de projetos distintos para a sociedade brasileira. Em cada um desses projetos não faltou a elaboração de uma nova política educacional no país.

¹¹Anísio Teixeira realizou o mestrado na Universidade de Columbia em 1929, ocasião em que fez estudos com John Dewey. Após seu retorno ao Brasil, traduziu dois ensaios de Dewey, “A criança e o programa escolar” e “Interesse e esforço”, reunidos no livro *Vida e Educação*, publicado em 1930 com uma introdução por ele redigida. E em 1933 publicou o livro *Educação progressiva: uma introdução à filosofia da educação*, declaradamente filiado ao pensamento pedagógico de John Dewey.

É nesse contexto que um grupo de intelectuais de vanguarda acabou por publicar o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, no início da Era Vargas (1930-1945), trazendo como proposta a renovação das bases pedagógicas e a reformulação da política educacional para um “Brasil Novo”. Os chamados “pioneiros da educação nova” manifestavam o desejo de construção de um país em bases urbano-industriais democráticas. Reuniam-se desde o final dos anos 20, em Conferências Nacionais promovidas pela Associação Brasileira de Educação — ABE¹² —, em cujas ocasiões as propostas educacionais eram discutidas e das quais participavam os principais interessados pelos rumos da educação no país. O marco mais expressivo desse movimento se configurou com a publicação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” no ano de 1932. Esse documento contou com a assinatura dos expoentes do meio educacional brasileiro que entendiam a necessidade de construir uma nação moderna em que fosse possível transformar a sociedade por meio da educação.

Fiori (1975, p. 153), ao falar sobre a escola nova em Santa Catarina, afirma que:

A escola nova, instituída em Santa Catarina por meio de decreto, revela o grande desejo do Estado em sintonizar-se com as instituições federais. Nessa época, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério da Educação era uma poderosa fonte de divulgação de idéias renovadoras em educação. A adesão oficial do Estado a essas idéias expressava um desejo de identificação com as concepções educacionais básicas, endossadas pelos órgãos do governo Federal.

Historicamente, a educação secundária, no Estado de Santa Catarina, tem um caráter elitista, ou seja, é destinada a uma pequena parcela da população. Na Primeira República, o Ginásio Catarinense era o único estabelecimento que oferecia o ensino secundário no estado, formando, em média, doze alunos por ano, quase sempre de classes sociais de maior poder aquisitivo (DALLABRIDA, 2001). Com a re-estruturação feita pelo Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, o ensino secundário é dividido em dois ciclos — fundamental e complementar —, ganhando mais organicidade a partir da década de 1930. Nesse período, apesar da expansão dos colégios de ensino secundário no Estado de Santa Catarina, é possível dizer que a educação atingia uma parcela ínfima da população, visto que a maioria das instituições era privada e localizada nas principais cidades, sobretudo nos grandes centros urbanos, onde se concentravam as classes mais abastadas. No final da década de 1930, o Estado de Santa Catarina possuía apenas oito instituições com ensino secundário: Ginásio Diocesano (Lages), Colégio Santo Antônio (Blumenau), Ginásio Lagunense (Laguna),

¹²Associação Brasileira de Educação, fundada em 1924, no Rio de Janeiro, por iniciativa de alguns intelectuais, entre eles, o professor Heitor Lyra da Silva (1879-1926), da Escola de Belas-Artes.

Ginásio Barão de Antonina (Mafra), Ginásio Aurora (Caçador), Colégio Coração de Jesus (Florianópolis), Ginásio Bom Jesus (Joinville) e o Ginásio Catarinense (Florianópolis) (DALLABRIDA, 2006).

O ano de 1946, quando o Estado decide tomar as primeiras medidas para a criação de ginásios públicos, pode ser considerado um divisor de águas na área da educação escolar catarinense. A partir daí, um maior número de catarinenses tiveram a oportunidade de estender seus estudos. Com a aplicação da Lei Orgânica do Ensino Normal (art. 42), Decreto-lei nº 8529 (DECRETO LEI, 1946), que previa a instalação de cursos ginasiais de 1º ciclo em Escolas Normais e Institutos de Educação, Santa Catarina ganha mais três cursos ginasiais públicos: o Ginásio Pedro II, em Blumenau (1946); o Instituto Estadual Dias Velho, atual Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis (1947)¹³; e o Ginásio Vidal Ramos, em Lages (1947).

Estudos como os de Spósito (1984) e Nunes (1990), apud Duarte (2007), mostram que as camadas de classe média da sociedade, ao final da década de 1950 e início de 1960, instigadas pela política populista, organizaram movimentos reivindicando a ampliação do ensino médio para seus filhos, principalmente nas capitais e centros urbanos e industriais. “Se o processo de industrialização brasileira exigia um ensino secundário renovado, como continuação do ensino elementar e preparação para o trabalho, por sua vez a classe média, de um modo geral, exigia o ensino secundário tradicional e mais barato” (NUNES, 1980, apud DUARTE; DALLABRIDA, 2007, p. 50).

Nesse momento histórico, em Florianópolis, com a criação da Universidade Federal de Santa Catarina, foi implantado o seu Ginásio. Esse estabelecimento de ensino secundário, vinculado à tradição inovadora dos colégios de Aplicação no Brasil, marcado pela experimentação, serviria de campo de estágio aos alunos dos cursos de licenciatura da UFSC. Dessa forma, o Ginásio de Florianópolis proporcionou uma cultura escolar de vanguarda, que implementaria práticas escolares diferenciadas e democráticas.

¹³ De acordo com Dallabrida (2006, p. 131), somente em 1947, durante o Governo de Aderbal Ramos da SILVA, foi criado o curso ginasial no Instituto de Educação Dias Velho, localizado na capital catarinense, que oferecia os cursos normal e primário, e dois anos depois foram implantados os cursos do ciclo colegial do ensino secundário.

1.2 Espaço físico: da dependência da UFSC ao prédio próprio

Estando o Ginásio de Aplicação localizado no Campus Universitário, pressupõe-se que teria oportunidade de compartilhar, ao menos parcialmente, dos recursos de laboratórios, áreas internas de esporte e lazer, e atividades extraclasse da UFSC.

Porém, o espaço físico do Ginásio de Aplicação sempre foi um problema sério, mesmo fazendo parte de uma instituição como a universidade. No Relatório de Verificação Prévia do Ginásio à Inspectora do Ensino Secundário — Maria Therezinha Chagas Corrêa —, em 14/3/1961, encontra-se: “O edifício é de linhas modernas, construção de primeira, dentro dos melhores padrões, tanto no que toca ao material como no que diz respeito ao aspecto funcional” (informação verbal)¹⁴.

Em seus primeiros anos de funcionamento, apesar de toda a descrição detalhada no Relatório, apenas nos dois primeiros anos as aulas foram ministradas em salas da Faculdade Catarinense de Filosofia, recém inauguradas na Cidade Universitária, no bairro da Trindade, como se pode ver na Fotografia 1. Nessa mesma fotografia, encontra-se o ônibus universitário, que transportava os alunos da universidade e do Colégio de Aplicação, do Campus Universitário ao centro da cidade de Florianópolis.

¹⁴Ainda no referido relatório consta “Enquanto não se constrói o prédio próprio para biblioteca, acha-se ela provisoriamente instalada em três salas do 2º pavimento do edifício (sala de bedéis, sala de reuniões e escritório contíguo), ocupando uma área total de 116m82cm². A sala menor destina-se aos professores; a sala maior, aos livros e a consultas, a sala média, aos alunos. A iluminação é farta e perfeita. Os livros, cuja relação vai anexa e cujo número excede a 1.000 volumes, estão arrumados em prateleiras fixas, abertas, para o funcionamento do sistema de livre acesso. O mobiliário é de madeira; consta de mesa grande com doze cadeiras, de trinta mesas individuais com respectivas cadeiras, fichários, arquivo e máquina de escrever. Já o Auditório, localizado no 1º pavimento, ocupa uma área de 250m² livres, tendo em anexo uma outra área de 75m² destinada à sala de estar e cafeteria. Não se acha dotado de palco fixo, mas de estrado para teatro de arena.



Fotografia 1: Primeiras instalações do Ginásio de Aplicação – Faculdade Catarinense de Filosofia.
Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação/UFSC.



Fotografia 2: Prédio “Norte Madeira”
Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação/UFSC.

Com a admissão de novas turmas de alunos, o ginásio passou para o prédio “Norte de Madeira”, carinhosamente chamado pelos ex-alunos e ex-professores de “casinhas de madeira” (ver Fotografia 2). Em seguida, foi construído o prédio “Sul de Madeira”, transferindo-se o ginásio depois para o centro da cidade. Voltou para o prédio do Centro de Educação e, finalmente, para o prédio próprio, onde funcionam atualmente todos os segmentos do Colégio.

Nas palavras de Aldo Vieira (2008, p. 3), ex-aluno:

Naquela época não havia essa estrutura física. O prédio da Faculdade de Filosofia era o único em alvenaria, entre ele e o do Ginásio de Aplicação havia uma quadra de vôlei demarcada com tijolos de cimento (elementos vazados), onde jogávamos muito. Já o campo de futebol onde realizávamos as Olimpíadas era exatamente onde hoje é o Centro Tecnológico. Este campo era da comunidade, disputadíssimo nos finais de semana, onde nos divertíamos muito assistindo a jogos de futebol amador (Irmãos Vidal e Trindadense Futebol Clube) (informação verbal)¹⁵.

Celso Martins Silveira Filho (2008, p. 3), ex-aluno do colégio, lembra que, quando começou a estudar no Aplicação, o campus apresentava poucas construções. As ruas não eram pavimentadas, e o principal acesso em dias de chuva ficava tomado pela lama - muitas vezes era preciso tirar os sapatos e as meias ao atravessar o lamaçal, e lavar os pés ao chegar ao colégio, antes de recolocar os calçados (informação verbal)¹⁶.

Também sobre a questão do espaço físico do colégio, a professora Eda Maria Evangelista Brito (2009, p. 1), primeira professora de Português do Ginásio de Aplicação, lembra que, mesmo não possuindo um espaço próprio do colégio, as aulas eram desenvolvidas de maneira agradável “[...] era uma turminha com poucos alunos e parecia uma família.” (informação verbal)¹⁷. Esse número pequeno de alunos por turma possibilitava um acompanhamento mais individualizado e um maior conhecimento do aluno por parte do docente, já que se podia dedicar um tempo mais individualizado a cada um deles.

Maria Conceição Alves Rodrigues (2008, p. 3), também professora da disciplina de Português, em relação ao espaço físico, conta que “viviam dizendo que iam desmanchá-las, porém nada acontecia e ficaram um tempão dando aula nas casinhas de madeira.” (informação verbal)¹⁸.

A ex- aluna Izabel Gomes (2008, p. 4), da segunda turma do Ginásio, lembra que as turmas da primeira e segunda séries tinham aulas nas salas das duas primeiras casinhas e a terceira e quarta séries ficavam nas casinhas ao lado. Então era um orgulho quando passavam de uma casinha para a outra, sinalizava que estavam maiores (informação verbal)¹⁹.

O professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa (2009, p. 1), que na época lecionava a disciplina de Desenho, ao rememorar alguns detalhes sobre o espaço físico, coloca que “No

¹⁵ Entrevista concedida por Aldo Vieira em 07 de agosto de 2007.

¹⁶ Entrevista concedida por Celso Martins Silveira Filho em 12 de julho de 2008.

¹⁷ Entrevista concedida por Eda Maria Evangelista Brito em 12 de fevereiro de 2009.

¹⁸ Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

¹⁹ Entrevista concedida por Izabel Gomes em 25 de março de 2008.

período de inverno fazia muito frio nas casinhas, então levava os alunos para dar aula na rua, pois assim se aqueciam com o sol.” (informação verbal)²⁰.

O professor de Educação Física, Ernesto Vahl Filho (2009, p. 4), comenta “Ali só tinha gramado, as casinhas e a Filosofia, então tínhamos que trabalhar com essas condições mesmo.” (informação verbal)²¹.

Também sobre essa questão, Valter da Luz (2008, p. 5), ex-aluno do colégio, lembra que:

Residíamos no bairro Agrônômica — no Abrigo de Menores —, e na época a Trindade era um pequeno vilarejo e o trajeto até o colégio era de chão batido. Eu e meus amigos subíamos no caminhão do Abrigo — a turma toda, com chuva ou sem chuva e lá íamos nós (informação verbal)²².

Os relatos a respeito do espaço físico permitem afirmar que tanto por parte dos alunos como dos professores a estrutura causava certas restrições mas, segundo os entrevistados, nada que impedisse o bom funcionamento das atividades pedagógicas do colégio, “que estava nascendo com a universidade” (informação verbal)²³, diz Eda Maria Evangelista Brito (2009, p. 1).

O Ginásio de Aplicação da Universidade de Santa Catarina passou a fazer parte da rede de escolas secundárias do estado no ano de 1961, sob a direção do professor Jamil El Jack, catedrático de Didática Geral e Especial da Faculdade Catarinense de Filosofia²⁴.

Foi na década de sessenta que as universidades viveram a reforma universitária, que incluiu a possibilidade de desenvolvimento das ações de ensino, pesquisa e extensão:

Com a Reforma Universitária, instituída pela Lei 5.540, promulgada em 28 de novembro de 1968, passando a vigorar em 1970, entre outras alterações, foi substituído o sistema de cátedras por departamentos. O objetivo foi implantar a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, modernizar a estrutura administrativa e do corpo docente. Essa modificação verticalizou uma hierarquia que se segue em departamentos, unidades de ensino para o cumprimento de currículos distintos, instalando dessa forma um sistema de controle formal-burocrático nas universidades, ao mesmo tempo que segregou e individualizou a organização do trabalho dos professores. (LAFFIN, 2002, p. 169).

Essas ações também são destacadas por Silva (1989, p. 39), ao afirmar que o Ginásio de Aplicação tinha como finalidade “servir de campo de observação, pesquisa, experimentação, demonstração e aplicação de métodos e técnicas modernas de ensino”,

²⁰ Entrevista concedida por Carlos Humberto Pederneiras Corrêa em 24 de março de 2009.

²¹ Entrevista concedida por Ernesto Vahl Filho em 14 de setembro de 2008.

²² Entrevista concedida por Valter da Luz em 19 de dezembro de 2008.

²³ Entrevista concedida por Eda Maria Evangelista Brito em 12 de fevereiro de 2009.

²⁴ De acordo com o previsto no Artigo 5º do Decreto-Lei nº 9.053/1946, o qual determina: “caberá ao catedrático de didática geral de cada Faculdade a direção e a responsabilidade do Ginásio de Aplicação” (BRASIL, 1946).

elementos que só vão ser explicitados em 1968, no Regimento da escola, pois o artigo 1º do Regimento do Ginásio de Aplicação de 1963 indica apenas ações de ensino:

O Ginásio de Aplicação da Faculdade Catarinense de Filosofia, fundado e mantido pela Faculdade com sede em Florianópolis, Estado de Santa Catarina, tem por objetivo ministrar o ensino secundário dentro dos planos, leis e normas estabelecidas pela Legislação Federal em vigor, dentro dos princípios de liberdade e dos ideais de solidariedade humana, destinando-se, especialmente, na conformidade de Decreto-Lei nº 9053, de 12 de março de 1956, à prática docente dos alunos matriculados no curso de Didática (REGIMENTO INTERNO, 1963).

Segundo Silva (1989), o Artigo 1º do novo regimento, aprovado em 1966, difere desse apenas por suprimir a expressão “princípios de liberdade”. Essa alteração suscita a seguinte indagação: a retirada da expressão “princípios de liberdade” do novo regimento insere-se sob a influência do período marcado pela ditadura militar?

No que diz respeito ao caráter de escola experimental, Silva (1989, p. 39-40) ainda observa:

Esse caráter de escola experimental esteve sempre presente no discurso e na ação do corpo de professores, que foi lentamente se constituindo ao longo dos primeiros anos do seu funcionamento. No entanto, mesmo se fazendo presente na finalidade da escola durante o primeiro período (61-66), o Ginásio de Aplicação, em muitos aspectos, pouco se diferenciava das outras escolas da época. O ingresso dos alunos se dava por meio de exame de admissão, a escola estava organizada em classes e a avaliação da aprendizagem era sintetizada em notas bimestrais.

A mesma pesquisadora diz que a possibilidade de tornar a experimentação efetiva variou em função de quem ocupava a cadeira de Didática e que era, então, por força do estabelecido no Decreto-Lei nº 9053/46, o Diretor do Ginásio.

O quadro permanente de docentes do Ginásio de Aplicação era constituído pelos professores do Departamento de Métodos de Ensino e por professores contratados pelo Colégio, além de um corpo rotativo, composto por alunos que, depois de formados nos cursos de licenciatura, eram convidados a fazer um estágio de um ano na escola. Segundo a professora Maria Conceição Alves Rodrigues, “a maior parte dos professores contratados pela escola haviam sido estagiários no próprio colégio. Aqueles que se destacassem durante o estágio prático eram convidados a ficar conosco. E muitos deles ficavam.”²⁵ (informação verbal)²⁶.

No Relatório de Atividades do Colégio de Aplicação, Marçal Mello Filho, ex-diretor do colégio (1972), retrata a postura que a escola buscava:

²⁵ Professores-estagiários do Colégio de Aplicação na década de 1960: Maria Conceição Figueredo (Português), Izeu Ribeiro de Araújo (Matemática), Marçal Melo Filho (História), Maria Helena Rodrigues Schimith (Inglês), Carmem Rosa Caldas (Inglês), Noemi Regina Silva (Francês), Luiz Alves Rodrigues (Desenho), Gilberto Michels (Ciências) e Regina Iara Dittrich (História).

²⁶ Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

O Colégio de Aplicação foi criado em 1961 para oferecer maior quantidade possível de contribuições no sentido de aperfeiçoamento do ensino médio brasileiro. Temos a obrigação de criar, experimentar e divulgar nossos métodos e nossas técnicas de ensino. De procurar oferecer aos nossos alunos efetiva oportunidade de verdadeira educação, para que sejam homens de seu tempo, de seu país e de seu mundo (RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO, 1973).

Maria Conceição Alves Rodrigues (2008, p. 4), ao informar sobre a implantação do Ginásio, diz que:

Nós, os professores, queríamos fazer com que o colégio fosse um difusor de novas metodologias, onde tudo que fizéssemos fosse estendido para a comunidade. O sistema de avaliação, a metodologia, sistema de aula, tudo deveria ser repassado para a comunidade através dos alunos que, depois de formados, adotariam esta prática nas escolas públicas em que fossem lecionar (informação verbal)²⁷.

Nesse sentido, Sena e Vahl (1987, p. 22) situam que o

Ginásio de Aplicação, estendendo suas pesquisas e respectivos resultados às demais escolas, estimulará o Sistema Estadual de Ensino a proporcionar as condições mínimas necessárias para uma melhor qualidade do ensino sob sua responsabilidade.

Entretanto, apesar da estrutura e organização proposta para o funcionamento do Ginásio de Aplicação/UFSC, pouco se sabe, ou não há registros formais, acerca das práticas escolares pensadas e aplicadas pelos(as) profissionais da educação que atuaram como diretores(as) e professores(as) na época. Como, por exemplo: qual(is) era(m) a(as) concepção(ões) desses(as) educadores(as) a respeito do ensino e da aprendizagem na época? Quais os saberes e práticas eram considerados inovadores? Ou ainda, o que representava estar inserido em uma instituição vinculada a uma universidade e de onde eram oriundos os programas e currículos das disciplinas? Esses seguiam o que prescrevia o Conselho Federal de Educação no que preconizava a Lei nº 4024 de 20/12/61?

A proposta da escola nova, como mencionado anteriormente, de tomar como ponto de partida os interesses e as necessidades do aluno, bem como a realidade próxima que o cerca, preparando-o, assim, para a vida em comunidade é uma das aproximações com a finalidade do Ginásio de Aplicação, que buscava elaborar modelos curriculares flexíveis.

²⁷ Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

1.3 A seleção das primeiras turmas de alunos

Desde o início de seu funcionamento, o Ginásio de Aplicação adotou o regime co-educativo, com número reduzido de alunos por turmas, favorecendo assim o ensino por meio de trabalhos em grupo, de pesquisas, enfim, uma prática diferenciada da escola entendida como tradicional²⁸. É nesse cenário de renovação pedagógica e de coeducação que o presente trabalho se insere. Segundo a professora Leda Scheibe, essas ideias circulavam livremente na época, aparentemente compreendidas como uma inovação pedagógica. Nesse sentido, os Ginásios de Aplicação situam-se, então, como possibilidade de um projeto político-pedagógico alicerçado em uma concepção escolanovista, como escolas de experimentação, de novas práticas pedagógicas, novos modelos de organização (informação verbal)²⁹. O Ginásio de Aplicação, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de Santa Catarina, funcionou, na década de 1960 (sua criação), como uma escola pública, laica e com o regime de coeducação³⁰.

A coeducação, de acordo com estudos da professora Almeida (2006, p. 1), era uma proposta educativa, presente nas discussões de intelectuais e educadores brasileiros desde o início, e posterior formação, da República do Brasil.

Os adeptos da coeducação dos sexos, inspirados no ideal americano e europeu, acreditavam que juntar meninos e meninas nas escolas seria benéfico e acentuaria seus pontos positivos, preparando-os mais eficazmente para a futura vida em comum.

Entre tantos pontos relevantes sobre como deveria funcionar o verdadeiro desenvolvimento da educação brasileira, o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” era favorável ao regime coeducativo. Acreditavam que tal regime deveria se estabelecer em todas as instituições educacionais, pois assim tornaria mais econômica a organização do sistema educacional brasileiro (O MANIFESTO, 1994, p. 235). Era um novo olhar, segundo o qual alunas e alunos tinham as mesmas oportunidades, os mesmos conteúdos, as mesmas experiências educacionais em uma mesma classe de aula.

²⁸ Tradicional no sentido de manter uma estrutura rígida no tocante à organização dos tempos e espaços, na concepção que favorecia o conhecimento centrado apenas na figura do professor e os conhecimentos trabalhados de forma linear.

²⁹ Entrevista concedida por Leda Scheibe em 02 de março de 2009.

³⁰ Coeducação entendida como a educação de alunos e alunas numa mesma série e classe de aula e não em série com classes separadas por sexo como acontecia de uma forma geral.

Em 15 de março de 1961, ano em que foi sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)³¹, o Ginásio de Aplicação contava com uma única turma composta por 23 alunos³² – a 1ª série ginásial, do então 1º ciclo –, que ingressou após exame de admissão, na forma estabelecida no Decreto-Lei Federal nº 4.244, de 9 de abril de 1942³³.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), no capítulo I “Da Educação de Grau Médio”, Artigo 36, recomendava que:

O ingresso na primeira série do 1º ciclo dos cursos de ensino médio depende de aprovação em exame de admissão, em que fique demonstrada satisfatória educação primária, desde que o educando tenha onze anos completos ou venha a alcançar essa idade no decorrer do ano letivo (BRASIL, 1961).

Constatou-se, através da pesquisa, que há contradições a respeito da forma de ingresso da primeira turma de alunos no Ginásio. O Relatório³⁴ da gestão da professora Teresinha de Fátima Pinheiro foi um dos documentos encontrados a respeito do ingresso dos alunos: “Organizadas as provas de Admissão, já ultrapassando o período normal de início das aulas no Estado, foram selecionados 23 alunos do Abrigo de Menores que teriam ônibus à sua disposição e gratuito”.

Scheibe (2009), ex-professora do Ginásio de Aplicação, manifesta-se em relação à clientela do Colégio de Aplicação dizendo que o colégio, na década de 1960, foi questionado relativamente à clientela que atendia. Embora houvesse começado a funcionar com um número significativo de alunos do Abrigo de Menores, ao longo do tempo foi incorporando setores mais abastados (informação verbal)³⁵. No entanto, por meio de entrevistas³⁶, obteve-se a informação de que, além dos alunos do Abrigo de Menores, outros ingressaram também por meio de exame de admissão no ano de 1961.

³¹ A LDBN foi aprovada em 1961 pela Câmara Federal após treze anos de discussões e concessões. Com sua aprovação, o sistema educacional ficou organizado em três níveis de ensino: o primário constituído pela educação primária e pelo ensino primário; o ensino secundário, que integrava o curso propedêutico, o técnico e a formação de professores; e o ensino superior. O ensino secundário era dividido entre os ciclos ginásial (4 anos) e o colegial (3 anos). O colegial propedêutico preparava para o ingresso no ensino superior, enquanto os colegiais técnicos estavam voltados ao mercado de trabalho.

³² Primeira turma ginásial: Ademir Francisco, Antônio Carlos Dias, Carlos Roberto Garcia Baran, Celita Olga Martins, Elson da Silva, Ilma Maria Lunardelli, Ivan Santiago, Lauro Almeida, Maria da Graça D Ávila, Maria Isabel Ferreira, Maria Teotônia Vieira, Márlio José Vieira, Nadir Martins dos Santos, Natália Eduvirgem Peres, Oneide Graciosa, Otávio Luiz Fernandes, Pedro d’Alcantara Cordeiro, Rosemira Vieira, Sandra Vilela Philipowesky, Sônia Bitencourt Herrmann, Tânia Anne Mary Ferreira e Tânia Mara Gentil.

³³ As provas do exame eram separadas em escritas e orais. As provas orais tinham como principal objetivo apurar o grau de desenvolvimento da linguagem expressiva do candidato (BRASIL, 1940, s.n.). Já as provas de Português e Aritmética eram eliminatórias, não podendo prestar exame oral o aluno que obtivesse nota inferior a 50 – numa escala de 0 a 10 em qualquer uma dessas disciplinas. ANEXO NA PAGINA 127.

³⁴ COLÉGIO DE APLICAÇÃO. Problemas levantados no exercício de criatividade e soluções sugeridas. Florianópolis, 1972.

³⁵ Entrevista concedida por Leda Scheibe em 02 de março de 2009.

³⁶ Entrevistas concedidas por Izabel Gomes e Madalena Ferreira em 2008.

Como já apontado anteriormente, Florianópolis, nesse período, contava apenas com três instituições de ensino que ofereciam curso Ginásial: o Colégio Catarinense — particular, católico, que praticava exclusivamente a educação masculina ; o Colégio Coração de Jesus — também particular e católico, mas voltado ao público feminino ; e o Colégio Estadual Dias Velho que, como o Ginásio de Aplicação, era laico, público, gratuito e com regime de coeducação.

Ainda sobre a questão do ingresso no curso ginásial do Aplicação, Giovanni Gerber (2008, p. 3), aluno das primeiras turmas, relata:

Fiz o curso primário na Escola Alferes Tiradentes, mais conhecida como Olga Brasil. Ao terminar a 4ª série, meus pais foram incentivados pela diretora dessa escola e por outras pessoas - que não lembro agora -, a optar pelo Aplicação. Falavam de escola diferente, de escola moderna, de escola avançada. Havia passado também no exame de admissão no Instituto Estadual de Educação. Morávamos no Estreito e naquela época tinha que pegar dois ônibus (...). Com o trajeto em paralelepípedo até a Penitenciária, depois estrada de barro até o Aplicação. Muitas vezes na volta para casa eu via que a fila da ponte Hercílio Luz estava no comecinho, eu saltava e atravessava a pé. Era mais rápido, mas valeu a pena e como valeu. Eu adorava aquele colégio (informação verbal)³⁷.

Por meio do relato, percebe-se que, apesar da dificuldade relacionada à sua locomoção, há o reconhecimento de que todo esforço feito pelo estudante Giovanni Gerber teve validade em seu processo de formação.

Nas palavras do ex-aluno Valter da Luz (2008, p. 2), evidencia-se a forma de ingresso no colégio: “Vim do Abrigo de Menores, lá os irmãos maristas nos preparavam muito bem, tínhamos um ritmo de estudo bem puxado. Então tive facilidade na hora de prestar o exame, não apenas eu, como também outros colegas do Abrigo.” (informação verbal)³⁸.

Eloá Vahl (2008), orientadora educacional do colégio, na época, lembra que, em um ano, o exame aconteceu no Restaurante Universitário, e os pais ficaram nas janelas observando. Era um exame muito concorrido e com um grande número de alunos (informação verbal)³⁹.

Sobre o ingresso dos alunos na 1ª série ginásial, encontrou-se, no Relatório Anual de 1969, um documento contendo a relação das escolas que seriam informadas pela direção do Ginásio de Aplicação sobre o exame: Escola Primária de Aplicação do Instituto Estadual de Educação, Grupo Escolar Hilda Teodoro Vieira, Grupo Escolar Padre Anchieta, Escola Lauro Muller, Escola Barreiros Filho, Escola Celso Ramos, Escola São José, Escola Silveira de Souza, Grupo Escolar Getúlio Vargas, Escola Municipal Beatriz de Souza Brito, Curso

³⁷ Entrevista concedida por Giovanni Gerber em 22 de outubro de 2007.

³⁸ Entrevista concedida por Valter da Luz em 19 de dezembro de 2008.

³⁹ Entrevista concedida por Eloá Vahl em 29 de julho de 2008.

Elementar Menino Jesus, Curso Particular Alferes Tiradentes e Escola Mista Municipal do Córrego Grande.

Nesse sentido, pode-se pensar que a divulgação feita pela direção do Ginásio de Aplicação, quanto ao exame de admissão dos alunos das escolas mencionadas, tinha por objetivo salientar a importância da continuidade dos estudos no ciclo ginasial.

Em falas como as dos estudantes entrevistados e da professora, evidencia-se a importância que os mesmos atribuíam ao processo de ingresso no Ginásio de Aplicação. Analisando o número de matrículas nos anos de 1961 até 1969, constata-se que 52% eram compostas de alunos e 48% de alunas. Esses dados revelam que havia um equilíbrio entre os sexos durante essa década naquela instituição escolar, confirmando, assim, o regime de coeducação anteriormente mencionado. A cada ano subsequente foi sendo acrescentada uma nova série até completar as quatro séries do ciclo ginasial.

Analisados esses elementos, é perceptível a importância da UFSC e do seu Ginásio de Aplicação que, vinculado à tradição inovadora dos Colégios de Aplicação do Brasil e marcado pela experimentação, serve de campo de estágio aos alunos do curso de licenciatura da UFSC.

Dessa forma, o Colégio de Aplicação de Florianópolis proporciona elementos para a constituição de uma cultura escolar de vanguarda, com práticas educativas que se propõem diferenciadas e democráticas, as quais serão analisadas na sequência do trabalho.

2 A APROPRIAÇÃO DOS SABERES NO GINÁSIO DE APLICAÇÃO

Acredita-se que os saberes escolares que circulavam no Ginásio de Aplicação, na década de 1960, eram saberes que propunham novas metodologias de aprendizagem (muito usuais nas escolas experimentais) e eram organizados coletivamente pelo corpo docente. Era o saber que, conjugando teoria e prática, refletia, entre outros, um compromisso político com a educação. Portanto, ele envolvia o saber do professor, o saber-fazer e sua atividade frente ao seu trabalho como educador.

Na continuidade do estudo, toma-se como foco a questão dos saberes escolares no Ginásio de Aplicação, pois o que sabemos ou não, no dia a dia e nos mais diversos contextos sociais, está legitimado pela aprendizagem escolar, e esta se torna, cada vez mais, questão central para a construção do conhecimento. O que a escola ensina, o que os alunos aprendem e o que se materializa no currículo são temáticas em permanente debate. Quais os saberes que circulam e as normas que regulamentam a transmissão desses saberes? Quem deve ter acesso a que conhecimentos? Que regras devem guiar o ensino? Como e por que historicamente a escola se estruturou de determinada forma?

Julia (2001, p. 38) diz que:

A história dos conteúdos de ensino foi concebida durante muito tempo como um processo de transmissão direta de saberes construídos fora da escola: esta última, entendida, nesse caso, como um instrumento neutro e passivo, tem funcionado como filtro de simplificação onde as ciências de referência depositam suas escórias, deixando passar apenas o essencial.

Ao situar a questão dos saberes, parte-se do pressuposto de que pensar a escola faz-se a partir de um entendimento de que ela é uma organização “[...] escolar que historicamente conhecemos [que] corresponde a modos específicos de organizar os espaços, os tempos, os agrupamentos dos alunos e as modalidades de relação com o saber.” (CANÁRIO, 2001, p. 4).

Sendo assim, é a sala de aula um importante espaço para se pensar e organizar o ensino, os saberes e, conseqüentemente, compreender o processo de aprendizagem dos alunos. Muito mais do que pensar no cumprimento de um currículo prescrito, faz-se imprescindível perceber como os saberes são efetivados a partir da ação do corpo dirigente e docente.

Sem dúvida, é necessário estudar os conteúdos ensinados, mas é conveniente fazê-lo sempre em relação estreita com os métodos e as práticas, se quer compreender o que se passa realmente em sala de aula. Trata-se do mais difícil, já que geralmente as práticas não deixam nenhum traço e devem frequentemente ser identificadas de maneira hipotética. (JULIA, 2001, p. 58).

Ainda conforme Gonçalves (2006, p. 133),

conhecer a maneira como a escola se produziu nas relações cotidianas é voltar-se para o seu funcionamento interno, o lugar onde a escola se faz, se realiza como escola. É nesse lugar que é possível apreender a cultura que ali se produziu ao longo do tempo histórico. No cotidiano de uma escola são estabelecidas várias relações que vão desde as relações de amizade às relações mais complexas, impostas pela vida profissional. Essas várias relações não são fáceis de ser analisadas isoladamente. São imbricadas, fazendo parte integral da formação da pessoa, que ao adentrar a vida escolar o faz carregando consigo a sua história de vida, o seu caráter, a sua crença, o seu ser.

Como se configuravam esses saberes na constituição do Ginásio de Aplicação? Como foram apresentados nos vários documentos da época e nas falas dos entrevistados? Esses questionamentos são abordados a seguir.

A leitura do Edital nº 7/64, enviado pela direção do Ginásio de Aplicação ao corpo docente, leva-nos a supor que a prática pedagógica pensada no Plano de Curso precisava incluir um “entrosamento” das disciplinas, como um dos componentes da cultura escolar posta em prática no colégio no início de sua constituição. Isso fica evidente no trecho do edital: “De ordem do Senhor Diretor do Ginásio [...] levo ao conhecimento dos Senhores Professores que deverão entregar, no prazo de 15 dias, os Planos de Curso com entrosamento das disciplinas, a contar da data da publicação.” (Edital 7/64, GINÁSIO DE APLICAÇÃO, LIVRO DE RELATÓRIOS, 1961-1969).

Nessa perspectiva, torna-se relevante perceber como o corpo dirigente e o docente do Ginásio de Aplicação se apropriaram dos saberes e os organizaram e transmitiram aos alunos, por meio de uma prática escolar própria e com finalidades específicas.

Faz-se necessário aqui lembrar Chervel (1990), quando diz que a história de uma disciplina escolar pode ser captada em seus múltiplos determinantes, especialmente no que tange às finalidades, aos conteúdos e aos resultados esperados e obtidos do processo de escolarização. Privilegiar-se-á, neste capítulo, como as disciplinas foram apropriadas pelo corpo dirigente e docente e apresentadas aos alunos do Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, ou seja, como os agentes dessa instituição desenvolveram o saber e a forma de tratá-lo por meio de um estilo pedagógico particular. Pretende-se, portanto, analisar o recorte do saber selecionado pela instituição escolar e as práticas relacionadas à sua transmissão.

Nessa direção, segundo o Regimento do Ginásio de Aplicação, o currículo do curso ginásial compreendia as “disciplinas obrigatórias”⁴⁰, as “disciplinas complementares”, as “disciplinas optativas” e as “práticas educativas”.

Eram disciplinas obrigatórias: Português, Matemática, Geografia, História e Ciências Físicas e Biológicas; compunham o quadro das disciplinas complementares: Inglês, Organização Social e Política Brasileira; Francês e Desenho compunham as disciplinas optativas. Já em relação às disciplinas de caráter de Práticas Educativas, encontrou-se Educação Artística, Educação Física e Canto Orfeônico. A disciplina Educação Religiosa constava como disciplina facultativa. (GINÁSIO DE APLICAÇÃO, LIVRO DE RELATÓRIOS, 1961-1969).

Disciplina / Série	Ano																															
	1961		1962			1963			1964				1965				1966				1967				1968				1969			
	1a	1a	2a	1a	2a	3a	1a	2a	3a	4a	1a	2a	3a	4a	1a	2a	3a	4a	1a	2a	3a	4a	1a	2a	3a	4a	1a	2a	3a	4a		
Português	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					x	x	x	x	x	x	x	x						
Latim	x							x	x			x																				
Francês	x					x				x				x																x		
Matemática	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					x	x	x	x	x	x	x	x				x		
História	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					x	x	x	x	x	x	x	x				x		
Geografia	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					x	x	x	x	x	x	x	x				x		
Trabalhos Manuais	x																															
Desenho	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					x							x	x	x	x	x		
Canto	x						x	x	x	x	x	x	x																			
Iniciação Ciências			x		x	x	x	x					x	x					x													
Inglês			x		x	x			x	x				x	x																	
Técnicas Comerciais			x		x	x			x	x				x	x																	
Educação Física	x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					x							x	x	x	x	x		
Educação Artística																																
Ciências Físicas e Biológicas										x	x			x	x																	
Artes																																
OSP										x	x			x	x																	
Artes Industriais											x	x			x																	
Orientação Educacional																																

Quadro 3: Disciplinas do Ginásio de Aplicação - década de 1960

Fonte: Livro de Relatórios - 1961-1969 do Ginásio de Aplicação - Relatório Anual de Inspeção, 1968.

A estrutura curricular mínima, proposta pelo Ministério da Educação e Cultura e Conselho Estadual de Educação como exigência aos ginásios equiparados, não era impedimento para que cada instituição de ensino se apropriasse e alterasse seu currículo. Portanto, as instituições escolares, ao operarem recortes de saberes de acordo com seus interesses, legitimava quando lhes convinha e ignorava-os quando não.

Um acontecimento relevante e ainda “vivo” nas recordações de alguns professores é referenciado pela professora Maria Conceição Alves Rodrigues (2008, p. 4): “A realização de um Seminário ocorrido no colégio, em fevereiro de 1967, sob a coordenação da professora

⁴⁰ Capítulo IV Do Currículo do Regimento Interno do Ginásio de Aplicação. Parágrafo único – a estrutura fará parte de um anexo do presente Regimento, tendo em vista o caráter experimental da Escola e visando proporcionar aos alunos um maior número de opções. (REGIMENTO INTERNO, 1968, p. 12).

mestra Margot Ott, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi significativo para o corpo docente e dirigente do colégio, pois [...] durante alguns dias de fevereiro participamos deste seminário e dele foi elaborado o Planejamento Geral do colégio para o ano de 1967, intitulado "Integração do Aluno na sua Comunidade" (informação verbal)⁴¹.

Nesse planejamento foram levantadas questões referentes à comunidade local, nacional e internacional, bem como as qualidades básicas que o aluno deveria ter para a superação dos problemas apontados. A estrutura para avaliação dos alunos também se fez presente nesse documento. Com a intenção de destacar problemas da comunidade local, foram levantados, por exemplo, possíveis problemas que impediam Florianópolis de "ir para frente". Sobre esse documento, a professora Maria Conceição Alves Rodrigues (2008, p. 4) informa:

A cidade era muito parada, nada acontecia. O que Florianópolis precisava para melhorar? O que deveríamos desenvolver nos alunos para tirar Florianópolis da estagnação? Falta de comunicação, as frases não fluíam. Que tipo de gente Florianópolis precisava? Obras sem continuidade, o Hotel Dunas, na praia da Lagoa, por exemplo, era uma vergonha, nunca saiu do esqueleto e inúmeras outras obras. Tudo que se começasse não ia adiante. Então que tipo de gente Florianópolis precisava? Gente Responsável, que soubesse se Comunicar e que tivesse Criatividade para solucionar os problemas (informação verbal)⁴².

O relato acima permite pensar que esse seminário representou um momento importante para a definição do currículo e da cultura escolar a partir daí engendrada

Questiona-se, entretanto, de que forma os professores elaboraram o perfil da comunidade local, nacional e internacional. Quais foram as fontes consultadas? Em que se basearam? As questões eram consenso ou havia divergência entre os professores do colégio?

Sobre esse planejamento, a professora de História, Leda Scheibe (2009, p. 2), ao ser questionada, aponta: "Saíamos com os alunos pela comunidade para levantarem possíveis impedimentos ao seu desenvolvimento" (informação verbal)⁴³.

No ano seguinte, alguns professores, a convite da professora Margot, foram participar de um estágio de aprimoramento didático-pedagógico no colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sobre o referido estágio, Édio Chagas (2008) (informação verbal)⁴⁴, diretor do ginásio no período de 1966 a 1970, diz que a participação dos professores, no Colégio de Aplicação da UFRGS, significou conquistas pedagógicas expressivas para a escola, principalmente

⁴¹ Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

⁴² Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

⁴³ Entrevista concedida por Leda Scheibe em 02 de março de 2009.

⁴⁴ Entrevista concedida por Édio Chagas em 12 de junho de 2008.

relacionadas ao processo de formação docente. Lima (2000, p. 166) também demonstra o vínculo existente entre a UFSC e UFRGS, afirmando:

No início nada tínhamos no setor de Engenharia e Arquitetura e, por isso, recorremos à nossa congênera, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde o grande Reitor Eliseu Paglioli nunca nos negou o seu apoio. Assim é que, mediante módico pagamento, o departamento competente daquela universidade projetou os primeiros prédios da Engenharia (Pavilhão de Mecânica, auditório para aulas e prédios de Administração, posteriormente transformado e adaptado para a atual Reitoria)

Ainda sobre a vinda da professora Margot Ott, da UFRGS, para Santa Catarina, Maria Conceição Alves Rodrigues (2008, p. 4) relata:

Acredito que ela tenha nos achado muito ‘verdinhos’. Não tínhamos muita experiência no magistério. Eu por exemplo, não fiz o curso Normal, havia dado aula no Instituto Estadual de Educação, mas não tinha experiência para grandes inovações. Foi aí que fomos convidados para fazermos estágio lá, no próprio colégio de Aplicação da UFRGS. Fui a primeira a ir, fiquei o mês de maio todo lá. A seleção do quadro docente, da referida instituição, era muito rigorosa. (informação verbal)⁴⁵.

Durante as buscas nos documentos do colégio, foram localizados alguns ofícios solicitando ao diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras encaminhamentos para a liberação de alguns professores do colégio para cursar pós-graduação, inclusive no exterior⁴⁶.

O Sistema Estadual de Ensino (Lei nº 3.191, de 08/05/63), no seu artigo 148, exigia que o magistério do ensino médio só fosse exercido por licenciados em Faculdades de Filosofia, Faculdade de Educação, professores habilitados em cursos especiais de formação para as cadeiras técnicas ou professores com exame de suficiência (AURAS, 1998).

Ainda referindo-se ao Planejamento Geral do colégio para o ano de 1967, Maria Conceição Alves Rodrigues (2008, p. 4) informa que os objetivos do Colégio foram traçados a partir do levantamento feito junto à comunidade, sendo que os planos de ensino das diferentes disciplinas deveriam contemplar o desenvolvimento da Criatividade, Comunicabilidade e Responsabilidade (informação verbal)⁴⁷.

Além dos objetivos, a escola estabeleceu também as “Ideias Fontes”, que, conforme a professora Maria Conceição Alves Rodrigues (2008, p. 4), “deveriam partir do mais simples para o mais complexo” (informação verbal)⁴⁸, ficando dessa forma organizadas:

1ª série – comunidade local (Trindade e Florianópolis);

⁴⁵ Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

⁴⁶ O Ofício Nº 67/69 onde a direção do colégio solicita afastamento da professora Leda Scheibe, responsável pelas disciplinas de História e Organização Social Política Brasileira no período de setembro de 1969 a 20 de maio de 1970 para cursar pós-graduação na Áustria. É reforçado na solicitação, a relevância da formação da professora para o Colégio de Aplicação.”

⁴⁷ Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

⁴⁸ Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

2ª série – comunidade estadual;

3ª série – comunidade regional;

4ª série – comunidade nacional.

Desse modo, diz Maria Conceição Alves Rodrigues (2008, p. 45), o conteúdo deveria girar em torno dessas ideias fontes:

[...] então planejávamos sempre em conjunto, nada era feito isoladamente. O professor Antônio Filomeno Neto, da disciplina de História era quem trazia as idéias, as bibliografias, era o estudioso. Todas as disciplinas Francês, Matemática (...) tudo articulado. Eu selecionava o conteúdo, montava o texto porque não adotava livro didático, preparava a técnica e dava aula. E isso para as quatro séries. Além disso eu ainda dava aula na faculdade para turmas que vinham logo depois de mim que me conheciam como aluna. Não era fácil. No começo eu quase desisti. Me apeguei muito a textos de autores locais como Virgílio Várzea, Otton Deça, Boss Júnior, alguma coisinha do Aníbal. Também a Revista Sul, que tinha literatura local, textos de autores que escreviam sobre Florianópolis, até descrição de catálogo telefônico era texto pra mim”. Então o aluno ganhava um texto, ele tinha que estar bonito, organizado, com uma boa letra e correto. Depois montávamos uma pasta com eles e durante o ano eles iam compondo o “livro” (...) exercícios e tudo adaptado à idéia fonte (...) era a metodologia adotada na época, tudo de mais moderno. O nosso “amigo” era o Lauro de Oliveira Lima⁴⁹, com suas dinâmicas de grupo, proporcionando um maior envolvimento dos alunos nas atividades. Para conseguir esse envolvimento utilizava-se de várias atividades como por exemplo, o cine-clube. Eles assistiam a filmes durante um bom tempo. Planejávamos também por série uma unidade de inovação no ano; por exemplo um ano a terceira série escreveria uma peça de teatro e depois montariam a peça (informação verbal)⁵⁰.

Percebe-se, nessa fala da professora, o desenvolvimento metodológico dos saberes, a busca do chamado entrosamento disciplinar apontado no Edital do Diretor do Colégio. Evidencia a atuação da professora como docente da faculdade: “Além disso, eu ainda dava aula na faculdade para turmas que vinham logo depois de mim que me conheciam como aluna.” (informação verbal)⁵¹. Esses elementos configuravam um conjunto de exigências ao trabalho docente da época: lecionar para as crianças e também na graduação, além da busca da chamada “inovação pedagógica”, o que, segundo a professora “Não era fácil. No começo eu quase desisti.” (informação verbal)⁵².

Dewey (1976, p. 42), ao refletir a respeito da formação docente, problematiza:

Qual, então, o verdadeiro sentido de preparação no quadro da educação? Em primeiro lugar, significa poder a pessoa velha ou moça extrair de sua experiência presente tudo que nela houver para si nesse momento em que a tem.

⁴⁹ A obra “A escola secundária moderna”, de Lauro de Oliveira Lima a julgar pelas sucessivas reedições, teve ampla divulgação na década de 1960, ganhando sobrevida na década de 1970, quando operou como contraponto à visão behaviorista na orientação da prática docente sob a égide da pedagogia tecnicista.

⁵⁰ Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

⁵¹ Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

⁵² Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

Pode-se pensar, assim, que considerar na docência as vivências anteriores e a construção do conhecimento por meio das interações sociais significa pensar na concepção de sujeito histórico. O diálogo constante entre os docentes permite a re-elaboração dos diversos saberes, o que acaba indicando novas práticas pedagógicas.

Outra prática considerada inovadora para a época, que merece destaque, foram as saídas de campo, as quais também incluíam a participação dos alunos do curso de Didática. Elas aconteciam com a intenção de uma melhor aprendizagem dos alunos em relação aos conteúdos trabalhados em sala. É recorrente a referência que os ex-alunos fazem sobre as saídas de campo. O relato abaixo sugere esse dado:

No dia 5 de abril, às 16 h e 30 min, o Grêmio de Português, acompanhado dos alunos, realizou uma visita à Gráfica da Universidade, nos terrenos da Reitoria. O objetivo da visita era despertar o interesse dos alunos pelas atividades jornalísticas, além de permitir o conhecimento das máquinas utilizadas na imprensa e seu funcionamento. A visita foi planejada, os alunos foram muito bem recepcionados, todos trouxeram ótimas impressões da gráfica e, assim, pensamos que os objetivos foram alcançados. Os alunos do Curso de Didática (Letras) acompanharam os alunos na visita (CHAGAS, 1968).

A professora Leda Scheibe (2009, p. 1) lembra na entrevista que

[...] a prática da dinâmica de grupo, júri simulado, espaço organizado na forma de círculo, era o auge da década de sessenta. No estudo da comunidade local e estadual, que realizava com as 5ª e 6ª séries, a maneira como organizava as apresentações dos alunos era sempre em grupo (informação verbal)⁵³.

As dinâmicas de grupo anteriormente mencionadas parecem ter sido um diferencial do colégio na década de 1960. O aluno Giovanni Gerber conta, com muita empolgação, um fato ocorrido no seu tempo na escola:

Os professores estimulavam muito os alunos, na criatividade, na expressão oral, nas mais diversas ocasiões. Imagina que, com apenas quatorze anos de idade, fomos até o Colégio Aderbal Ramos da Silva, no período noturno, demonstrar as técnicas de trabalho em grupo. Nunca me esqueço disso (informação verbal)⁵⁴.

⁵³ Entrevista concedida por Leda Scheibe em 02 de março de 2009.

⁵⁴ Entrevista concedida por Giovanni Gerber em 22 de outubro de 2007.



Fotografia 4: Júri simulado – década de 1960

Fonte: AGEKOM

Pela leitura desse relato é possível pensar a busca de apropriação das práticas ao ideário escolanovista. Desse modo, evidencia-se que o Ginásio de Aplicação, em seu percurso, acompanhou os discursos vigentes na época em relação à função da escola e nela as práticas e cultura escolar correspondentes. Percebe-se, no conjunto de falas analisadas, uma perspectiva de buscar implementar procedimentos pedagógicos capazes de responder à concepção de escola nova.

Por outro lado, tais falas também evidenciam a contradição: “[...] as suas aulas eram somente na base do pó de giz e saliva. Nunca foi conosco mostrar os acidentes geográficos em torno do ginásio. Não lembro se ela algum dia usou mapa” (informação verbal)⁵⁵, diz Izabel Gomes (2008, p. 3), referindo-se à professora de Geografia.

Percebe-se assim um assumir em parte, já que as contradições são notadas no conjunto dos professores e as práticas pedagógicas, na representação dos entrevistados, também apresentam práticas não coerentes com o ideário escolanovista.

⁵⁵ Entrevista concedida por Izabel Gomes em 25 de março de 2008.

2.1 O vernáculo, o Latim e as Línguas Estrangeiras

No currículo oficial, Português era disciplina obrigatória em todas as séries. As Línguas Estrangeiras (Inglês e Francês) eram também disciplinas obrigatórias e tinham importância equivalente. No ofício enviado pelo diretor Édio Chagas ao Centro de Cultura Anglo-Americano, no ano de 1969, percebe-se a importância dada pela instituição escolar às línguas modernas estrangeiras:

É com satisfação que acuso o recebimento do livro “Técnicas Modernas para o Ensino da Língua Inglesa no Curso Secundário”, juntamente com vosso ofício. De conformidade com a professora Eliane Dornbusch de Campos, responsável pela Cadeira de Inglês no Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, estamos vivamente interessados em aperfeiçoar cada vez mais os métodos Didático-Pedagógicos de nosso Colégio, o que nos leva, inicialmente, a solicitar a remessa de três volumes do livro em pauta, que serão distribuídos aos professores da Cadeira. Conforme as instruções contidas na página 69 do livro supra, seria para nós de extrema importância a visita de um professor credenciado por V. S., a fim de podermos estudar em conjunto as possibilidades de aplicação do método. Esperando para breve um pronunciamento de V.S., apresento os meus protestos de elevada estima e distinta consideração (CHAGAS, 1969).

Ainda Márlio José Vieira (2009, p.2), aluno da primeira turma do Ginásio de Aplicação, conta que, com a ajuda da professora da disciplina de Inglês — Eliane Dornbusch de Campos -, ele e seu colega de classe, Valter da Luz, foram agraciados com uma bolsa de estudos para o Instituto Brasil Estados Unidos (IBEU). Frequentar um cursinho de Inglês naquela ocasião era uma possibilidade para poucos em função das questões econômicas (informação verbal)⁵⁶.

Uma das professoras da disciplina de Inglês do Colégio de Aplicação, em sua tese de Doutorado (LUCENA, 2006), informa que, por volta dos anos 60, um sistema mais progressista de valores educacionais colocava o aprendiz num papel bem mais autônomo e a pedagogia de línguas passa a considerar o professor um facilitador da aprendizagem, que deve propiciar aos alunos um ambiente favorável, onde eles possam aprender através de experiências significativas e autônomas. O professor não é mais, então, um simples instrutor de regras que estabelece objetivos que, quase sem nenhum questionamento, devem ser alcançados (CLARK, 1987 apud LUCENA, 2006). Começa então a surgir a Abordagem Comunicativa de Ensino de Línguas, que evolui e se altera de acordo com as mudanças sociais e com a visão de mundo de cada época.

⁵⁶ Entrevista concedida por Márlio José Vieira em 14 de março de 2009.

Dallabrida (2001, p. 95) indica também que “a língua francesa sempre foi bastante empregada nas escolas secundárias brasileiras desde o império, utilizada pelas elites brasileiras, por ser considerada o modelo europeu estético mais bem refinado.” Mas na década de 1960, a língua francesa começou a perder importância para a inglesa. Esse dado permite pensar que aquela deixa de ser a língua de maior prestígio por conta da força econômica e política dos Estados Unidos no cenário Pós-Segunda Guerra Mundial. Esse fator parece ser a principal razão para uma língua se tornar internacional e de prestígio.

Livros como “Mon Livre de Français”, de Milton Cabral de Mello, “Nouvelles Leçons de Français”, de Henri de Lonteuil fazem parte de uma relação de livros existentes na Biblioteca Cruz e Sousa (Ginásio de Aplicação). Em um Relatório de 1963 da escola consta que, em relação ao espaço físico para ministrar essas aulas, encontrou-se o seguinte dado:

Localizada no 3º pavimento, e idêntica às salas de aula comuns, há uma Sala de Línguas Vivas. Como elementos de motivação, figuram nas paredes quadros e paisagens da França, dos Estados Unidos e da Inglaterra. Dispõe de rádio-vitrola, projetor, coleção de livros franceses e em língua inglesa, coleções de dispositivos e slides, de gravuras e de postais. (GINÁSIO DE APLICAÇÃO. LIVRO DE RELATÓRIOS, 1961-1969)

Considerando que nessa década eram praticamente inexistentes no Estado de Santa Catarina cursos de línguas que empregassem métodos audiovisuais, Giovanni Gerber (2007, p. 5) (informação verbal)⁵⁷, em entrevista, lembra: “Aprendíamos o francês com o recurso audiovisual, que era novidade na época. Não sei se tinha nas outras escolas da cidade. O francês que sei hoje aprendi no ginásio. Era muito engraçado toda aquela garotada aprendendo a língua.” Recorda-se também o ex-aluno Arnaldo Podestá Júnior (2007, p. 6) que: “[...] era comum nas aulas de Inglês (ministradas pela professora Eliane), o uso do gravador e do rolo audiovisual em slides.” (informação verbal)⁵⁸. Percebe-se assim a preocupação do corpo docente para com as inovações.

⁵⁷ Entrevista concedida por Giovanni Gerber em 22 de outubro de 2007.

⁵⁸ Entrevista concedida por Arnaldo Podestá Júnior em 20 de setembro de 2007.



Fotografia 5: Recurso audiovisual – a modernização no Ginásio de Aplicação – década de 1960
Fonte: AGEKOM

Sobre recursos audiovisuais, pode-se entender o que Souza (2007, p. 165), ao estudar a História da Cultura Material Escolar, coloca:

Do surgimento da lousa no século XVIII ao uso do computador no final do século XX, dos bancos às carteiras individuais, da instalação dos primeiros museus e laboratórios nas escolas primárias no século XIX às diferentes proposições de salas ambiente no decorrer do século XX, a composição material da educação escolar evidencia a incessante busca pela racionalização da escola como organização e as tentativas de tornar o ensino mais produtivo e eficiente, as aulas mais motivadas e atrativas, a educação mais moderna.

Nos depoimentos dos ex-alunos fica evidente que, de fato, os professores buscavam novas tecnologias para melhor qualificar e preparar a sociedade moderna. “Ser moderno” era estar informado e acompanhar as tendências da época, que pregavam a necessidade do progresso, condição e marca do status da civilização, compreendida como um empreendimento a ser apropriado e, assim, incorporado para o desenvolvimento da sociedade.

Quanto às aulas de Português, Fernando César Demetri (2008, p. 5), aluno do Ginásio de Aplicação, diz que os professores estimulavam muito a leitura, que estavam sempre em contato com livros, revistas e que, por ser argentino, tinha dificuldade com a pronúncia, e a turma fazia gozação. “A professora de Português pediu que eu trouxesse um livro em espanhol. Fiz a leitura de algum texto e daquele dia em diante os alunos ficaram surpresos e nunca mais fizeram brincadeiras.” Recorda ainda que “[...] sugeri aos seus pais que comprassem um gravador para treinar em casa, pois queria muito perder o sotaque.” (informação verbal)⁵⁹.

⁵⁹ Entrevista concedida por Fernando César Demetri em 12 de agosto de 2008.

É sabido que é por intermédio da prática da leitura que aprendemos a dominar o medo de escrever, de falar em público. Cada leitor interage com um determinado texto a partir de suas próprias vivências, sendo que a leitura tornou-se uma prática indispensável à vida na sociedade. Ela ocupa, assim, um papel central nas relações sociais. Cabe, então, à instituição escolar, responsável pelo ensino da leitura e da escrita, ampliar as experiências dos alunos de modo que eles possam ler e produzir diferentes textos com autonomia. Pode-se observar, na fala do aluno, o quanto a professora teve na sua postura pedagógica o cuidado de ver o aluno em seu crescimento, considerando seus interesses, suas necessidades, seus conhecimentos e sua cultura. Afinal, levou em consideração a peculiaridade do aluno, assim como também procurou promover a autoestima por meio de uma nova relação com o conhecimento e o prazer de aprender.

O aluno Jóris de Oliveira Marengo (2009, p. 1), ao utilizar o termo “inovação”, faz referência a um dos conceitos centrais da concepção escolanovista:

O Aplicação, no período em que o freqüentei, se caracterizou pela inovação. Tanto que já naquela época foi-nos proporcionado um encontro com o autor Paulo Autran – planejado pela professora de Português e de Artes. Foi curioso, pois não tínhamos a dimensão da sua importância para a dramaturgia brasileira e criamos, ele e nós, durante nosso encontro, uma troca riquíssima de informações, pois nos comportamos com ele como nossos professores da época nos ensinaram em sala de aula: questionar, debater, pesquisar e inovar (informação verbal)⁶⁰.

Valter da Luz (2008, p. 3), ao falar sobre o colégio, diz:

A professora de Português, além de muito dedicada, era bastante exigente [...] nas suas aulas escrevíamos peças de teatro, letras de música para as Olimpíadas. Penso que foi sob seu incentivo que demos início ao jornal do colégio (informação verbal)⁶¹.

Sobre o jornal, ele conta que teve o privilégio de ter sido presidente do jornal Corujinha, e lembra um episódio ocorrido em 1964, em que foram chamados pelo diretor e receberam uma repreensão. Havia escrito algo que não podia — era tempo de censura. Celso Martins Silveira Filho (2008, p. 4) também informou que foi dirigente do Governo Comunitário e que faziam jornais impressos e jornal-mural (com recortes de jornais, charges e imagens):

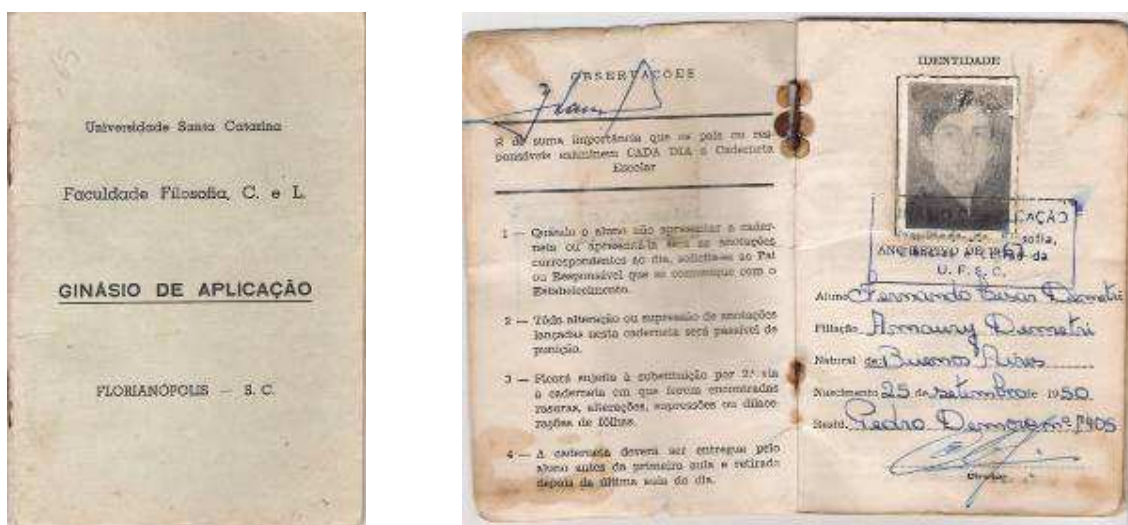
O que sempre nos causava problemas, pois para poder imprimir o jornal, as folhas de estêncil tinham que ser submetidas à direção da escola. Um deles, com críticas ao Restaurante Universitário (num momento em que o estudante universitário fazia protestos), retornou com a capa quase completamente pintada com verniz corretor — era assim, cobriam com verniz corretor o que não podia sair. Esse número em especial nem saiu, pois a capa ficou quase toda em branco (informação verbal)⁶².

⁶⁰ Entrevista concedida por Jóris de Oliveira Marengo em 27 de abril de 2008.

⁶¹ Entrevista concedida por Valter da Luz em 19 de dezembro de 2008.

⁶² Entrevista concedida por Celso Martins Silveira Filho em 12 de julho de 2008.

Isso significa que o mecanismo de controle durante o regime militar usado pela escola se contrapunha, assim, à perspectiva escolanovista que o colégio ambicionava adotar, em que o aluno é provocado a pensar, pesquisar, criar, questionar. Inclusive durante as entrevistas muitos alunos recordaram a figura do inspetor de aluno, responsável pela cobrança nas mais variadas funções, como fiscalizar o uso do uniforme, o comprimento das saias das alunas, a assinatura dos pais na caderneta quando enviada uma comunicação, os horários de entrada e saída do colégio, entre outras.



Fotografia 6: Caderneta escolar - década de 1960

Fonte: Acervo do aluno Fernando Cesar Demetri.

Márlio José Vieira (2009, p. 3), em suas recordações, destaca, entre os muitos acontecimentos que marcaram sua vida escolar nos anos em que foi aluno do colégio, a forma de avaliação de um dos professores de Português. Conta que um dos alunos era chamado ao quadro para realizar uma determinada atividade, e a nota era dada ali mesmo, na frente de toda a turma (informação verbal)⁶³.

Sobre as aulas de Português, nos primeiros anos do ginásio, Izabel Gomes (2008, p. 3) tem algumas lembranças:

Nós tínhamos que decorar algumas páginas do livro, artigos, parece que estou vendo o livro aqui na minha frente agora – capinha amarela. Hoje eu vejo o contra-senso que era – a História nos estimulava a interpretar e as aulas de Português, a decorar (informação verbal)⁶⁴.

Já o Latim, que foi durante um longo período a estrutura linguística escolhida para dar significado à doutrina católica, foi descrita pela aluna Izabel Gomes (2008, p. 4):

⁶³ Entrevista concedida por Márlio José Vieira em 14 de março de 2009.

⁶⁴ Entrevista concedida por Izabel Gomes em 25 de março de 2008.

O professor se preocupava mais com que os alunos escrevessem com a caneta sem encostar a mão no caderno do que transmitir o conteúdo de uma maneira que os alunos sentissem vontade de aprender (informação verbal)⁶⁵.

Também na relação de livros que compunham a Biblioteca Cruz e Sousa (Ginásio de Aplicação) foram encontrados: “Gramática Latina,” de José Ladislau Peter, e outra do Pe. Milton Valente, “Ludus Primus, Ludus Secundus, Ludus Tertius, Ludus Quartus” também do Pe. Milton Valente, “Latinidade” (1ª a 4ª série) de J.L. de Almeida, “Latim para o Ginásio”-1ª a 4ª séries de José Cretella Júnior, Pe. Milton Valente, “Dicionário Escolar Latim-Português” do MEC –Ministério de Educação e Cultura”, “Dicionário Escolar Latim-Português de Pe. H. Koehler S. J”., e “Dicionário Escolar Português-Latim(2vols.)” de Caro-Botari e Casado Gomes. (GINÁSIO DE APLICAÇÃO. LIVRO DE RELATÓRIOS, 1961-1969).

2.2 Conhecimentos históricos e geográficos

Percebe-se, na análise de documentos do acervo do ex-aluno Martinho Virgílio Ramos, do ano de 1967, uma ficha organizada pelos docentes no Conselho de Classe (outra prática da cultura escolar do ginásio), que acompanhava a caderneta escolar ao final do bimestre. A professora Leda Scheibe (2009, p. 1) indicava os conteúdos a serem estudados para Recuperação de História:

Início da Idade Moderna; Ligação Comercial entre o Oriente e Ocidente (como se processava este comércio e o que ocorreu para prejudicá-lo); A procura de novos caminhos para chegar ao Oriente e suas consequências; Os portugueses no Brasil nos primeiros tempos; Formação e desenvolvimento da sociedade brasileira; A independência do Brasil; Administração colonial; a Economia do Segundo Reinado.

Já Valter Manoel Gomes (2008, p. 2), um dos primeiros professores da disciplina de História do Ginásio, em entrevista, relata a liberdade que os professores tinham para elaborar os planos de ensino. Diz ele:

Na realidade, no que se refere ao planejamento, nós éramos prisioneiros da Portaria 501 do Ministério da Educação e Cultura. Não podíamos fugir muito daquilo, não. O professor Jamil, primeiro diretor do Ginásio, nos deu autorização para organizarmos os programas. Havia o currículo obrigatório, mas os programas nós fazíamos. Depois evoluímos e passamos a fazer nossos programas mais à vontade, dávamos títulos novos, mais presenciais, enfatizando a necessidade presente (informação verbal)⁶⁶.

⁶⁵ Entrevista concedida por Izabel Gomes em 25 de março de 2008.

⁶⁶ Entrevista concedida por Valter Manoel Gomes em 31 de julho de 2008.

O professor informa que na década de 1960 já sentiam o peso da ditadura ao afirmar que: “[...] era raro chegar um livro a Florianópolis. Havia na Praça XV de Novembro, no centro da cidade, a livraria Anita Garibaldi, aonde chegavam livros sobre comunismo. Em abril de 1964, alguns elementos de extrema direita queimaram a livraria.” Essa fala revela o poder, censura e controle no período da ditadura militar, deixando marcas por todos os lados.

Para o desenvolvimento do trabalho pedagógico em História, o professor Valter Manoel Gomes (2008, p. 3) aponta:

Fazíamos trabalhos em grupo (fazia barulho), muita pesquisa, ouvíamos o que eles tinham a dizer. Como professor de História, minha preocupação não era a de ensinar História e sim a realidade histórica. Queria muito menos que eles soubessem quem descobriu o Brasil e mais sobre os acontecimentos ao seu entorno (informação verbal)⁶⁷.

Sobre as tensões durante o período da ditadura, uma das professoras lembra que numa determinada aula o professor, ao trabalhar um texto com os alunos (acredita que elaborado por ele), teve um problema. Um dos pais, ao ler o conteúdo em casa, achou que era subversivo. Então o professor precisou ir ao 5º distrito, dar explicações, e voltou a trabalhar. Também o professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa (2009), que lecionava a disciplina de Desenho, informa que havia na Faculdade um agente da Polícia Federal controlando os professores e alunos. Isso era comum naquela época (informação verbal)⁶⁸ Em entrevista concedida por Patrícia Orofino, Ernani Bayer, ex-reitor da UFSC, também se manifestou relatando:

Nós tivemos aqui na universidade grandes eventos até contrariando certas diretrizes do Ministério da Educação, naquela época nós ainda estávamos na ditadura militar, houve a Conferência Nacional da OAB, foi a primeira vez que se reuniu num campus universitário, no próprio Federal como dizia a Chefe de Gabinete da Ministra. Ester chegou a dizer que a universidade não podia estar cedendo o próprio espaço federal para realização desses eventos, mas nós autorizamos, assim como autorizamos também a vinda de Luiz Carlos Prestes, também a convite dos estudantes. Meu carro foi buscá-lo no aeroporto, as autoridades militares não gostaram daquilo porque realmente achavam que era um absurdo Luiz Carlos Prestes estar usando um local federal (risos) para a sua palestra. Eu disse: “olha, o que o Luiz Carlos Prestes vai falar na universidade é matéria de currículo, são os 100 anos de Marxismo, então isso é matéria curricular, não é?” Então realmente a palestra foi realizada e naquela época evidentemente eu não fui bem olhado pelas autoridades porque era um comunista que estava aqui (risos) fazendo a sua pregação e não uma palestra de matéria curricular. É, era complicado porque sempre tinha aqueles, aquelas pessoas que radicalizam e pensavam que tudo que fosse subordinado ao governo estava dependente de uma política governamental, mas as universidades brasileiras sempre foram autônomas, sempre tiveram sua autonomia assegurada por lei (informação verbal)⁶⁹.

⁶⁷ Entrevista concedida por Valter Manoel Gomes em 31 de julho de 2008.

⁶⁸ Entrevista concedida por Carlos Humberto Pederneiras Corrêa em 24 de março de 2009.

⁶⁹ Entrevista concedida por Patrícia Orofino em 14 de abril de 2008.

Dessa forma, pode-se ter uma “panorâmica” do que significou o período da ditadura para alguns alunos e professores do Ginásio de Aplicação e para a administração da Universidade de Santa Catarina na década de 1960.

Ao tratar dos novos saberes trabalhados no Ginásio de Aplicação, em uma das entrevistas emerge novamente a questão das saídas de campo. Nesse caso, nas aulas de História, como caráter inovador de estudo:

Quando estudávamos sobre Florianópolis – uma vez fomos ao Ribeirão da Ilha -, e eu fiquei responsável por entrevistar um ex-escravo. Tinha cinco senhores com seus oitenta e poucos anos. Entrevistei um deles. O interessante é que quando chegávamos em sala, depois dessas saídas de estudo tínhamos que contar para os outros grupos como tinha acontecido. Santa Catarina era estudada na 6ª série. Fomos visitar o Museu Anita Garibaldi, a SOTELCA – Sociedade Termoelétrica de Capivari – hoje Jorge Lacerda. Olha que maravilha aprender História dessa forma! A maioria das aulas eram teatrais. Levávamos lençóis de casa. Numa das aulas, ao trabalhar sobre Roma, eu representei o presidente do Senado - Guerra de Tróia. Ao final, a decisão do Senado era que tal pessoa fosse enforcada e jogada num precipício. Fomos, então, todos para um ‘barranquinho’ que havia ali ao lado das salas de aula e jogamos o condenado. Imagina se fomos esquecer isso! Eu adorava História, foi minha melhor nota no vestibular (informação verbal)⁷⁰. (GERBER, 2008, p. 3).

Observa-se uma busca de inserção nos pressupostos escolanovistas ao tentar situar um ensino importante e significativo nas aulas práticas de História, visualizando estratégias pedagógicas criativas.

Também no Livro de Relatórios da escola — 1961-1969 —, localizou-se um relato de 1968, que afirma:

Como já é tradição no Ginásio de Aplicação, a turma da 4ª série realizou, nos dias 28/10 a 1/11, uma excursão à cidade vizinha — Blumenau. A turma foi acompanhada pela secretária do Ginásio, Wally Bernardini, e pela professora Maria Conceição Alves Rodrigues. Naquela cidade foram visitadas diversas indústrias, e os objetivos da excursão foram plenamente atingidos. (GINÁSIO DE APLICAÇÃO, LIVRO RELATÓRIOS, 1968).

Na fala da ex-aluna Izabel Gomes (2008, p. 3), visualizam-se ações consideradas com caráter de inovação na prática pedagógica, proporcionando assim uma nova cultura escolar aos estudantes:

O Ginásio de Aplicação foi visionário porque ofereceu uma forma diferenciada de ensinar. Diferentemente das outras escolas havia a pesquisa, os passeios de estudo, observação in loco dos fatos. O professor Antônio Filomeno Neto, de História, nunca deu conteúdo para decorar, ele instigava os alunos a ler, a discutir... Lembro que ele trazia aquelas revistas da época, Cruzeiro, Manchete, e após as leituras ele fazia um paralelo entre o assunto e o que acontecia (informação verbal)⁷¹.

⁷⁰ Entrevista concedida por Giovanni Gerber em 22 de outubro de 2007.

⁷¹ Entrevista concedida por Izabel Gomes em 25 de março de 2008.

Realmente, nota-se toda uma atmosfera favorável à aprendizagem dos alunos nos relatos das aulas mencionadas acima. O corpo docente tinha como uma de suas prioridades a participação do aluno, as saídas de campo, a produção envolvendo os acontecimentos da comunidade escolar, diferentemente da chamada proposta tradicional, em que o conhecimento era centrado na figura do professor.

Nos relatos observam-se ainda indícios de encaminhamentos metodológicos atrativos, mas não se percebe se havia a intenção de utilização consciente de pedagogias ativas. Captar isso é importante para se ter noção sobre até que ponto se pode falar de um ensino inovador.

É oportuno ressaltar que, durante as falas, tanto dos alunos quanto dos professores, percebiam-se diferentes representações do contexto do Ginásio de Aplicação, pois:

Uma das mais profundas lições da história oral é a singularidade, tanto quanto a representatividade de cada história de vida. Há algumas delas que são tão excepcionais que têm que ser gravadas, qualquer que seja o plano. (THOMPSON, 1998, p. 174).

O seguinte comentário exprime esse fato: “Quem iria esquecer aulas assim?”

É também dessa maneira que o aluno Celso Martins Silveira Filho (2008, p. 3) expressa-se sobre uma atividade realizada no Ginásio — as saídas de campo organizadas pela disciplina de Geografia:

O que são os meandros de um rio? Na época, era possível avistar o curso do rio Massambu do alto do Morro dos Cavalos, desde a BR-101. E lá estavam as sucessivas curvas do rio desenhadas na baixada – os meandros. Fomos levados até lá e a outros pontos da região para ver o que eram os acidentes geográficos – rios, montanhas, lagoas, florestas, dunas, praias, etc (informação verbal)⁷².

Em relação à área de Geografia, encontraram-se poucos dados. Apenas no Livro de Relatórios — 1961-1969: Informe sobre a Situação Geral do Estabelecimento (1963), percebe-se que havia uma sala especial de Geografia, localizada no 3º pavimento do prédio da Faculdade de Filosofia onde os mapas se encontravam guardados e catalogados na mapoteca. Também os materiais didáticos, como globos terrestres, globo celeste, bússola, telúrio, tabuleiro de areia, barômetros e termômetros, entre outros, e as amostras de produtos eram guardadas em estantes, armários e escaninhos apropriados. Nesse relatório citava-se novamente a importância das saídas de campo, as quais proporcionavam conteúdos concretos aos alunos, como mostra o trecho retirado do Livro de Relatórios de 1963:

Foi realizado, nos dias 27, 28 e 29 de setembro/1963, na Lagoa da Conceição, um ‘Acampamento de Estudos Arqueológicos e Geográfico do Povoamento’, com a participação de professores e alunos do Ginásio. Deve constar também a colaboração dos professores Armen Mamigian e Valter Piazza, que orientam os

⁷² Entrevista concedida por Celso Martins Silveira Filho em 12 de julho de 2008.

trabalhos de Pesquisa dos alunos do Ginásio. GINÁSIO DE APLICAÇÃO, LIVRO DE RELATÓRIOS, 1961-1969)

Acredita-se que as atividades de ensino realizadas através de experiências objetivavam criar o hábito de investigação, conduzir o aluno a chegar às suas próprias conclusões e, conseqüentemente, ter uma aprendizagem eficaz e autônoma.

Apesar de todo esse cenário descrito pelos alunos, também integravam o corpo docente do Ginásio de Aplicação professores que não valorizavam práticas como as citadas. Na informação de Izabel Gomes (2008, p. 3), confirmou-se esse dado quando a ex-aluna fala da aula de Geografia: “As aulas eram somente na base do ‘pó de giz’. Não lembro se foi usado um mapa, muito menos de ter nos levado para mostrar os acidentes geográficos em torno da escola.” (informação verbal)⁷³.

Conteúdos como: Estrutura da terra (estudar pelo texto); A crosta terrestre e sua composição (texto); Clima e Vegetação (associações através dos mapas que foram distribuídos) foram indicados pela professora Alzira Hessmann, no 4º bimestre do ano de 1968, em uma ficha organizada pelos docentes no Conselho de Classe de um dos alunos que faria prova de Recuperação de Férias em Geografia. Nesse sentido, é possível constatar que a prática de orientar o aluno para seus estudos fazia parte da cultura escolar do ginásio no período em estudo.

Interessante que, ao fazer a leitura das fotografias na seqüência, percebe-se que na fotografia 9, durante o Acampamento de Estudo, houve uma celebração realizada por um irmão marista do Abrigo de Menores. Marlete Mafra, aluna que ingressou na segunda turma do colégio, ao descrever as fotos de seu acervo, diz que era comum a presença de irmãos do Abrigo de Menores na escola, e eram eles quem levavam os alunos abrigados para o colégio de caminhão (informação verbal)⁷⁴. A atividade extraclasse contou com a participação do professor Walter Fernando Piazza, especialista em Antropologia Cultural, Geografia Humana e História de Santa Catarina⁷⁵, o qual orientou os alunos do colégio no trabalho de pesquisa. A presença de um professor com expressiva formação nessa atividade de pesquisa certamente proporcionou novos e significativos saberes.

⁷³ Entrevista concedida por Izabel Gomes em 25 de março de 2008.

⁷⁴ Entrevista concedida por Marlete Mafra em 03 de março de 2008.

⁷⁵ Especialista em Antropologia Cultural, Geografia Humana e História de Santa Catarina.



Fotografia 7: Explorando escavações
Fonte: Acervo particular da ex-aluna Marlete Mafra.



Fotografia 8: Escavando
Fonte: Acervo particular da ex-aluna Marlete Mafra.



Fotografia 9: Observação “in loco”

Fonte: Acervo particular da ex-aluna Marlete Mafra.



Fotografia 10: Celebrando a atividade de pesquisa

Fonte: Acervo particular da ex-aluna Marlete Mafra.

Outro relato sobre as experiências vividas nas saídas de campo deu-se através da entrevista com o aluno Paulo César Bravo (2008, p. 2). Diz ele:

As viagens de estudo objetivavam colocar os alunos em contato com o mundo produtivo. Quando estudamos sobre economia, colonização e comunicação foram a Blumenau visitar um canal de televisão e a Tijucas, para ver o funcionamento de uma refinaria de açúcar. Também nos foi chamada a atenção para a plantação de

açúcar. Eram muito corriqueiras essas viagens de estudo no Aplicação (informação verbal)⁷⁶.

Pode-se considerar, dessa maneira, conforme as falas dos entrevistados, que as saídas de campo, além de instigar a aprendizagem dos alunos, deixaram preciosas recordações.

Já sobre os saberes transmitidos nas aulas de Organização Social Política Brasileira (OSPB), ouviu-se uma gravação da década em estudo onde o narrador relata:

O hasteamento das bandeiras nacional, do estado e do colégio é uma atividade cívica obrigatória que se realiza uma vez por semana. Essa solenidade singela conta com a participação ativa dos alunos, dando todo um significado especial ao evento⁷⁷.

Saviani (2007) informa que o clima do nacionalismo desenvolvimentista irradiou-se por toda a sociedade brasileira ao longo da década de 1950 e nos primeiros anos da década seguinte, penetrando, portanto, também na educação.

Cleber Santos Vieira, em seu trabalho apresentado no Simpósio Nacional de História intitulado “História, cidadania e livros escolares de OSPB (1962-1964)”, situa que o surgimento da disciplina de Organização Social Política Brasileira insere-se numa linha de consolidação das diretrizes educacionais de 1961. “Ao instituir OSPB como disciplina escolar, o Conselho Federal de Educação expressava a vivacidade do debate em torno da instrução cívica presente na história da educação brasileira desde o advento republicano.” (VIEIRA, 2005, p. 2).

Percebe-se, então, uma demonstração de sentimento cívico, manifestada pela instituição, durante o período de efervescência do nacionalismo, vivido pela sociedade brasileira naquele período histórico.

⁷⁶ Entrevista concedida por Paulo C. Bravo em 16 de agosto de 2008.

⁷⁷ Acervo dos componentes do projeto em elaboração “As Olimpíadas do Colégio de Aplicação”, professor de Educação Física Antônio Farias Filho, a ex-aluna e atualmente técnica administrativa do colégio Patrícia Orofino e ex-aluno Zeca Pires - cineasta.



Fotografia 11: Hasteamento da Bandeira – década de 1960
Fonte: AGEKOM

Para Romanelli (1996), na Lei Orgânica do Ensino Secundário, o único objetivo novo das finalidades do ensino secundário, presentes na lei, era seu caráter fascista, vinculado a uma ideologia política patriótica e nacionalista, presente no período histórico brasileiro em que a lei estava inserida, o período do Estado Novo (1937-1945).

2.3 Matemática, Ciências e Desenho

Sobre a disciplina de Matemática, os alunos entrevistados lembram que usavam o livro de Oswaldo Sangiorgi, Presidente do GEEM (Grupo de Estudos sobre Ensino da Matemática). Sangiorgi teve importância no que diz respeito à difusão do Movimento da Matemática Moderna (M. M. M) e à edição de livros didáticos com a intenção de melhorar o ensino da matemática com a inclusão de elementos da matemática moderna.

Izabel Gomes (2008, p. 3), em entrevista, lembra:

Ingressei no Ginásio de Aplicação em 1962 (2ª turma), então concluí o ginásio em 1965. O Curso Colegial teve início no Aplicação só em 1970, por isso fui cursar o 2º grau no Instituto Estadual de Educação, também escola pública. Lembro que me saía muito bem principalmente na Matemática, porque no Aplicação já havia estudado o famoso ensino dos conjuntos e lá era novidade. Eu tirava nota dez com o professor Delmo Tavares. A escola me deu esse suporte (informação verbal)⁷⁸.

⁷⁸ Entrevista concedida por Izabel Gomes em 25 de março de 2008.

Ainda em relatório, presente no Livro de Relatórios (1961-1969), como atividade extraclasse (Promoção das cadeiras de Matemática e Português) identificou-se também o desenvolvimento das saídas de campo nas áreas de Português e Matemática:

No dia 21/11/67, foi realizada pela cadeira de Matemática, em articulação com a de Português, uma excursão de estudos à Lagoa da Conceição, com os alunos da 1ª série C, orientados pelas professoras Stela Napolini e Solange Pigozzi.

O horário estendeu-se das 12 h 30 até 17 horas. A condução utilizada pelos alunos foi conseguida através do intercâmbio escola- pais.

Para que os objetivos abaixo enumerados fossem alcançados, foram dadas aos alunos as seguintes atividades a serem desenvolvidas:

*Estimular a aprendizagem da Matemática

*Fazer com que os alunos apliquem praticamente o conteúdo matemático.

- a) Cálculo da quilometragem por hora Ginásio – Lagoa;
- b) Anotação da quilometragem do carro que os conduziu ao sair do Ginásio e ao chegar à Lagoa, onde foram feitas as reduções;
- c) Medição da ponte da Lagoa (comprimento, largura) e de casas;
- d) Jogos com múltiplos de vários números;
- e) Lanche;
- f) Medição da distância da margem da Lagoa às dunas;
- g) Observação e anotação do ambiente local e das atividades efetuadas, para posterior apresentação do relatório. (GINÁSIO DE APLICAÇÃO, LIVRO DE RELATÓRIOS, 1961-1969)

A inovação pedagógica era evidenciada principalmente nas aulas experimentais de Ciências, que ocorriam em laboratório. O aluno Antonio Carlos Boabaid (2008, p. 3) recorda que:

As aulas no laboratório eram muito interessantes e todos gostavam bastante dessas aulas práticas. Havia todo o material a explorar, as experiências, desde as mais simples como o nascimento do feijão até a parte das bactérias, vírus e misturas de algumas substâncias (informação verbal)⁷⁹.

Diz também que elas aconteciam nas casinhas de madeira.

⁷⁹ Entrevista concedida por Carlos Antônio Boabaid em 25 de abril de 2008.



Fotografia 12: Experiência no laboratório de Ciências
Fonte: AGEKOM



Fotografia 13: Pesquisa no laboratório de Ciências
Fonte: AGEKOM

Toda essa prática e valorização dos momentos vividos concretamente contemplavam o que preconizavam os princípios escolanovistas, ao remeter à participação dos alunos nas mais variadas atividades. É daí que, possivelmente, os professores conseguiam perceber que suas ações deveriam ultrapassar os limites da transmissão dos conteúdos e a sua relação com outras áreas do saber.

Outro registro que mostra o quanto as aulas no laboratório fizeram a diferença no processo de aprendizagem foi do aluno Celso Martins Silveira Filho (2008, p. 2):

Os laboratórios eram uma espécie de santuário, cheios de mistérios que iam sendo revelados aos poucos. No tempo em que o Ginásio de Aplicação funcionava em instalações de madeira, havia apenas um laboratório (informação verbal)⁸⁰.

Pode-se, portanto, constatar a importância das aulas práticas, no laboratório, onde, após a teoria, os alunos aplicavam seus conhecimentos através de experimentos, reações, misturas, etc.

Constavam da lista de livros da biblioteca do colégio: Ciências Naturais - Valdemar Oliveira, Duarte Coimbra, Lélío Gomes, Luiz Macedo, João de Lamare; Anatomia e Fisiologia Humana — Aristides Ricardo; Compêdio de Biologia — U. Pierantoni; O Homem, este Desconhecido — Aléxis Carrel; Ciências Físicas — Separata; Lições de Eugenia — Renato Kehl; e Biologia Geral — Almeida Junior. Porém, esses livros faziam parte da Relação de Livros da Biblioteca Cruz e Sousa (Ginásio de Aplicação) e não foi possível, no período da pesquisa, uma informação precisa de que eles tenham sido utilizados pelo corpo docente ou/ discente do ginásio na década de sessenta. Conteúdos como “Estrutura da terra; A crosta terrestre e sua composição; Clima e Vegetação (associações através dos mapas)” foram indicados pelo professor da disciplina no Conselho de Classe, no período em estudo, a um dos alunos que faria prova de Recuperação em Ciências, conforme documento do ex-aluno Martinho Virgílio Ramos (1967, p. 1). Nesse sentido, apresenta-se novamente a ideia de que a prática de orientar o aluno para seus estudos estava assim presente na cultura escolar do ginásio.

Em relação às aulas de Desenho, Celso Martins Silveira Filho (2008, p. 4) relata: “Foram muito produtivas as aulas de Desenho geométrico com o professor Dourado. Gostava muito de usar compasso, régua, esquadro, tinha facilidade para aprender os cálculos e raciocínios.” (informação verbal)⁸¹. Já o aluno Arnaldo Podestá Júnior (2007, p. 3), relatando suas lembranças de aluno, diz que nas aulas de Desenho, ministradas pelo professor Ailton João da Silva, era ensinada construção de torres, ogivas, colunas gregas e romanas, figuras geométricas, e todas eram calculadas matematicamente e sem opção de erro. Também foi encontrado em Relatório do ginásio que “O ensino de Desenho será ministrado nas salas comuns. O equipamento ainda é reduzido.” (informação verbal)⁸². Consta o nome do professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa como professor dessa disciplina.

⁸⁰ Entrevista concedida por Celso Martins Silveira Filho em 12 de julho de 2008.

⁸¹ Entrevista concedida por Celso Martins Silveira Filho em 12 de julho de 2008.

⁸² Entrevista concedida por Arnaldo Podestá Júnior em 20 de setembro de 2007.

Essas questões indicam o movimento entre a busca da inovação pedagógica e as dificuldades em função das ainda limitadas estruturas físicas, o que gerava condições de trabalho não apropriadas a essa inovação.

2.4 Educação Artística e Educação Física

As aulas de Educação Artística no Ginásio de Aplicação, na década de 1960, tinham como objetivo despertar nos alunos a criatividade, a sensibilidade artística, o que indica que eram ministradas numa proposta inovadora. O aluno Celso Martins Silveira Filho (2008, p. 2) reafirma essa percepção ao dizer:

Nunca esqueci a professora Delci Canella. Tínhamos na época do ginásio, nas edificações de madeiras, na cor azul, uma sala especial para essa disciplina. Ali aprendemos com ela, e depois um pouco com a professora Marise Maravalhas, algumas habilidades: desenho artístico, pintura com óleo, guache e aquarela, gravura, xilogravura, pirogravura, modelagens (argila, gesso, papel machê – não havia a massinha ainda), uso da serra tico-tico para a confecção de objetos e obras artísticas, noções teóricas de litografia, etc. A prof^a Delci ia todos os anos a São Paulo acompanhar a Bienal e retornava cheia de novidades, fotos, slides, quadros, publicações (informação verbal)⁸³.

Pela descrição do aluno Celso Martins Silveira Filho, a professora Delci, ao acompanhar anualmente a Bienal de São Paulo, fazia com que sua prática pedagógica fosse desenvolvida de maneira bem particular. Também o aluno Giovanni Gerber (2007, p. 5) conta algumas atividades realizadas pelos alunos nas aulas de Educação Artística:

Numa das aulas, fiz uns fantoches. Eles fizeram um sucesso danado. Quando teve a 1ª FAINCO – Feira e Amostras da Indústria e do Comércio -, realizada na própria UFSC, em setembro de 1968, apresentei o teatro de fantoches. Quanta coisa fizemos nessas aulas, meu Deus! Uma de nossas professoras era Otilia Delci, uma maravilha de pessoa, valorizava tudo que fazíamos.

Organizamos, com a professora, uma exposição, na entrada do prédio onde atualmente é o Básico (ainda não tinha a reitoria no campus), de uma coletânea de artistas plásticos da ilha. Eu entrevistei o Acari Margarida. Pedimos algumas doações para a universidade e conseguimos. Tinha obras do Rodrigo de Haro, e de outros artistas que no momento não lembro. Na abertura da exposição eu fiz o discurso. Como chegamos mais cedo, fomos brincar perto do rio que ficava ali próximo. Nosso tênis e calça do uniforme ficaram cheias de lodo. A leitura foi bonita, mas depois ganhei uma bronca – o papel do discurso que tirei do bolso estava todo amarrotado (informação verbal)⁸⁴.

⁸³ Entrevista concedida por Celso Martins Silveira Filho em 12 de julho de 2008.

⁸⁴ Entrevista concedida por Giovanni Gerber em 22 de outubro de 2007.

Marise Maravalhas (2008, p. 2), professora de Artes do Aplicação, que substituiu a professora Delci ao aposentar-se, diz :

Os trabalhos que a professora Delci fez com seus alunos nos anos sessenta foi realmente como descreveu o aluno Giovanni, deixou marcas. Tantos anos passaram e ele lembra como foi valorizado em sua criatividade e nas possibilidades dos trabalhos propostos, dentro da amplitude da área. Ela valorizava cada aluno individualmente. Ao fazer um trabalho criativo, o aluno passa pelo processo do saber, como irá desenvolver sua capacidade para chegar à finalização que, nem sempre o satisfaz. A professora Delci sabia dizer uma palavra que o fazia ver alguma coisa além: sua valorização. Ela sempre deixou claro que toda pessoa possui capacidade para criar. Foi uma excelente profissional que passou pelo Ginásio de Aplicação, usava técnicas modernas para a época, aprendi muito com ela (informação verbal)⁸⁵.

A questão do espaço próprio para o ensino nessa área consta do Relatório enviado pela direção do colégio ao inspetor Nilson Paulo. “Não há sala especial para Trabalhos Manuais”. Mas há uma lista significativa de materiais para essa disciplina: “grampo para carpinteiro (6), esquadros para carpinteiro (5), serrotes (3) e mais um com várias lâminas, serrinhas de recortar (7), alicates (3), plainas (2), martelo (2), chaves de fenda (3), limas (6), tesouras (2), faca (1), folhas de lixa (6), pregos e parafusos, lâmina de compensado, cartolina de várias cores, lata de tinta(2), arcos de serra (18), tornos (2), máquina de furar (2), furadores (6), torquetes (3), pedra de amolar (1), pincéis e lápis de riscar.” (GINÁSIO DE APLICAÇÃO, LIVRO DE RELATÓRIOS, 1961-1969).

Acredita-se que esses materiais foram de grande utilidade, pois, nas palavras de Antônio Carlos Boabaid (2008, p. 5), “Fazíamos aqueles trabalhos lindos em talhe de madeira. Gostávamos muito de usar todas aquelas ferramentas. Isso também nos foi ensinado no colégio.” (informação verbal)⁸⁶.

⁸⁵ Entrevista concedida por Marise Maravalhas em 02 de março de 2009.

⁸⁶ Entrevista concedida por Antônio Carlos Boabaid em 25 de abril de 2008.



Fotografia 14: O descobrir da arte
Fonte: AGEKOM



Fotografia 15: Exposição dos alunos do Ginásio de Aplicação
Fonte: AGEKOM

Ao contemplar as fotografias, têm-se pistas da importância aferida à Exposição organizada pela professora Delci Canella e pelos alunos do Ginásio de Aplicação. Entre os admiradores da arte, marcaram presença prestigiando o evento o primeiro reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, João David Ferreira Lima.

Dessa forma, pode-se pensar que a disciplina de Educação Artística no Ginásio de Aplicação, na década de 1960, pretendia, dentre muitos objetivos, “tornar os adolescentes mais sensíveis à beleza das coisas da vida”.

Dentre os saberes escolares trabalhados no Ginásio de Aplicação, Educação Física parece ter sido uma das mais interessantes para a grande maioria dos alunos. Essa disciplina deveria seguir todas as instruções dadas pela circular nº 01, do Departamento de Educação Física do Estado de Santa Catarina, de 1941, além do que preconizava a LDB — Lei de Diretrizes e Bases da Educação - e também a legislação da década de 1960.

De acordo com os entrevistados, as aulas eram ministradas duas vezes na semana e praticadas separadamente. Havia espaço para a seção feminina e masculina. Quanto a essa prática adotada nas aulas de Educação Física, o ex-aluno Arnaldo Podestá Júnior (2008, p. 3) conta: “A professora Ivete dava Educação Física para as meninas e ao lado ficavam os meninos com o professor Heber Poeta ou Ernesto.” (informação verbal)⁸⁷. Ao perguntar sobre essa divisão dos alunos nas aulas de Educação Física, Ernesto Vahl Filho e Ivete Dutra responderam dizendo que era assim também nas demais escolas da cidade. Informa a professora Ivete Dutra (2009) que, em função da filosofia adotada pelo colégio, ela tinha autonomia na elaboração dos planejamentos. Então, pode-se deduzir que a concepção de currículo, no entender da professora Ivete, é de flexibilidade, que possibilitava uma prática pautada na dinamicidade (informação verbal)⁸⁸.

É recorrente, na fala dos alunos, o cuidado que tinham os professores em ensinar como agir, segundo as regras e exigências de determinados jogos. Boabaid (2008, p. 5) afirma que “Naquela época os professores ensinavam os fundamentos de cada jogo, não era jogar por jogar.” (informação verbal)⁸⁹. É possível verificar o empenho na produção e circulação de novos saberes por parte dos docentes, objetivando a efetiva apropriação desses saberes pelos alunos. A Educação Física parece ter ocupado um espaço real no seio de suas práticas e experiências cotidianas, conforme os depoimentos dos alunos. Também em Relatório enviado ao Inspetor Nilson Paulo pela direção do colégio observa-se:

Os trabalhos relacionados com as sessões físicas transcorreram normalmente. O interesse dos alunos (as) pelas atividades físicas constituiu-se no ponto alto, estimulado por este fator, tornou-se agradável dar exato cumprimento às atividades previstas. Os alunos compareceram as aulas com elevado espírito de educação e participavam de todas as sessões esportivas com ardor. As aulas de Educação Física são ministradas em terreno aberto, existindo uma pequena área gramada, onde foram improvisados os campos de voleibol; tendo ainda a destacar dentro desta área um campo de futebol. (GINÁSIO DE APLICAÇÃO, LIVRO DE RELATÓRIOS, 1961-1969).

⁸⁷ Entrevista concedida por Arnaldo Podestá Júnior em 20 de setembro de 2007.

⁸⁸ Entrevista concedida por Ivete Dutra em 18 de abril de 2009.

⁸⁹ Entrevista concedida por Carlos Antônio Boabaid em 25 de abril de 2008.



Fotografia 16: A prática do esporte no Ginásio de Aplicação – década de 1960
Fonte: AGEKOM



Fotografia 17: Expectativa e torcida dos colegas durante os exercícios físicos
Fonte: AGEKOM



Fotografia 18: Concentração e leveza nos movimentos rítmicos
Fonte: AGEKOM



Fotografia 19: Dedicção no ensaio para “fazer bonito” no desfile de 7 de setembro
Fonte: AGEKOM

Era função do professor dessa disciplina a realização dos exames biométricos dos alunos, que aconteciam no início do ano letivo e no mês de agosto, e todos os dados levantados pelos exames, por meio de fichas individuais, eram encaminhados ao Departamento de Educação Física. Dentro dos exames biométricos, havia o exame físico, feito pelo médico do Ginásio — Dr. Airton Ramalho. Era comum também os alunos realizarem exames laboratoriais duas vezes ao ano, executados pelos alunos do curso de Bioquímica da UFSC, o que demonstra uma singularidade por fazer parte integrante da universidade.



Fotografia 20: Exame biométrico – Ginásio de Aplicação
Fonte: AGEKOM

É importante destacar que o esporte assumia um papel central na política educacional militar, que quis fazer-se presente em todos os espaços educativos, sobretudo nas escolas. Portanto, em muitos sentidos, havia uma reprodução de um modelo maior, incorporado pela Educação Física principalmente pela adoção, em massa, dos esportes nas aulas, com vista ao alcance dos objetivos nacionais.

2.5 Canto Orfeônico e Ensino Religioso

A disciplina Canto Orfeônico, segundo Veiga (2007, p. 265),

Apresentava-se como disciplina por excelência da formação do orgulho nacional e do patriotismo. Desde o ano de 1931 se fazia presente nos currículos dos cursos secundários. Seu conteúdo era formado por hinos e canções patrióticas e para sua implantação foi fundamental a atuação de Heitor Villa-Lobos (1887-1959) por meio da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA). Em 1936, a execução do Hino Nacional tornou-se obrigatória em todos os estabelecimentos e associações de fins educativos, públicos ou particulares.

Durante o governo de Getúlio Vargas, a Educação Moral e Cívica não se apresentou como matéria obrigatória nem no ensino primário nem no secundário. Assim, essa formação deveria acontecer de maneira integral na escola: canto orfeônico, clubes patrióticos, festas e paradas cívicas, hasteamento da bandeira, participação dos escolares nos grandes eventos de comemoração de datas históricas e também no ensino de História. No caso específico do

ensino secundário, houve ênfase na formação da autodisciplina por intermédio da educação física e da formação moral e cívica como conteúdo das disciplinas de História e Geografia, que passaram a ser ministradas separadamente a partir de 1940 (VEIGA, 2007).

A disciplina Canto Orfeônico constava na caderneta de uma aluna do Ginásio de Aplicação da década em estudo. E, para alguns dos entrevistados, parece ter tido um especial significado. Passados mais de quarenta anos, uma das músicas ensinadas pela professora Dilza Delia Dutra ainda se faz presente na memória. Foi cantando a música “Florianópolis” que a aluna Izabel Gomes (2008, p. 3) iniciou sua fala, quando perguntada sobre essa disciplina (informação verbal)⁹⁰:

Florianópolis
 Vem vento vem vem do mar
 Varre essas nuvens do céu
 Borda o céu de um azul escuro, com estrelas e luar (repete)
 Vê saudade a praia faceira
 No jardim a bela figueira
 Em Itaguaçu pedra e mar
 e a Conceição pra sonhar
 O morro da Cruz meu presépio
 A ponte que é luz a sonhar
 Tem também o meu coração

A referida música, “Florianópolis”, obra do professor Aníbal Nunes Pires, participou de um concurso sobre Florianópolis.

Elaborada por Gustavo Capanema, em 1942, a Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942, p. 183) apresenta um capítulo exclusivo sobre a educação religiosa, registrando que o “Ensino de religião constitui parte integrante da educação da adolescência”. Assim, percebe-se a influência da Igreja Católica na busca por controlar a educação brasileira, sendo que a obrigatoriedade do Ensino Religioso dar-se-á também no curso primário. A reintrodução do Ensino Religioso deu-se em 1931, pelo ministro Francisco Campos, logo após a Revolução de 30, dentro da aliança entre o Estado brasileiro e a Igreja Católica.

Em Santa Catarina, segundo Dallabrida (2007), o governador Nereu Ramos, com base na nova Carta Magna, assinou o Decreto nº64, de 9 de agosto de 1935, que reintroduziu o Ensino Religioso, com frequência facultativa, no horário escolar das escolas de ensino primário, secundário, profissional e normal em todo o território catarinense. Desde esse ano a disciplina Ensino Religioso integra o currículo oficial das escolas públicas.

O Ginásio de Aplicação, instituição considerada de ensino laico, tinha no seu Regimento a disciplina Educação Religiosa como matrícula facultativa, que deveria ser

⁹⁰ Entrevista concedida por Izabel Gomes em 25 de março de 2008.

ministrada como Prática Educativa. Porém, durante a pesquisa, constatou-se na caderneta escolar da aluna Madalena Maria Ferreira (2008, p. 2), 4ª série, do ano de 1965, a disciplina Religião no horário das aulas (uma aula semanal 16h45 às 17h15) (informação verbal)⁹¹.

Luiz Henrique Mendes Campos, um dos fundadores do Ginásio de Aplicação, informa: “[...] os professores que tinham uma formação religiosa geralmente trabalhavam em sala algumas questões de formação humana, mas sem adotar algum credo religioso.” (informação verbal)⁹². Essa fala contraria o que consta na programação da solenidade de formatura dos alunos do ano de 1965: “Dia 14 de dezembro, às 8 horas: Missa em ação de graça na Capela do Divino Espírito Santo”. E no ano de 1969: “Dia: 13 de dezembro às 9 horas: Missa em ação de graça na Capela do Divino Espírito Santo”.⁹³

No documento “Metas para 1971”, do Ginásio de Aplicação, alguns pontos são levantados:

- 1- Acabar com a comunhão pascal e realizar com a participação de toda a comunidade um culto ecumênico;
- 2 – Possibilitar oportunidades de vivência de valores religiosos;
- 3- Propiciar um atendimento religioso para os alunos;
- 4- Encontros para debater temas de formação (liberdade de comparecimento)
- 5- Na cadeira de Educação Moral e Cívica, entrevistas com determinadas pessoas para verificar o objetivo das religiões.

Parece, portanto, adequada a hipótese de que havia incoerência em relação à fala do professor, às metas almejadas pela escola para o ano de 1971, e, também, ao que consta na programação de dois convites de formatura, dos anos de 1965 e 1969, onde são citadas Missas em Ação de Graça na Capela do Divino Espírito Santo.

Dessa forma, percebem-se evidências da influência da religião na cultura escolar do Ginásio de Aplicação na década estudada.

⁹¹ Entrevista concedida por Madalena Maria Ferreira em 23 de junho de 2007.

⁹² Informação concedida por telefone em 2009.

⁹³ Extraído do convite de formatura de um ex-aluno.

3 PRÁTICAS INOVADORAS DE SOCIALIZAÇÃO

O tempo em que práticas pedagógicas foram vigiadas e controladas no período da ditadura pode ser melhor percebido quando analisarmos, neste capítulo, o que dizem os entrevistados em relação às práticas de socialização na escola, em particular aqueles referentes aos momentos cívicos.

Com a intenção de se legitimar perante a cidade de Florianópolis, o Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, na década de 1960, diferente dos outros colégios do ensino secundário, colocava em ação práticas escolares, como o Governo Comunitário, as Olimpíadas e Práticas Desportivas, as Festas Escolares, o Coral Estudantil, a Associação de Pais e Mestres, a Feira de Ciências e outras, ultrapassando, muitas vezes, o espaço escolar a fim de atingir a comunidade.

Assim, pretende-se analisar os significados atribuídos a essas práticas inovadoras de socialização que, vividas, contribuíram para o processo de socialização no e do Ginásio. Além de oportunizar o fortalecimento de vínculos afetivos, esses são também momentos de reprodução de valores específicos da cultura, uma vez que ativam a memória coletiva enfatizando as tradições de um grupo, promovendo a integração cultural entre grupos de alunos, famílias, professores.

Convém pensar que eram significativas as socializações realizadas pelos alunos naquele espaço, independentemente de série e idade, que ali formavam laços de amizade. Segundo Sacristán e Gómez (1998, p. 21), a função educativa da escola mediante seus conteúdos, práticas e sistemas de organização insere-os em processos de apropriação de saberes e de socialização de práticas humanizadoras. Há o desenvolvimento na escola de um conjunto de práticas que promovem experiências e relações de organização da vida social e dos saberes que essa exige.

Ao situar essa questão nas interações que se estabeleciam coletivamente entre os sujeitos, Antônio Carlos Boabaid (2008, p. 6) fala com carinho:

O Aplicação era uma grande família. Quando eu estava na 1ª série aconteceu que, em uma das voltas para casa, no ônibus, fazendo aquelas baguncinhas de guri, um rapaz desconhecido queria me provocar, me bater, mas os maiores, da 4ª série, me defenderam. Isso era corriqueiro, havia uma pequena “tutela”. Brincadeiras podiam ser realizadas, porém que não mexessem com o brio dos colegas (informação verbal)⁹⁴.

⁹⁴ Entrevista concedida por Antônio Carlos Boabaid em 25 de abril de 2008.

Giovanni Gerber (2008, p. 6), aluno do colégio, conta:

A amizade do Aplicação era a mesma dos finais de semana. Engraçado que até hoje meus melhores amigos são os do ginásio. Todas as terças-feiras nos reunimos para um joguinho (informação verbal)⁹⁵.

Nessa perspectiva, pode-se supor que o investimento dos professores em práticas de trabalhos coletivos contribuiu sobremaneira nas relações sociais dos alunos.

Ainda segundo Sacristán e Gómez (1998), os alunos aprendem e se apropriam de saberes, idéias e comportamentos não apenas pelo que é estabelecido no chamado currículo oficial, mas nas interações sociais que se dão entre os sujeitos no interior da escola.

De acordo com Costa (2008), a ditadura militar proibiu a criação e funcionamento dos grêmios estudantis, como força representativa dos discentes em suas respectivas escolas. No lugar dos grêmios, foram instituídos os centros cívicos, que não tinham autonomia e não podiam realizar atividades de natureza política, numa concepção alienada de que escola era lugar para estudar e não para fazer política. Os estudantes participavam dos centros cívicos, mas sempre lutaram pela volta dos grêmios estudantis livres. Já no Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Santa Catarina, esse panorama parece ter sido diferente, como veremos na sequência do trabalho.

3.1 O Governo Comunitário

No Ginásio de Aplicação, na década de 1960, uma prática escolar que marcou fortemente os alunos, observada durante as entrevistas e em documentação da escola, foi o Governo Comunitário. Iniciado no ano de 1967, o Governo Comunitário consta no Regimento Interno do Ginásio – Capítulo X –, onde diz que:

O Governo Comunitário é um órgão sócio-cultural integrado por todos os alunos do Ginásio de Aplicação que visa auxiliar a escola no cumprimento de seus objetivos educativos, tornando o jovem consciente do seu papel dentro da sociedade democrática. O Governo Comunitário funcionará sob a orientação da escola e será mantido pela Associação de Pais e Mestres e pelos próprios alunos. Sua organização e funcionamento constarão de Estatuto especial. (COLÉGIO DE APLICAÇÃO, REGIMENTO DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 1966, p. 10)

⁹⁵ Entrevista concedida por Giovanni Gerber em 22 de outubro de 2007.

O ex-aluno Arnaldo Podestá Júnior (2008, p. 3) lembra que o Governo Comunitário surgiu com o intuito de difundir nos seus alunos, já na época, a necessidade para o exercício da cidadania. Num período em que tudo era proibido, o Governo Comunitário já realizava eleições diretas, com candidatos inscritos, campanhas eleitorais fervorosas e até “título eleitoral”. Fazer parte do Governo Comunitário era um fator de suma importância para qualquer aluno do Colégio.” (informação verbal)⁹⁶. No Livro de Atas do Governo Comunitário⁹⁷, consta o registro de algumas dessas eleições:

Ata realizada aos quatorze dias do mês de outubro de mil novecentos e sessenta e sete, às oito horas iniciaram-se os trabalhos da primeira eleição para o Governo Comunitário, dos alunos do Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, Secção B.
 Presidiram os trabalhos: Presidente prof^a Maria Alice Clasen, Secretária Leda Scheibe e os Mesários Jorgelita Toner e Jeanine Mendonça Pinheiro.
 Os votantes da Secção B foram os alunos da 1ª série C, da 2ª série e da 4ª série.
 Os trabalhos foram encerrados às nove horas e quarenta e cinco minutos, tendo comparecido sessenta e três (63) votantes, e faltado quatro (4) votantes.
 Nada mais havendo a constar, eu, Leda Scheibe, secretária, lavrei a presente Ata que vai assinada pelos demais componentes desta mesa.
 Florianópolis, 14 de outubro de 1967.
 Ata dos trabalhos de Eleição para o Governo Comunitário do Ginásio de Aplicação da Secção A.
 Aos quatorze dias (...) Os votantes da Secção A foram os alunos da 1ª série B, 1ª série A e 3ª série. Os trabalhos transcorreram normalmente, e foram encerrados às 10,15 horas. Compareceram setenta e oito votantes e faltaram três eleitores. Nada mais havendo a constar, lavrei a presente ata, que vai assinada pelos componentes da mesa desta Secção.



Fotografia 21: Exercitando a democracia
Fonte: AGEKOM

⁹⁶ Entrevista concedida por Arnaldo Podestá Júnior em 20 de setembro de 2007.

⁹⁷ Livro de Atas do Governo Comunitário do Ginásio de Aplicação.



Fotografia 22: Exercitando a democracia

Fonte: AGEKOM

O exercício da democracia, desenvolvido e estimulado na escola, proporcionou, além do envolvimento dos alunos, a socialização das diversas séries fazendo com que os discentes se reconhecessem dentro dos mesmos códigos e das mesmas práticas sociais, culturais e políticas.

Celso Martins Silveira Filho (2008, p. 4), aluno do colégio na década de 1960, coloca que:

Eu estava presente no momento da fundação do Governo Comunitário, na década de 1960, iniciativa do professor Filomeno Neto, que depois deixou o CA. Foi ele quem reuniu os alunos, explicou o que era, coordenou a primeira eleição e empossou a primeira diretoria – prefeitura. Lembro que havia a figura de uma câmara de vereadores, um legislativo a fiscalizar o executivo. Visava a participação, o estímulo ao senso crítico (informação verbal)⁹⁸.

⁹⁸ Entrevista concedida por Celso Martins Silveira Filho em 12 de julho de 2008.



Fotografia 23: Incentivo à liberdade de expressão - década de 1960
Fonte: AGEKOM

Também sobre a importância do Governo Comunitário, a professora Maria Elza de Oliveira Lima (2008, p. 2) situa que:

O Governo Comunitário possuía representantes de todas as turmas. Discutiam problemas da escola, planejavam festas e ofereciam sugestões aos professores. Em determinado momento discutiram o Código de Conduta da escola. Reelaboraram outro porque não concordaram com o apresentado pela escola. Analisaram o mesmo, através de uma pesquisa com toda a comunidade escolar. Após a consulta à comunidade, reelaboraram um novo Código de Conduta. Visualizava-se o trabalho do Governo Comunitário que era muito participativo. Preparava nosso aluno para ser um cidadão preocupado em encontrar soluções para os problemas da comunidade. Chegaram a criar uma sala de recreação que funcionou onde hoje é a APUFSC [Associação de Professores da Universidade de Santa Catarina]. Essa sala somente funcionava com a presença de um responsável, professor ou funcionário da escola. Em vários momentos o Governo Comunitário teve o acompanhamento de estagiários do Serviço Social (informação verbal)⁹⁹.

Percebe-se um processo já bastante intenso de politização ou de participação dos alunos. A ideia de decidir, acompanhar, participar dos destinos da escola, de ter representatividade aponta para uma prática bastante inovadora para aquele período. De acordo com Forquin (1993, p.9-18), existe no bojo da cultura escolar em geral um espaço seletivo, o qual configura a “cultura escolar”. E, naquilo que entendemos por cultura escolar, não há como separar ensino de práticas de socialização.

A ex-aluna Eliane G. Fernandes comenta que o Aplicação foi pioneiro na aplicação de um método de ensino, mais incisivo, forte e participativo, relacionando o aluno com um meio ambiente escolar que o preparava o tempo todo para a vida em grupo, para a comunidade e, nessa comunidade, surgiu o Governo Comunitário. Com as funções idênticas à do prefeito e

⁹⁹ Entrevista concedida por Maria Elza de Oliveira Lima em 05 de março de 2008.

seus comandados, com discussões políticas acirradas, tomadas de partidos, estudavam os diversos sistemas econômicos do mundo, como capitalismo, comunismo marxista. Coloca ainda que em plena época de ditadura os alunos tinham consciência de que aquela postura poderia ser um início de problemas em suas vidas (informação verbal)¹⁰⁰.

Observa-se, na fala da ex-aluna, que as vantagens adquiridas através de uma experiência político - democrática representativa na escola são muitas. Logo no momento em que os alunos começam a consolidar sua identidade como cidadãos, iniciam sua vida política como sujeitos de um processo coletivo de escolha e tomada de decisão.

O Governo Comunitário, como organização representativa dos interesses dos alunos na escola, permitia que estes discutissem, criassem e fortalecessem inúmeras possibilidades de ação, tanto no próprio ambiente escolar, como na comunidade. Era também um importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade e luta por direitos.

Maria Conceição Alves Rodrigues (2008) lembra que, naquele período, o Governo Comunitário tinha importância para os alunos e professores e que muitas decisões importantes de assuntos relacionados ao colégio eram discutidas pelos representantes do Governo Comunitário. Os alunos elaboravam as normas de conduta escolar muito bem. Cobravam dos colegas o que havia sido anteriormente combinado (informação verbal)¹⁰¹. Sobre as normas de conduta, a orientadora educacional da década de 1960, Eloá Vahl (2008 p. 1), lembra o forte poder de argumentação dos alunos e também a criatividade com que realizavam as atividades (informação verbal)¹⁰². As palavras da professora Maria Elza de Oliveira Lima (2008, p. 5) reforçam o quanto foi importante, na trajetória escolar dos alunos, a pessoa do professor Antônio Filomeno Neto. Diz que ele integrava tanto os alunos como os professores. “Era um professor altamente criativo e ousado para a época e, sem ser um coordenador pedagógico, exercia essa função brilhantemente.” (informação verbal)¹⁰³.

Evidencia-se então que não basta vivenciar situações individuais de aprendizagem — é necessário agir em comunidade, cooperando com os diferentes grupos. É daí que os laços de solidariedade se fortalecem, pois “a educação, num sentido amplo, cumpre uma iniludível função da socialização, desde que a configuração social da espécie se transforma em um fator decisivo da humanização e em especial da humanização do homem.” (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p. 13).

¹⁰⁰ Entrevista concedida por Eliane G. Fernandes em 18 de setembro de 2008.

¹⁰¹ Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

¹⁰² Entrevista concedida por Eloá Vahl em 29 de julho de 2008.

¹⁰³ Entrevista concedida por Maria Elza de Oliveira Lima em 05 de março de 2008.

E, no contexto do escolanovismo, a experiência e atividade constituem aspectos fundamentais para a aprendizagem. Todo o pensamento de Dewey (1978) é alicerçado na matriz do interesse que, para ele, não é algo dado ou estático, mas vinculado à atividade e à experiência. Dewey (1976) considera que a educação interage de forma direta com os movimentos sociais, cabendo à escola formar as novas gerações conforme a demanda produtiva e política de caráter democrático. Ele concebe o espaço escolar como uma “comunidade em miniatura,” que deveria favorecer vivências produtivas em laboratórios, oficinas e cozinhas, por exemplo, além de estimular jogos, etc.

No ofício do diretor Édio Chagas (1969, p. 2), enviado ao Chefe do Departamento de Métodos de Ensino — professor Antônio Filomeno Neto — observa-se a importância da prática de participação política para os alunos do Ginásio:

Senhor Professor, comunico-lhe que no dia de hoje serão realizadas as eleições para Prefeito e Vice-Prefeito na sala de Recreação. Pedimos que tal comunicação seja levada ao conhecimento do diretor do Centro de Educação.

Também na leitura da Portaria enviada à aluna Mariza Goulart, representante do Governo Comunitário, o diretor Édio Chagas indica os nomes das professoras Stela Maria Naspolini, Ivone Digiácomo e da aluna Mariza Goulart para, sob a presidência da primeira, planejarem as eleições para o Governo Comunitário, dia 19 de novembro de 1968.

Outra confirmação da relevância e presença que tinha essa prática para o Ginásio de Aplicação é expressa no ofício enviado pelo diretor Édio Chagas ao gerente da Caixa Econômica Estadual de Santa Catarina, solicitando a abertura de uma conta no posto da Cidade Universitária, em nome do Governo Comunitário. Informa que o movimento da conta deveria ser feito por meio de determinadas professoras.

As principais atividades organizadas pelo Governo Comunitário constam em Relatório¹⁰⁴ do ginásio no ano de 1968, como a Criação do Departamento Publicitário, Cooperativa, criação da carteira de estudante, Olimpíadas, Festa Junina, Sala de Recreação, projeção de filmes para os alunos, Gincana, Eleição para prefeito do Governo Comunitário, etc.

É oportuno sublinhar a importância dessas atividades pensadas e naturalizadas do Governo Comunitário pelo fato de implementar práticas políticas, culturais e sociais, proporcionando dessa maneira a incorporação da cultura escolar nos mais diversos espaços do Ginásio, como também da universidade. É possível perceber que a escola, além de ser um espaço de construção e transmissão de conhecimentos, exercia seu papel na formação de alunos críticos e responsáveis. O

¹⁰⁴ Relatório de atividades do Ginásio de Aplicação.

Ginásio de Aplicação, ao criar o Governo Comunitário como componente da cultura escolar, produziu uma cultura específica e singular.

3.2 Olimpíadas e Práticas Desportivas

“Passado que se faz ainda presença no presente!”

(Maria Elza de Oliveira Lima, 2008, p. 2, informação verbal)¹⁰⁵.

A fotografia a seguir registra outro saber que contribuía para a formação dos alunos — a prática do esporte. Entre os entrevistados, há unanimidade quanto à importância dessa prática na cultura escolar do Ginásio de Aplicação, pois tudo indica que o futebol foi uma modalidade que recebeu grande incentivo por parte dos docentes.



Fotografia 24: Time de futebol do Ginásio de Aplicação - 1960

Fonte: Acervo particular de Valter da Luz

Compondo a fotografia 24, o ex-aluno Valter Luz (2008, p. 2) relembra:

Nós tínhamos aqui no Ginásio de Aplicação uma boa equipe de futebol, tínhamos treinos entre as turmas, se escolhia a ‘seleção’ do Aplicação. Disputávamos com os colégios mais importantes da cidade: Colégio Catarinense, depois Instituto Estadual, que era um grande colégio, Escola Técnica, o SESC/SENAC. Depois de um episódio em que fomos prejudicados num campeonato no Colégio Catarinense, nossa direção se rebelou e nossos professores não aceitaram mais a disputa de campeonatos na cidade, a gente jogava então em Biguaçu, Palhoça. Eu fui jogador de futebol profissional também, graças ao professor Heber Lebarbechon Poeta, professor Müller, e outros professores também nos encaminharam para o futebol. Aqueles campeonatos que fazíamos deram visibilidade aos bons jogadores do colégio. Na cidade havia um campeonato amador, todos nós fomos disputá-lo, alguns foram ser profissionais, dos quais fui um (informação verbal)¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Entrevista concedida por Maria Elza de Oliveira Lima em 05 de março de 2008.

¹⁰⁶ Entrevista concedida por Valter Luz em 17 de abril de 2008.

Outra indicação da relevância que tinha o esporte para a instituição percebe-se fazendo a leitura de um edital do Livro de Relatórios — 1961-1969 —, onde é solicitada ao diretor da Faculdade de Filosofia a utilização do auditório para projeção de filme sobre treinamentos desportivos na França, bem como de um cinegrafista para fazer a referida projeção.

As Olimpíadas do Ginásio de Aplicação foram idealizadas pelos professores de Educação Física Heber Lebarbechon Poeta e Ivete Dutra, no ano de 1967. Elas foram referência para outras instituições escolares na cidade de Florianópolis. Praticavam-se tanto jogos intelectuais — dama, moinho, xadrez e tênis de mesa (ping-pong) —, quanto os desportos formais como atletismo, basquete, vôlei, handebol, futsal, futebol suíço, corrida rústica e ciclismo.

A convivência dos ginásianos com saberes diversificados proporcionava novas e ricas aprendizagens. A cena abaixo retrata um desses momentos de socialização ocorrido na sala de recreação onde, sob o olhar atento de colegas e do professor Valpi Costa (inspetor de alunos na época), alunos concentradamente jogavam.



Fotografia 25: Jogos Intelectuais
Fonte: AGECOM

A importância desse evento na comunidade escolar mobilizava não apenas os alunos e professores, como também a administração do Ginásio de Aplicação. No ofício enviado ao Presidente do Centro Acadêmico 8 de Setembro, da FAFI — Faculdade de Filosofia — pelo Prefeito do Governo Comunitário, Evandro Vieira Cabral(aluno do Ginásio), é solicitada a sala de jogos para a realização de algumas provas de salão pelos alunos do Ginásio e também feito um convite aos colegas universitários para prestigiarem essas atividades.

Izabel Gomes (2008, p. 3) relembra: “Na Educação Física, a professora Ivete ensinava vôlei, havia campeonatos entre as turmas. Já havia naquela época essa preocupação pelo desporto. Os professores faziam a Educação Física voltada para o desporto.” (informação verbal)¹⁰⁷. Parece, então, adequada a hipótese de que as atividades eram voltadas para o desporto, de acordo com os objetivos nacionais da Educação Física e, também, em alguma medida, para as Olimpíadas — auge do processo de socialização no Ginásio. O idealizador das Olimpíadas do Ginásio de Aplicação, Heber Lebarbechon Poeta (2007, p. 4), em entrevista, relata que foi na década de 1960, assim que foi implantado o Ginásio na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da UFSC, que implantaram também as Olimpíadas.

Nessa época se falava muito nas Olimpíadas mundiais, então foi nos estimulando e fizemos algumas adaptações [...] mas era tudo improvisado o importante era o amor que se tinha ao esporte, o respeito aos alunos. Sabíamos da importância dessa participação e dali saíam grandes atletas [...] os professores do Ginásio participavam orientando, organizando, coordenando. Atualmente as Olimpíadas das outras escolas ficam só ao encargo dos professores de Educação Física, no Aplicação não, todos se envolviam (informação verbal)¹⁰⁸.

Dessa forma, pode-se sentir o fato de que, em alguma medida, todos os professores do Ginásio interessavam-se por sustentar uma imagem forte, saudável e esportiva de seus alunos e, sobretudo, da instituição na qual trabalhavam. Aldo Vieira (2007, p. 2), ex-aluno da escola, narra com muito entusiasmo: “O corpo docente do colégio planejava as atividades que seriam realizadas durante o período das Olimpíadas com esmero” (informação verbal)¹⁰⁹, conforme indicava o Programa das Olimpíadas de 1969 (Imagem 26 na próxima página):

¹⁰⁷ Entrevista concedida por Izabel Gomes em 25 de março de 2008.

¹⁰⁸ Entrevista concedida por Lebarbechon Heber Poeta a Patrícia Orofino em 2007.

¹⁰⁹ Entrevista concedida por Aldo Vieira em 07 de agosto de 2007.

PROGRAMA DAS OLIMPIADAS "PROFESSOR STANISLAU" -1965

Dia 1/5/65 - Quinta-feira.

15,00 horas 1) Abertura das Olimpíadas pelo Magnífico Reitor João David Ferreira Lima.
Da seguida o Magnífico Reitor encaminha o facho - Olímpico.
2) Leitura pelo aluno vencedor do concurso de Redação
3) Falava Livre
4) Mito Nacional
5) Projeção do facho - Ginásio da Universidade

16,30 horas - Palestra de Filosofia.
Da trabalhos realizados sob a presidência do Prof. João - Chaves.
1) Aumento do atleta.
2) Breve histórico do facho Olímpico na civilização - grega (pelo prof. de História)
3) Sudoeste do Imperador Federal do Estado de aplicação (pelo Prof. Edson Antonio Pereira)
4) Mito Nacional
5) Apresentação de ginástica acrobática pelos alunos das 1ª e 2ª séries ginasiais - Masculino
6) Apresentação de ginástica acrobática pelas alunas das 1ª e 2ª séries ginasiais - Feminino

Dia 2/5/65 - Quinta-feira.

8,20 hs - Peso 5 kg e 5 kg (masc. e fem.) - 3ª e 4ª séries
8,50 hs - Peso 5 kg e 2 kg (masc. e fem.) - 2ª série
9,10 hs - Peso 2 kg e 1 kg (masc. e fem.) - 1ª série
9,40 hs - Salto em altura (masc. e fem.) - 3ª e 4ª séries
10,00hs - Salto em altura (fem.) - 1ª e 2ª séries
10,20hs - Salto em altura (masc.) - 1ª e 2ª séries
10,40hs - Voleibol (masc.) - 3ª e 4ª séries

Dia 3/5/65 - Sexta-feira.

15,30 hs - Futebol (masc.) - 1ª e 2ª séries
16,10 hs - Futebol (masc.) - 3ª e 4ª séries
17,20 hs - Voleibol (masc.) sobre as duas categorias

Dia 7/5/65 - Sábado.

8,00hs - Lado (masc. e fem.) - 1ª série A - x 1ª série B
8,00hs - Jogador Feste (fem.) - 2ª série A - x 2ª série B
8,30hs - Damas (masc. e fem.) - 2ª série A - x 2ª série B
8,45hs - Jogador Feste (fem.) - 3ª e 4ª séries
9,00hs - Damas (masc. e fem.) - 3ª A - x 3ª série B
9,30hs - Voleibol (masc.) - 1ª e 2ª séries
9,30hs - Damas (masc. e fem.) - Vencedor das 3ª e 4ª séries
10,15hs - Saltos em altura (masc. e fem.) - 3ª e 4ª séries
10,40hs - Salto em altura (masc.) - 1ª e 2ª séries
11,10hs - Salto em altura (fem.) - 1ª e 2ª séries
11,30hs - 75 m. rasos (fem.) - 1ª e 2ª séries
11,50hs - 75 m. rasos (masc.) - 1ª e 2ª séries
12,15hs - 75 m. rasos (fem.) - 3ª e 4ª séries
12,40hs - 75 m. rasos (masc.) - 3ª e 4ª séries
13,00hs - Reversamento (fem.) - 2ª série
13,30hs - Reversamento (masc.) - 2ª série
17,00hs - Reversamento (fem.) - 3ª e 4ª séries
17,30hs - Reversamento (masc.) - 3ª e 4ª séries

Imagem 26: Programação das Olimpíadas
Fonte: Colégio de Aplicação

Por meio de uma programação das Olimpíadas, verifica-se que havia participação equivalente aos dois gêneros em todas as modalidades esportivas, o que não era muito comum na época haja vista que os alunos praticavam jogos. E as alunas, atividades mais delicadas como ginástica rítmica.

Também cabia aos representantes do Governo Comunitário organizar as comissões de professores que trabalhariam durante o período das Olimpíadas. Essas comissões eram formadas por comissão de torcida, de oratória, de redação, de quadrinhas, de bandeiras, de enfermagem, de decoração, de propaganda, entre outras. Era um misto de atividades envolvendo toda a comunidade escolar, e, segundo as palavras do aluno Arnaldo Podestá Júnior (2007, p. 2):

Cada sala tinha que ser diferente, porque a gente, além de participar dos jogos, torcia. Então a torcida também valia pontos e ali era uma integração, professor, aluno, acho que a maioria das pessoas que estudavam no Aplicação hoje são as pessoas que são, graças à integração, à valorização da pessoa, ao conagraçamento que tinha, porque todos desejavam ganhar todas as modalidades esportivas, mas o

importante mesmo era competir. Inclusive a própria letra do Hino das Olimpíadas fala sobre isso. A primeira Olimpíada do Aplicação foi em 1967, inclusive tenho a medalhinha aqui. Ela é da primeira olimpíada, essa é a modalidade de futebol que eu fui um dos grandes artilheiros e consegui. O professor de Educação Física, Heber Leebarbenchom Poeta, idealizador da Olimpíadas era um “figuraço”, muito dedicado, pessoa inesquecível, juntamente com o Ernesto Vahl. Eles faziam com que nos dedicássemos ao extremo para conseguir transportar a tocha olímpica, da Reitoria, que na época ficava na Rua Bocaiúva, no centro da cidade, até o campus universitário. O trajeto era acompanhado pelo ônibus da universidade, conhecido pelos alunos como Jaburu. Nós íamos revezando com outros colegas. O reitor Ferreira Lima acendeu a tocha (feita lá mesmo no colégio com a ajuda do pessoal do curso da engenharia). Era grande, cheia de gasolina, terrível pra carregar de tão pesada. Era uma solenidade magnífica, a gente tinha orgulho mesmo em participar (informação verbal)¹¹⁰.



Fotografia 27: Medalha da primeira Olimpíada
Fonte: Acervo particular de Arnaldo Podestá Júnior

Ao ser questionado sobre os critérios para a escolha dos alunos que transportariam a tocha, o aluno Arnaldo Podestá Júnior (2007, p. 3), que conquistou a medalha, informa que eram os que obtinham o melhor desempenho nos exames práticos e nas aulas de Educação Física. “As aulas eram bem diversificadas, onde praticávamos quase todas as modalidades esportivas” (informação verbal)¹¹¹. Também o professor Ernesto Vahl Filho, ao falar das Olimpíadas, informou que:

Foi bonito de se ver, durante todo o percurso os alunos receberam atenção especial do DETRAN - Departamento de Trânsito, subordinado à Secretária de Segurança Pública (SSP), da cidade até o Campus Universitário. Aquilo revolucionou, nenhuma escola fazia igual, foi matéria de jornal (informação verbal)¹¹².

¹¹⁰ Entrevista concedida por Arnaldo Podestá Júnior em 20 de setembro de 2007.

¹¹¹ Entrevista concedida por Arnaldo Podestá Júnior em 20 de setembro de 2007.

¹¹² Entrevista concedida por Ernesto Vahl Filho em 14 de setembro de 2008.



Fotografia 28: Trajeto da tocha olímpica
Fonte: AGEKOM



Fotografia 29: Chegada da tocha na reitoria – Campus Universitário
Fonte: AGEKOM

Ainda sobre as Olimpíadas, encontraram-se documentos na escola onde a direção solicitava permissão para a utilização de pista asfaltada para as provas olímpicas, como também a presença de guardas de trânsito para auxiliar no desvio dos veículos durante a

realização dos jogos. Vê-se aí a importância de o Ginásio de Aplicação ser parte integrante da UFSC.



Fotografia 30: Concentração para os jogos

Fonte: AGEKOM

Usando um uniforme específico para a participação nas Olimpíadas, os alunos concentravam-se, juntamente com seus professores, para o início dos jogos. Ainda sobre essa prática escolar encontramos um convite enviado pelo diretor Édio Chagas ao reitor Roberto Lacerda constando o programa relativo às Olimpíadas do Ginásio de Aplicação e convidando-o a prestigiar a solenidade de abertura dos jogos. Também a pedido da direção, Eliana T. G. Fernandes, aluna vencedora do concurso da redação, prosseguiu a leitura de seu trabalho:

Colégio de Aplicação
 Aqui viemos competir
 Somos alunos e queremos vencer
 Somos leais e podemos dizer
 Que isso é bom
 É mente sã em corpo são
 É gente boa jogando, gente boa
 Aqui viemos para torcer e jogar
 Competir e fazer mais amigos
 Temos uma bandeira e um hino
 Que nos unem ao mesmo ideal
 Ele nos diz
 Servir a ti Colégio
 Pois a ti cabe o progresso do Brasil.
 (GINÁSIO DE APLICAÇÃO. LIVRO DE RELATÓRIOS, 1962)

Fazendo a leitura da redação vencedora, percebe-se a intenção de inculcação de determinados valores patrióticos nos alunos. Palavras como *vencer*, *leais*, *corpo são*, *bandeira*, *hino*, *ideal*, *servir*, *progresso* e *Brasil* remetem a um sentido de patriotismo desejado pelo governo da época.

No ano de 2007, quando o colégio comemorou a 39ª edição das Olimpíadas, várias pessoas foram homenageadas, entre elas, a autora do hino das Olimpíadas, Eliana Toulis

Ganzo Fernandes, como já mencionado anteriormente. Durante a entrevista concedida aos participantes do projeto “Olimpíadas do Aplicação,” relatou que na década de 1960 compôs a música para sua turma, e, por solicitação da direção da escola, foi transformada em hino das Olimpíadas do colégio.

Na ocasião a escola contava com um número pequeno de alunos. Não imaginava que um dia ouviria o hino ser cantado por um número tão expressivo de alunos. Então todo aquele momento de inspiração, aquelas palavras que foram feitas vão se fazer presentes durante um longo período de tempo, até que algum dia alguém queira mudar, mas enquanto ele durar é uma sensação muito bacana (informação verbal)¹¹³.

Conta a aluna que tinha apenas 14 anos quando iniciou o trabalho de compositora, e que participou da FUCATA – Festival Universitário da Canção Catarinense. Precisou inscrever-se com os professores. “Eles sempre foram muito presentes e nesse festival eu ganhei o prêmio de revelação com apenas 16 anos” (informação verbal)¹¹⁴.

Interessante como ainda está presente na memória dos alunos e professores entrevistados a letra da música. A maioria, ao falar sobre as Olimpíadas, procurava cantá-la. Foi muito bom ter vivenciado essa experiência, principalmente por também ouvi-la durante esses vinte e seis anos como professora do colégio no período das Olimpíadas.

Na entrevista feita com a professora Maria Elza de Oliveira Lima (2008, p. 2), que trabalhava na década de 1960 e que continua em atividade até hoje na escola, ouviu-se que durante um bom tempo as Olimpíadas foram a atividade culminante da comunidade escolar.

Aconteceu de um ano os professores serem homenageados com uma prova esportiva. A abertura acontecia com apresentações de acrobacias e ginástica rítmica ao som da Banda da Polícia Militar. Era um espetáculo que enchia os olhos e sensibilizava o coração. Passado que se faz ainda presença no presente (informação verbal)¹¹⁵.

A Fotografia 31 retrata um dos momentos mais esperados pelos alunos do Aplicação - a abertura das Olimpíadas. Nela se fazia presente o corpo docente da escola, autoridades, a Banda da Polícia Militar e familiares. Acontecia em frente às modestas casinhas de madeira onde funcionou o Ginásio de Aplicação durante algum tempo.

¹¹³ Zeca Pires, cineasta e ex-aluno, pela ex-estudante e agora servidora Patrícia Orofino e pelo professor de educação física Antônio Farias Filho.

¹¹⁴ Entrevista concedida por Eliana Tulois Ganzo Fernandes em 2007.

¹¹⁵ Entrevista concedida por Maria Elza de Oliveira Lima em 05 de março de 2008.



Fotografia 31: Abertura das Olimpíadas

Fonte: AGEKOM

Ernani Bayer (2007, p. 3), ex-reitor da Universidade Federal de Santa Catarina durante o período de 1980 a 1984, em entrevista, afirma que:

Eu sempre apoiei o colégio, desde o tempo em que fui diretor da Divisão de Assistência e Orientação ao Estudante, onde tínhamos muita integração com a FCDU — Federação Catarinense de Desportos Universitários —, e o Aplicação sempre foi um referencial em função das Olimpíadas, que iniciaram (tenho a impressão), na década de 60 e sempre foram uma atração, tanto para os alunos como para os familiares. Recordo que uma das Olimpíadas foi aberta lá na rua Bocaiúva, deve ter isso registrado, o Ferreira Lima acendeu a Pira Olímpica e creio que vieram trazendo-a de lá, da Bocaiúva, até o campus. Ele não veio pra cá porque estava meio adoentado, aí ele acendeu a Pira ali na frente da porta da reitoria, na Bocaiúva (informação verbal)¹¹⁶.

Também na década de 1960, os alunos eram estimulados a participar de intercâmbio escolar. Essa constatação é evidenciada fazendo a leitura de um ofício enviado ao professor de Educação Física, onde o aluno Hermínio Capela Vieira — Diretor Esportivo do Governo Comunitário — solicita, por meio da representação estudantil, a possibilidade de um intercâmbio de caráter esportivo entre os alunos do Ginásio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e os do Ginásio de Aplicação/UFSC. O intercâmbio contaria com a prática de futebol de salão (masculino e feminino), basquetebol (masculino) e voleibol (masculino e feminino). Curioso o fato de as alunas participarem do jogo de futebol de salão que normalmente era direcionado aos alunos. Novamente aparece o vínculo entre o Colégio de Aplicação da UFRGS e o da UFSC.

¹¹⁶ Entrevista concedida por Ernani Bayer a Patrícia Orofino em 20 de maio de 2007.



Fotografia 32: “Somos alunos e queremos vencer”

Fonte: Acervo ex-aluna.

Antônio Carlos Boabaid (2008, p. 2), ao falar sobre as Olimpíadas do colégio, lembra ter ganhado numa delas uma medalha pelo espírito olímpico.

Nós jogávamos, torcíamos, brincávamos durante toda a semana das Olimpíadas. Um colega de turma — Paulo Bravo— era meu companheiro de corrida. Ele era muito rápido e fazia aquilo com tanta naturalidade que ficávamos espantados. Ganhava sempre, era o homem a ser vencido (informação verbal)¹¹⁷

Ernesto Vahl Filho (2008, p. 2) lembra que durante as Olimpíadas conseguiam trazer os pais para a escola. Havia a disponibilidade dos professores em participar fora do horário de trabalho.

Além do uniforme do colégio [...] a gente tinha na programação determinadas atividades que eles mesmos sugeriam. Então essas sugestões eram levadas para as demais turmas, para a direção da escola e, de repente, eram atividades que empolgavam todo mundo. O que marcou muito no colégio foi que quando se colocavam as coisas para os alunos e eles tinham também que trazer idéias, a gente tinha resultados muito bons. Nada no colégio se fazia impondo as coisas, nós buscávamos as sugestões deles. Isso me dá uma saudade, até me emociona (informação verbal)¹¹⁸.

Realmente, conforme o relato do professor Ernesto Vahl Filho e os demais depoimentos de ex-alunos, a imposição não era uma marca registrada no Ginásio de Aplicação na década de 1960. A escola procurava zelar por um ambiente onde as propostas de atividades fossem abertas, permitindo assim que os alunos participassem argumentando, dando sugestões.

¹¹⁷ Entrevista concedida por Antônio Carlos Boabaid em 25 de abril de 2008.

¹¹⁸ Entrevista concedida por Ernesto Vahl Filho em 14 de setembro de 2008.

No entanto, merece ser questionado o excessivo valor atribuído aos esportes, em detrimento de outras atividades educativas também de grande importância. Novamente, percebem-se aqui reflexos da política educacional em vigor.

3.3 Festas escolares

As festas escolares, integrantes da cultura escolar, além de se constituírem prática de socialização, possibilitando momentos de confraternização, alegria, comemoração, lazer, constituem a ocasião em que a escola demonstra seu funcionamento à comunidade.

Conforme Cândido (2007, p. 20), as festas escolares são momentos privilegiados para o aprendizado de conteúdos, de disseminação de conhecimento, de normas e de valores legitimados pela escola e pela sociedade.

No Ginásio de Aplicação, na década de 1960, algumas festas foram comemoradas envolvendo os alunos, docentes, equipe diretiva e familiares.



Fotografia 33: Desfile de 7 de Setembro, 1965 – Rua Visconde de Ouro Preto
Fonte: Acervo particular de Marlete Mafra

A frase de Olavo Bilac “Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste!”, retirada do livro *Estudo Dirigido de Educação Moral e Cívica* (Avelino Antônio Correa, 1975, p. 70), revela a importância que se dava, na cultura escolar do Ginásio na década de 1960, às comemorações cívicas. Outra prática que merece destaque, apesar de não ser considerada

inovadora, diz respeito ao desfile cívico, considerado um momento de afirmação da identidade patriótica do Ginásio de Aplicação, de caráter obrigatório. Nas entrevistas, os alunos referiam-se a esse acontecimento como um marco da cultura nacionalista desenvolvida pelo Ginásio naquele momento da ditadura militar. No ano de 1965, os alunos desfilaram na Rua Visconde de Ouro Preto, no centro da cidade, conforme a Fotografia 33.

Em Edital do dia cinco de setembro de 1965, o diretor do Ginásio estabelece que o desfile de 7 de setembro é obrigatório para todos os alunos do Ginásio de Aplicação; para qualquer efeito, só a Direção do estabelecimento poderá dispensar alunos do desfile. O não comparecimento bem como o não atendimento das regras estabelecidas serão considerados falta grave.

Nota-se uma certa incoerência em relação à obrigatoriedade em participar do desfile escolar e o incentivo por parte do corpo docente e administrativo, naquele período histórico, para que os ginásianos participassem do Governo Comunitário.

É recorrente, na fala dos ex-alunos, a importância que a comunidade escolar dispensava a essa prática escolar. Segundo Fernando César Demetri (2008, p. 3):

Nós saíamos do Teatro Álvaro de Carvalho em direção à Rua Felipe Schmidt. Lembro bem que num determinado momento era formado um pelotão composto as iniciais do Ginásio e da Faculdade de Filosofia- GA – FAFI. Éramos muito aplaudidos pelo público presente. As bandeiras, estandartes faziam presença nos desfiles (informação verbal)¹¹⁹.



Fotografia 34: Desfile de 7 de Setembro, 1968 – Av. Rubens de Arruda Ramos
Fonte: Colégio de Aplicação

Momentos como esses mereciam atenção especial por parte do corpo docente. A fotografia 35 registra a participação dos alunos do Ginásio de Aplicação num dos desfiles

¹¹⁹ Entrevista concedida por Fernando César Demetri em 12 de agosto de 2008.

cívicos realizado na principal avenida da capital – Avenida Rubens de Arruda Ramos. Nas entrevistas, os alunos lembram os sucessivos ensaios para que o desfile ocorresse da melhor forma possível. Calça quadriculada preta e branca, de tergal, com camisa branca e casaco de malha branco com detalhes em verde para os meninos e para as meninas saia também quadriculada em preto e branco, de tergal e camisa branca. Havia o símbolo do Ginásio estampado no uniforme, motivo de muito orgulho para os alunos que pertenciam ao Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Afirma Forquin (1993) que a escola age de forma seletiva em relação aos aspectos culturais que intencionalmente busca perpetuar. Como transmissora da cultura, ela rejeita as concepções indesejáveis, na mesma medida em que imprime nas ações pedagógicas valores, conhecimentos, atitudes e habilidades, os quais considera fundamentais. Sendo assim, é a partir do interior desse pedaço selecionado da cultura que a escola demonstra seu prestígio para a comunidade em geral.

Gladys Mary Ghizoni Teive, em seu livro “Uma vez normalista, sempre normalista: cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense: 1911-1935)”¹²⁰ informa que, já na década de 1910, as escolas catarinenses realizavam desfiles cívico-patrióticos, cujos preparativos começavam muito cedo. “As escolas competiam entre si para emocionar a população, que se aglutinava em torno da Praça XV de Novembro para assistir ao desfile, um dos maiores eventos da cidade” (TEIVE, 2008, p. 59). Passado meio século, essa comemoração ainda fazia parte da cultura escolar do Ginásio de Aplicação, especialmente a partir do golpe militar de 1964. Dessa forma, durante o regime militar houve um clima de ufanismo, que valorizava e dava visibilidade às festas cívicas, particularmente o de 7 de setembro.

Como propôs Julia (2001), a cultura escolar é também formada por práticas que procuram interiorizar determinadas condutas nos estudantes, a partir dos propósitos político-pedagógicos das escolas. Em boa medida, as estratégias de transmissão e de avaliação dos saberes escolarizados concorrem para a fabricação de sujeitos específicos, que têm variado historicamente. Tudo indica que o Ginásio de Aplicação, na década de 1960, objetivava inculcar nos alunos o ideário patriótico, além de incentivar o amor à Pátria. Ao transmitir esses saberes, indispensáveis a formação do “bom cidadão”, os docentes e a administração do ginásio eram reconhecidos publicamente. É possível perceber a relevância dada à apropriação

¹²⁰ TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. “**Uma vez normalista, sempre normalista**”. Cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense: 1911 a 1935). Florianópolis: Editora Insular, 2008.

dessas condutas e saberes pelo desfile de 7 de Setembro, através da leitura de um relatório da época:

O Ginásio de Aplicação, a exemplo do ano anterior, apresentou-se de uma maneira toda especial no desfile de “7 de Setembro”, quando a Pátria querida começara sua independência.

O Desfile Escolar, este ano, foi aberto pelos estudantes e posteriormente desfilaram as Forças Armadas sediadas em nossa capital.

Nesta bela festa cívica, onde os jovens demonstram o seu patriotismo, sua elegância, pujança e vigor, os nossos alunos se comportaram com muito garbo, merecendo aplausos de todos aqueles que assistiam à dignificante festa, que tem um cunho todo especial na formação de nossos jovens. (GINÁSIO DE APLICAÇÃO. LIVRO DE RELATÓRIOS, 1961-1969)

Com efeito, concordando com Teive (2008), os preparativos para comemorar o 7 de setembro começavam cedo, na década de 1960. No Ginásio de Aplicação, também se observa essa preocupação, como atesta o ofício enviado pelo diretor Édio Chagas para o Diretor do Departamento Cultural, solicitando a colaboração no sentido de confeccionar “discos ou escudos” representantes das várias Unidades da Universidade Federal de Santa Catarina.

Relata a professora Maria Elza de Oliveira Lima (2008, p. 4) que:

Ao ingressar no Ginásio de Aplicação, em 1968, não tínhamos Fanfarra. Ela surgiu com a parceria articulada com a Polícia Militar quando solicitamos o auxílio para as representações rítmicas na abertura das Olimpíadas. Durante todo o ano, uma vez por semana, vinha uma integrante da Polícia preparar os alunos interessados em participar da Fanfarra. No desfile, marchávamos com eles — professores da escola e alunos. Eles se sentiam extremamente responsáveis — os alunos. Ninguém precisava ficar cuidando deles no desfile. O uniforme dos alunos da Fanfarra foi confeccionado por nós, professores. A escola comprou o material necessário e nós... Mãos na massa. Ficou lindo! (informação verbal)¹²¹.

Em entrevista, Giovanni Gerber (2007, p. 2) relembra emocionado: “Adorávamos participar da Fanfarra. Eu tocava caixa, se tivesse uma aqui eu tocaria, ainda lembro bem. A primeira vez que nos apresentamos foi na Praça Getúlio Vargas. Era lindo, lindo!” (informação verbal)¹²². Também se referindo ao desfile de 7 de setembro, o diretor do Ginásio, José Tombosi, em Edital – 5/65 –, estabelece, no uso de suas atribuições, a necessidade de:

1. Tecer uma NOTA DE LOUVOR aos alunos pelo brilhantismo com que se houveram no desfile de 7 de setembro.
2. Comunicar a satisfação do Sr. Inspetor Prof. Nilson Paulo e do Magnífico Reitor da Universidade, Prof. João David Ferreira Lima, pelo correto e brioso comportamento dos alunos do Ginásio de Aplicação no desfile.
3. Congratular-se com os professores de Educação Física pela preparação do desfile.

¹²¹ Entrevista concedida por Maria Elza de Oliveira Lima em 05 de março de 2008.

¹²² Entrevista concedida por Giovanni Gerber em 22 de outubro de 2007.

Ainda sobre a importância dessa data, leu-se um Edital (11/1963), onde a direção do Ginásio comunicava aos professores e alunos sobre o convite da direção do SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) para uma concentração de confraternização dos alunos daquela instituição e dos alunos do GA em comemoração ao dia da Independência do Brasil. A referida atividade aconteceria no Ginásio Charles Edgar Moritz, e as aulas desse dia seriam suspensas, devendo comparecer todo o corpo docente da escola juntamente com seus alunos.

Outro destaque relacionado a essa festa foi o envio de uma correspondência pela direção da escola aos professores do Ginásio:

Temos a destacar o garbo de nossos alunos, quando do “Desfile Escolar”, realizado no dia 7 de Setembro, merecendo aplausos e elogios de todos aqueles que assistiam ao desfile. Ficou o corpo de alunos assim distribuído:
Guarda de Honra (Bandeira Nacional); Pelotão que apresentou evolução (uniforme do colégio); Guarda de Honra (Bandeira de Santa Catarina);

O professor Ernesto Vahl Filho (2008, p. 2) conta que no início dos ensaios alguns dos alunos queriam furar os tambores e então convidou as meninas para tocarem também. Diz que daquele dia em diante, eles mudaram a postura e os ensaios passaram a ter um ótimo resultado.

Queriam fazer bonito para as colegas [...] na véspera do desfile falamos para eles que desfilaríamos com eles, mas que não chamaríamos a atenção de nenhum aluno. Olha, foi um sucesso! O Ginásio recebeu até uma correspondência do governo elogiando o fato de os professores terem participado da marcha com os alunos. Nunca me esqueço disso (informação verbal)¹²³.

Nesse sentido, pode-se interrogar se as cartas e ofícios de congratulação eram uma avaliação positiva de que o Ginásio de Aplicação não estava fora dos trilhos da educação. E situar que era a partir desses depoimentos que o Ginásio de Aplicação começava, na década de 1960, a “colher frutos” de todo o investimento realizado pelo corpo docente e discente na preparação para essa solenidade cívica. E que toda essa busca por mostrar a escola como um espaço para construção do patriotismo não estava, em verdade, em um corpo dirigente mostrando-se “fiel à ditadura”, apesar de burlar algumas “regras” como a que dava espaço para a efetivação do Governo Comunitário.

Essas questões evidenciam que a constituição de determinada cultura escolar é marcada por momentos e movimentos permeados também por contradições.

As atividades de socialização desenvolvidas na e pela escola são significativamente importantes para a construção de um sentimento de pertença a um determinado grupo. Também conviver com outros indivíduos que possuem pensamentos, emoções, sentimentos,

¹²³ Entrevista concedida por Ernesto Vahl Filho em 14 de setembro de 2008.

que apreciam ou julgam é de fundamental importância. Há, no entanto, a necessidade de aprender a agir em comunidade, como membros cooperativos de um ou de vários grupos sociais.

Nesse sentido, as festas juninas do Ginásio de Aplicação eram motivo de muita integração entre a comunidade escolar e as famílias. Nas entrevistas, por várias vezes, apareceram referências a essas festas.

Valter da Luz (2008, p. 2), aluno da década de 1960, fala com carinho: “Tenho uma lembrança linda das festas juninas. Fui noivo duas vezes na apresentação da quadrilha. Como era bom!” (informação verbal)¹²⁴.

Também Izabel Gomes (2008, p. 3), aluna da 2ª turma do Ginásio, recorda:

No mês de junho vinham as festas juninas. Era o único evento a que a minha mãe deixava eu ir na escola. Era um misto de professor e aluno, uma harmonização. Ensaiávamos as danças, as apresentações. A festa acontecia no hall do prédio onde atualmente funciona o Básico. Era uma maravilha! (informação verbal)¹²⁵.

O corpo docente e administrativo da escola não media esforços para que aquele tradicional evento tivesse sucesso e comprova isso outro ofício encaminhado pelo diretor do Ginásio de Aplicação ao diretor da Faculdade solicitando aquele espaço para a realização da festa.

O Departamento Social do Governo Comunitário programava as festividades juninas cuidadosamente, explicitando os objetivos a serem atingidos: conhecimento do folclore da ilha; relacionamento social extraclasse; vivência de criatividade, sociabilidade e organização mental. Também participavam de reuniões com orientadores de classe para incentivar a organização das turmas; divulgavam a festa através de rádio, jornais, cartazes; contratavam o “Band Show” da Polícia Militar para abrilhantar a festa; preparavam gincanas juninas; etc.

Marlete Mafra (2008), em entrevista, diz que gostava muito das festas juninas, que os professores faziam vários ensaios para que tudo saísse a contento. Dançavam a ratoeira, pau-de-fita e outras danças típicas da festa (informação verbal)¹²⁶.

“Eu tocava acordeom nas festas juninas. Eram muito animadas, era grande a participação das famílias” (informação verbal)¹²⁷, diz a professora Leda Scheibe. Também Dirce Eli Amorim (2009), aluna das primeiras turmas, conta que vinham de carreta, da padaria de uma família que tinha quatro filhos alunos do colégio até o local da apresentação.

¹²⁴ Entrevista concedida por Valter da Luz em 19 de dezembro de 2008.

¹²⁵ Entrevista concedida por Izabel Gomes em 25 de março de 2008.

¹²⁶ Entrevista concedida por Marlete Mafra em 09 de agosto de 2008.

¹²⁷ Entrevista concedida por Leda Scheibe em 02 de março de 2009.

A preocupação dos pais era de que os cavalos se assustassem e disparassem com o barulho dos fogos que vinham soltando. “Era uma festança, nós adorávamos a festa junina.” (informação verbal)¹²⁸.

Pelos relatos dos alunos e professores, a festa junina era uma das práticas da cultura escolar do Ginásio de Aplicação bastante prestigiada pela comunidade. Sobre essas festas no Ginásio, o aluno Giovanni Gerber recorda:

Fazíamos festinhas aos sábados à tarde, alguns dos nossos professores participavam também, aquilo era muito bom, integrava os alunos e professores. Devo dizer que até hoje meus melhores amigos são os do ginásio. Temos o hábito de nos encontrar uma vez por semana para fazermos um joguinho e por incrível que pareça, o assunto acaba sendo sempre sobre o colégio (informação verbal)¹²⁹.

Isso denota que a direção e o corpo docente do Ginásio primavam para garantir a participação entre os vários segmentos do Ginásio de Aplicação: discentes, famílias, docentes e funcionários, o que deveria concorrer para o almejado conagraçamento da comunidade escolar. De fato, o estar junto era um componente que, no entendimento dos alunos entrevistados, fez toda a diferença no que se refere à constituição e fortalecimento dos grupos de amigos. Há unanimidade quanto à importância desse vínculo, adquirido nos tempos do ginásio. Vale registrar que nas memórias dos alunos as práticas de socialização desenvolvidas no ginásio na década de 1960 deixaram, além de muita saudade, um forte sentimento de amizade.

3.4 O Coral Estudantil

Outra prática escolar que integrava a cultura escolar do Ginásio de Aplicação, ainda mantida na memória dos ex-alunos, era o Coral Juvenil. Na leitura de relatórios, essa prática se faz presente na comunidade acadêmica. Após muitos ensaios semanais, o Coral Juvenil do Ginásio de Aplicação fez sua estreia por ocasião dos festejos juninos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 1964. Na ocasião, foi vivamente cumprimentado pelos professores e pais dos alunos que lá estiveram presentes. É de se notar a viva satisfação dos pais e professores, prestigiando e sentindo de perto as atividades de seus filhos e alunos.

¹²⁸ Entrevista concedida por Dirce Eli Amorim em 2009.

¹²⁹ Entrevista concedida por Giovanni Gerber em 22 de outubro de 2007.

Posteriormente o Coral se apresentou no Colégio das Irmãs da Imaculada Conceição, em Florianópolis, a convite daquele estabelecimento, fazendo um intercâmbio das práticas educativas com os alunos daquele estabelecimento. Foi uma verdadeira troca de experiências e, na oportunidade, recebeu aplausos dos presentes.

Por ocasião da festa dos professores, o Coral voltou a se apresentar na Faculdade de Filosofia, levando a todos os mestres daquela casa sua mensagem de gratidão pela palpável produção nas práticas escolares contidas no currículo do Ginásio. Naquela ocasião, o Coral prestou significativa homenagem à Senhora Maria da Glória de Castro Brandeburgo de Oliveira, Inspectora Seccional de Florianópolis, que se encontrava no estabelecimento. Posteriormente, proferiu ela amplos elogios à iniciativa de educação musical existente no Ginásio.

A convite especial da Nestlé, em setembro de 1965, o Coral exibiu-se no Teatro Álvaro de Carvalho, por ocasião da Semana Nestlé de Atualização em Pediatria, com a participação de professores de renome nacional e dos professores locais Nei Perrone Mund, Murilo Ronald Capella, Álvaro José de Oliveira e Nelson Grisard. Naquela ocasião, o Coral destacou-se e cresceu no conceito público.

Apresentou-se também na Missa de Formatura dos alunos do Ginásio, bem como na sessão solene de colação de grau. A convite da direção do Instituto Estadual de Educação, voltou a se apresentar no Teatro Álvaro de Carvalho, quando da Formatura do Curso Normal daquele estabelecimento de ensino

Através do registro familiar na caderneta escolar da aluna Madalena Maria Ferreira, no ano de 1965, observa-se a importância atribuída ao Coral Estudantil como prática escolar no Ginásio de Aplicação: “Sr. Diretor, por motivo de força maior, a aluna Maria Madalena Ferreira deixou de tomar parte do ensaio do dia de ontem, no Coral. Atenciosamente, Maria Elza Ferreira”.

A Associação de Pais e Mestres promoveu uma reunião festiva, no dia 24 de junho de 1964, de caráter lítero-musical, oferecida ao corpo docente e pais, efetuada no salão nobre da Faculdade de Filosofia da Universidade de Santa Catarina. Nessa ocasião foi oferecido um coquetel aos presentes, tendo havido a primeira apresentação do Coral Ginasiano.

Compreende-se, dessa forma, que o Coral, além de atividade extraclasse dos alunos (por ser realizado fora do horário das aulas), auxiliava na construção da boa imagem do Ginásio de Aplicação.

3.5 Feira de Ciências

Entre as muitas práticas desenvolvidas pelo Ginásio relatadas pelos entrevistados, a Feira de Ciências merece destaque. O relato do aluno Celso Martins Silveira Filho (2008, p. 4) confere esse dado:

Era um acontecimento muito esperado. Era possível elaborar um projeto e desenvolver com esse objetivo. Foi em particular minha porta de acesso à arqueologia. No tempo em que o CA funcionava no prédio do CED, o então Museu de Antropologia ainda estava em fase de organização através do professor Oswaldo Rodrigues Cabral, com quem travei relações entre o final dos anos 60 e início da década de 1970. Lembro perfeitamente que meus primos em Laguna haviam levado para casa um crânio em pedaços extraído de um sambaqui naquela cidade, no local da construção do Laguna Tourist Hotel, sobre um promontório, na praia do Gi. Pois bem: trouxe esse artefato de Laguna para Florianópolis e o encaminhei ao professor Cabral que, com muita paciência e ao longo de alguns meses, foi remontando com paciência, explicando do que se tratava, o que era um sambaqui, quem poderia ter sido aquela pessoa cujo crânio estava a nossa frente etc. No mesmo Museu conheci ainda Anamaria Beck (acompanhei algumas vezes as escavações que ela fez na ponta do Lessa), os professores Sílvio Coelho dos Santos e Luis Carlos Halfpap. Cheguei a apresentar numa dessas feiras um trabalho sobre evolução, com apoio de slides, com a ajuda do pessoal do Museu (informação verbal)¹³⁰.

A fala do aluno Celso Martins Silveira Filho revela o quanto foi importante o desenvolvimento da Feira de Ciências no contexto do Ginásio de Aplicação. Essa importância é também retratada pelo aluno Giovanni Gerber: “As feiras de Ciências eram constantes naquela época. Participávamos com os universitários. Os professores nos estimulavam muito para que expuséssemos nossas ‘invenções’ ” (informação verbal)¹³¹. Isso proporcionou bons conhecimentos. Despertava nossa curiosidade ficar observando os vários experimentos ali expostos. Também o aluno Antônio Carlos Boabaid, sobre a participação dos alunos do colégio nessa atividade, diz que as feiras eram sistemáticas, anuais, e algumas delas aconteciam fora do colégio, e os professores incentivavam muito o envolvimento dos alunos. Outra aluna que se manifestou sobre a prática da Feira de Ciências foi Dirce Eli Amorim: “Lembro que eram oferecidos troféus e certificados pelo desempenho dos alunos na Feira de Ciências e isso incentivava muito a participarmos.” (informação verbal)¹³².

A partir dos detalhes relatados pelos alunos sobre a Feira de Ciências, pode-se considerar que esse evento, como prática escolar do Ginásio de Aplicação na década de 1960,

¹³⁰ Entrevista concedida por Celso Martins Silveira Filho em 12 de julho de 2008.

¹³¹ Entrevista concedida por Giovanni Gerber em 22 de outubro de 2007.

¹³² Entrevista concedida por Carlos Antônio Boabaid em 25 de abril de 2008.

proporcionou momentos interessantes de aprendizagens e exerceu um lugar de destaque no processo escolar dos alunos.

3.6 Associação de Pais e Mestres

Associação de Pais e Mestres¹³³ é uma entidade jurídica de direito privado, criada com a finalidade de colaborar para o aperfeiçoamento do processo educacional. Com efeito, a APM pode ser uma das formas de construção de um processo pelo qual representantes da comunidade escolar, na forma de sujeitos individuais e coletivos, participem diretamente da tomada de decisões, bem como da execução do que foi definido coletivamente como política.

Vitor Henrique Paro (1995) coloca que, além das reuniões de pais, as escolas contam ainda com outros “mecanismos de ação coletiva” que preveem a participação das famílias na tomada de decisões de questões do cotidiano do estabelecimento: a Associação de Pais e Mestres (APP) é um deles. APP — terminologia utilizada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nas escolas —, com conceito similar, pode receber diversas outras denominações.

De modo geral, o acesso formal que os pais/responsáveis têm às escolas se dá tanto por intermédio das reuniões de pais, geralmente para apresentação do corpo docente, do Projeto Político Pedagógico — PPP — e entrega de boletins, como por meio da Associação de Pais e Professores.

O Capítulo XI — Da Articulação com a Família — Regimento Interno do Colégio, aprovado em 1968, apresenta os seguintes artigos:

Art. 40 – A articulação entre a Escola e a família far-se-à através da Associação de Pais e Mestres.

Art. 41 – A Associação referida no artigo anterior é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com foro e sede nesta Capital, que terá por finalidade precípua o entendimento e a cooperação entre o corpo docente do Colégio de Aplicação e os pais dos alunos, em favor do ensino e da educação.

Art. 42 – Sua organização e funcionamento constarão de estatuto próprio, devendo este ser aprovado pela Direção da Escola.

¹³³ Para maiores explicitações sobre APP ver dissertação de mestrado de Jane Motta - A participação da Associação de Pais e Professores - APP na escola pública catarinense: democracia ou tutela? Sob a orientação da professora Maria das Dores Daros (2001).

A contribuição financeira para a APM é sempre facultativa, sendo que, no início de cada ano letivo e após o encerramento do período de matrícula, são fixadas a forma e a época para a campanha de arrecadação das contribuições.

Nesse sentido, os objetivos da Associação de Pais e Professores são de natureza social e educativa, sem caráter político, racial ou religioso e sem finalidades lucrativas.

Para surpresa, durante a pesquisa algumas das atas da Associação de Pais e Mestres (como era denominado antigamente) eram datadas do ano de 1964, como comprova a ata que está em anexo. Contraria o que consta atualmente nos registros do colégio, que tem o ano de 1984 como início de seu funcionamento.

No ano de 1964, no salão de projeções da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Santa Catarina, acontecia a solenidade de início da Associação de Pais e Mestres do Ginásio de Aplicação. Após a reunião, foi lavrada a ata que segue abaixo:

Aos onze dias do mês de abril de 1964 no salão de projeções da Faculdade de Filosofia, de Aplicação da referida Faculdade, reuniram-se pais e mestres, em número total de quarenta e três, conforme lista de presença arquivada para o fim precípua de criar a Associação de Pais e Mestres do Estabelecimento .

Iniciando a sessão usou da palavra o senhor Professor José Tombosi, diretor em exercício do Ginásio de Aplicação e, em seu nome e no do corpo docente, deu boas vindas aos senhores pais, dizendo da soberana importância do trabalho conjunto família-escola no processo da Educação. Convidou um professor presente para secretariar os trabalhos e solicitou ao orientador educacional professor Jeanco Rodrigues Correia para tecer uma informação detalhada sobre o Órgão a ser criado isto é- a Associação de Pais e Mestres. O solicitado mestre, em palavras claras e bem fundadas cumpriu com o dever de esclarecer a assembléia sobre o assunto comentando o Ante-Projeto do Estatuto da futura Associação, preparado por uma comissão de docente do Ginásio; ao par destes informes normativos entremeou sua exposição com argumentação segura sobre a importância, para a educação do funcionamento do tal Órgão.

Ao término, retoma a palavra o diretor José Tombosi para sugerir a eleição de uma diretoria provisória que dê início aos trabalhos de instalação efetiva da Associação. Sugere que sejam eleitos por aclamação e pede que sejam indicados nomes para os cargos. O Professor José Curi indica o nome do Irmão Bento para presidente, indicação que é unanimemente apoiada. São indicados, por ordem, e aceitos os seguintes pais e mestres para os seguintes cargos diretivos:

1º Vice-presidente- Professor José Curi

1º Secretário – Sr. Sebastião Bonassis de Albuquerque (pai)

2º - Secretário- Professora Dilza Délia Dutra

1º- Tesoureiro- Sr. Nery Cardoso Bittencourt (pai)

2º Tesoureiro –Professor Djalma Lebarbenchon

A palavra é então passada ao Professor José Curi, que, como presidente, em vista da ausência do Irmão Bento, instala a Associação de Pais e Mestres perante a Assembléia, com palavras de estímulo, satisfação e entusiasmo. Diz da necessidade de outra assembléia geral para estudo e aprovação dos Estatutos, o que fica convencionado para o próximo domingo, digo, sábado ao dia das mães. Uma senhora presente inquire sobre a questão dos uniformes e o Senhor diretor Tombosi contesta informando que em breve será distribuído o modelo definitivo aos alunos.

Nada mais havendo a tratar e não aparecendo nenhuma outra manifestação, deu o presidente por encerrada a sessão, da qual, para os fins devidos, foi lavrada a presente ata que será subscrita pelo secretário, professora Dilza Delia Dutra e assinada pelos membros diretores provisórios. Florianópolis, 11 de abril de 1964.

Dilza Delia Dutra. (GINÁSIO DE APLICAÇÃO. RELATÓRIO GINÁSIO DE APLICAÇÃO – 1964).

É oportuno levantar algumas reflexões a partir da leitura da primeira ata. A indicação do Irmão Bento, do Abrigo de Menores, para a presidência da Associação de Pais e Mestres demonstra a pouca preocupação com o processo democrático da eleição para o cargo. Outro aspecto é a contestação, por parte da direção, na figura do professor José Tombosi, quando questionado por uma mãe de aluno sobre o uniforme escolar, o que não corrobora a sua afirmação sobre a importância do trabalho conjunto família-escola.

Um dos objetivos da Associação de Pais e Mestres também se fez presente em registro no livro de reuniões:

A Associação de Pais e Mestres promoveu uma reunião festiva, no dia 24 de junho de 1964, de caráter lítero-musical, oferecida ao corpo docente e pais e efetuada no salão nobre da Faculdade. Nessa ocasião foi oferecido um coquetel aos presentes, tendo havido a primeira apresentação do Coral Ginasiano.

No Livro de Registros de Portarias do Ginásio de Aplicação encontram-se várias convocações para que os professores participassem da reunião de Pais e Mestres.

Essas reuniões tinham sempre como objetivo a integração da família com o colégio e tornar aquela ciente dos trabalhos desenvolvidos em cada disciplina e de acompanhar o processo ensino-aprendizagem dos estudantes.

Durante a pesquisa, foram realizados contatos com os três colégios de Florianópolis que ofereciam ensino ginásial na época (Colégio Catarinense, Colégio Coração de Jesus e Instituto Estadual de Educação, anteriormente chamado de Instituto Dias Velho), para averiguar sobre a existência da Associação de Pais e Mestres nessas instituições de ensino.

Convém pensar que o Ginásio de Aplicação foi pioneiro nessa prática escolar. Essa informação causou estranhamento não apenas à atual direção da Associação de Pais e Professores do Colégio de Aplicação, como também à direção do Colégio, que considerava o ano de 1982 como o início de sua implantação. Na Escola Técnica Federal de Santa Catarina, Denise Meira, professora da disciplina de História, informou não ter localizado documentos referentes a essa prática naquela instituição de ensino e, no Instituto Estadual de Educação, também se teve a informação da não existência da Associação de Pais e Professores na década de 1960.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa objetivou estudar a Cultura Escolar do Ginásio de Aplicação na década de 1960, situando saberes escolares, a sua efetivação a partir da investigação dos sujeitos que participaram de sua constituição — hoje ex-alunos e ex-professores —, focando a reflexão histórica naquela década, período em que o Ginásio de Aplicação da UFSC foi instituído. Portanto, abordou-se um conjunto de elementos que marcam essa cultura na organização escolar, em particular aqui demarcado pelo estudo da estruturação física e documental da escola, seus saberes e práticas escolares e de socialização.

Essa análise percorreu um caminho marcado por diferentes fontes, documentos legais, documentos históricos do colégio, o próprio currículo do Ginásio de Aplicação, e ainda entrevistas com ex-alunos e ex-professores para melhor compreensão do que marcava a cultura escolar na implantação do Ginásio de Aplicação. Pelas entrevistas, o trabalho possibilitou dialogar com a memória representada, isto é, com as representações construídas por docentes e alunos em torno da sua atuação.

Destaca-se aqui que, no início da pesquisa, houve certa dificuldade em lidar com os documentos, pelo fato de estes não terem uma organização na escola, apenas estavam depositados em caixas numa sala. Hoje, há um projeto em desenvolvimento para sua organização e reitera-se o quanto é necessário o cuidado para a conservação documental das fontes históricas, pois muitas vezes não são percebidas como tal.

A constituição dos colégios de aplicação articulava-se a uma idéia de formação docente, de lugar de experimentação pedagógica e de produção de saber educacional, por meio do bom desenvolvimento das escolas-estágio, de experimentar novas práticas pedagógicas, novos modelos de organização e de metodologia didática. Esse movimento, no Brasil, é marcado no contexto de um ideário escolanovista.

Esse ideário é percebido nas falas dos sujeitos entrevistados ao situarem ter “a obrigação de criar, experimentar e divulgar nossos métodos e nossas técnicas de ensino” e “de fazer com que o colégio fosse um difusor de novas metodologias, onde tudo que fizéssemos fosse estendido para a comunidade”.

O Ginásio de Aplicação da UFSC, apesar de acompanhar, por vezes de forma fragmentada, o desenvolvimento de teorias e concepções da função da escola, manteve-se como espaço e instrumento de discussão e de implementação das "novas tendências".

Contudo, não se pode afirmar que, como espaço experimental, antecipava-se aos momentos inovadores e críticos dessas tendências. Ou seja, o Ginásio de Aplicação da UFSC atuava como um articulador das inovações que emergiam daquele momento educacional no Brasil, isto é, de uma determinada ideia e função de escola nova.

Ao analisar elementos que configuravam a inovação das práticas, podemos levantar questões como: a coeducação; a possibilidade de experimentação — marcada pela organização coletiva do trabalho pedagógico, modo de configuração do currículo e suas disciplinas buscando-se sua articulação com as questões levantadas na comunidade local, novos materiais e recursos utilizados nos estudos, saídas de campo, aulas em laboratório, a participação dos estudantes nas mais variadas atividades, o trabalho em grupo, o desenvolvimento da pesquisa, debates, a produção dos estudantes, a possibilidade de articulação entre as áreas do saber. Enfim, há indícios de encaminhamentos metodológicos atrativos que, aliados ao fato de os professores do Ginásio atuarem na formação docente na graduação — o que lhes permitia a reflexão sobre seu próprio fazer pedagógico —, caracterizam uma busca do que se chamava “inovação pedagógica”.

Também são percebidas contradições na representação dos entrevistados, ao indicarem práticas não coerentes com o ideário escolanovista. Nessa dimensão, indicia-se que ao se demarcar os objetivos da escola e suas práticas, podemos captar tanto movimentos de avanços como de contradições no grupo dos professores, marcados por concepções nem sempre explicitadas ou assumidas em hegemonia.

Essa contradição também é demonstrada nas questões que indicam o movimento dos professores e dos dirigentes do Ginásio entre a busca do desenvolvimento da inovação pedagógica e as dificuldades em função das ainda limitadas estruturas físicas, o que gerava condições de trabalho não apropriadas a essa inovação.

Em relação aos significados trazidos pelos sujeitos sobre as práticas inovadoras de socialização, podemos compreender que a sua vivência oportunizou o fortalecimento de vínculos afetivos, além de se constituírem possibilidades de reprodução de valores específicos da cultura, pois pelo coletivo promovem integração cultural entre grupos de alunos, famílias, professores. É pensar a função da escola na apropriação de saberes e de práticas humanizadoras, promovidas por experiências e relações que a vida social exige. Destacam-se aqui, nas falas dos ex-alunos, as amizades construídas durante o tempo de ginásio, as brincadeiras de estudantes, o governo comunitário, a feira de ciências, as olimpíadas e práticas desportivas, o coral estudantil, intercâmbios escolares, a associação de pais e mestres

e, com particular destaque, as festas escolares. Enfim, essas atividades inserem-se no âmbito da escola, promovendo interações sociais entre os sujeitos, as quais ainda hoje são representativas em suas falas.

Nessas práticas de socialização, desenvolve-se um processo em que a escola age de forma seletiva em relação a questões culturais que intencionalmente busca perpetuar, e pelas mesmas demonstra sua legitimidade para a sociedade.

Visualizam-se memórias de que o Ginásio de Aplicação atuou como instrumento de discussão na implementação de tendências pedagógicas no movimento educacional catarinense. Por outro lado, foi possível levantar também práticas que poderíamos caracterizar como conservadoras perante a função social crítica e emancipatória que esse movimento requeria.

Desse modo, pode-se afirmar que a maior característica de inovação consistiu exatamente em colocar em movimento e discussão diferentes concepções de escola, principalmente por tal debate se situar no âmbito da escola pública.

Vale lembrar que a presente dissertação representa a consolidação do trabalho realizado por uma pesquisadora iniciante, que busca aprofundamento teórico uma vez que optou por uma disciplina nova — História e Historiografia da Educação —, portanto marcado por um determinado olhar e pela provisoriedade.

Esse texto está aberto, assim, a espaços para novas “escavações” e questões além das aqui problematizadas pois há necessidade de adentrar outros aspectos que favoreçam uma melhor compreensão da cultura escolar e da prática no Ginásio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. É preciso lembrar o que diz Julia (2001), ao destacar o quão é árdua a análise das práticas, uma vez que ela não deixa traço — ou deixa pouco. Deixo aqui alguns dos traços que construí e desvelei.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Os desafios da escola co-educativa nos tempos republicanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UCG, 2006. v. 1, p. 1-9.

ANDRADE, M. C. B. Entre cartas, falas, ações e sujeitos: o diálogo entre as memórias sobre a história do Colégio de Aplicação. In: Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin; Vânia Beatriz Monteiro da Silva. (Org.). **Conversas de Escola**. Florianópolis: NUP - Núcleo de Publicações, 2006, v. 10, p. 71-81.

AURAS, Gladys Mary Teive. **Modernização econômica e formação do professor em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998. 112 p.

BRASIL. **Portaria nº 673**, de 17 de julho de 1961, Ratifica o ato da Inspeção Seccional de Florianópolis que concedeu autorização para o funcionamento condicional do Ginásio de Aplicação da Faculdade Catarinense de Filosofia, pelo espaço de quatro anos. Rio de Janeiro, 1961.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.3849**, de 18 de dezembro de 1960. Cria a Universidade Federal de Santa Catarina. Brasília, 1960.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 5.450**, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Brasília, 1968.

CAMPOS, Ernesto de Souza. Colégio de Aplicação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 67, p. 223-240, jul./set. 1957.

CANÁRIO, Rui; ALVES, Natália; ROLO, Clara. **Escola e exclusão social: para uma análise crítica da política**. Lisboa: EDUCA, 2001.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da escola: as festas nas escolas públicas paulistas (1890-1930)**. 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CHAGAS, Édio. Ofício nº71/69,01 out.1969.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **Livro de Atas**. 1963/1972.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **Regimento Interno**. Florianópolis, 1963.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **Regimento Interno**. Florianópolis, 1966.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **Planejamento Geral para 1967**. Florianópolis, 1967.

COSTA, Wilson Colares da. Os estudantes e os grêmios estudantis livres. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, 2008. Disponível em <http://www.mundojovem.pucrs.br/subsidios-grêmio_estudantil-16.php> Acesso em: 20 out. 2008.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e Ideologia**. São Paulo, Cadernos de Pesquisas, 35: 80-83, 1980.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites**: o Ginásio Catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001. 294 p.

DALLABRIDA, Norberto. SILVA, F. L. Ginásio Lagunense: laicidade e co-educação (1932-1945). In: DALLABRIDA, Norberto; CARMINATI, Celso João. (Org.). **O tempo dos ginásios**: ensino secundário em Santa Catarina (final do século XIX - meados do século XX). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p. 27-50.

DALLABRIDA, Norberto (Org.). **Mosaico de escolas**: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2003. 308 p.

DALLABRIDA, Norberto. Privatização e Elitização do Ensino Secundário em Santa Catarina (final do século XIX - meados do século XX). In: VALLE, Ione Ribeiro; DALLABRIDA, Norberto (Org.). **Ensino Secundário em Santa Catarina**: histórias, políticas, tendências. 1. ed. Florianópolis: Cidade Futura, 2006, p. 115-140.

DECRETO LEI Nº 9053 DE 12/03/1946. Determina a Criação de Escolas de Aplicação junto aos Cursos de Didática.

DEWEY, John. Experiencia e educação. 2. ed. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1976. 101 p.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. Tradução e estudo preliminar por Anísio S. Teixeira. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978. 113 p.

DUARTE, Degelane Córdova. **O Ginásio Estadual Pedro II e o Ensino Secundário para as classes médias (1946-1956)**. 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, 2007.

DUARTE, Helio de Queiroz; MANGE, Ernesto Roberto de Carvalho. **Plano da Cidade Universitária de Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Universidade de Santa Catarina, 1957. 105 p.

EVANGELISTA, Olinda. Colégios de Aplicação na encruzilhada. In: COSTA, Fabíola Cirimbelli Burigo; BIANCHETTI, Lucídio; EVANGELISTA, Olinda (Org.). **Escola Viva: a construção do Projeto Político-Pedagógico do Colégio de Aplicação da UFSC**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003, p. 49-66. (Coleção Cadernos CED).

FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da evolução do ensino público**: ensino publico e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano. Florianópolis: Secretaria da Educação, c1975. 219 p.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustin. **Currículo espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007. 2007 p.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 206 p.

GARCIA, Leticia Cortellazzi. **Sobre mulheres distintas e disciplinadas**: práticas escolares e relações de gênero no Ginásio Feminino do Colégio Coração de Jesus. 2006. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) - Centro de Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1991. 240 p. (Coleção Magistério 2º grau. Série Formação do Professor).

GINÁSIO DE APLICAÇÃO. **Livro de Relatórios**, 1961-1969.

GONÇALVES, Irlen Antônio. **Cultura escolar: Práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918)**. Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC, 2006. 200 p.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP: SBHE/Editora Autores Associados, n. 1, p. 9-44, 2001.

JULIA, Dominique. Disciplinas Escolares: Objetivos, Ensino e Apropriação. In: LOPES, Alice Casemiro; MACEDO, Elizabeth. (Orgs.). **Disciplinas e integração curricular: histórias e políticas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 37-71.

LAFFIN, Marcos; MENEGASSO, Maria Ester. **De contador a professor: a trajetória da docência no ensino superior de Contabilidade**. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina – PPGEP, Florianópolis, 2002.

LIMA, Lauro de Oliveira. Por que só a Escola não evoluiu? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, n. 78, p. 158-164, abr./jun. 1960.

LIMA, João David Ferreira. **UFSC: Sonho e Realidade**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2000. 256 p.

LUCENA, Maria Inez Probst. **Razões e realidades no modo como as professoras de inglês como língua estrangeira de uma escola pública avaliam seus alunos**. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

MEC. **Portaria NR 673**, de 17/07/61. Departamento de Ensino Secundário Autoriza o Funcionamento do Colégio de Aplicação par Filhos de Professores e Funcionários da Universidade.

MELLO, Guiomar Namó de. **Magistério de I Grau – da Competência Técnica ao Compromisso Político**. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1982.

MENDONÇA, Sandra; VESENTINI, Jose Willian. **Contribuição do ensino de geografia para a construção da autonomia e do conhecimento na escola de 1º e 2º graus**. 1997. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade São Paulo, Departamento de Geografia, 1997.

O MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova. In: GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 1994.

PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da escola pública**. São Paulo: Xamã, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 130 p. (História & Reflexões).

PORTO JÚNIOR, Francisco Gilson Rebouças. Educação na Primeira República (1889-1930). **Aprender**: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista, BA, ano 1, n. 1, p. 23-32, 2003.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. Compreender e transformar o ensino. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 396 p.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 352 p.

SANTA CATARINA. Inspetoria Seccional de Florianópolis. **Ato nº 5**, de 15 de março de 1961. Concede ao Ginásio de Aplicação da Faculdade Catarinense de Educação autorização para funcionar. Florianópolis, 1961a.

SAVIANI, Dermeval. História das Idéias Pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2007. 492 p. (Coleção memória da educação).

SENA, Guiomar Osório de; VAHL, Teodoro Rogério. **O Colégio de Aplicação no contexto das universidades brasileiras**. 1987. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, 1987.

SILVA, Carmen Aide Hermes; SCHEIBE, Leda. **Análise da prática docente**: um estudo da dinâmica de modernização pedagógica. 1989. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 1989.

SILVA, Elizabeth Farias da; GADOTTI, Moacir. **Ontogenia de uma universidade: a Universidade Federal de Santa Catarina (1962-1980)**. 2000. 291 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **Culturas Escolares e Práticas Educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. A Cultura Escolar em debate questões conceituais, metodológicos e desafios para a pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2005.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. História da Educação. In: _____. Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. 416 p.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. **“Uma vez normalista, sempre normalista”**. Cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense: 1911 a 1935). Florianópolis: Editora Insular, 2008.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é Privilégio**. Editora UFRJ, 5. ed. 1994.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TRIDAPALLI, Ana Laura. **Bons cristãos e virtuosos cidadãos: cultura escolar marista no ginásio Aurora (1938-1945)**. 2006. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Curso de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2006.

UFSC/CED/Colégio de Aplicação. **Agenda Escolar**. 2006.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007. 328 p.

VIDAL, Diana G. **Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005 (Coleção Memória da Educação).

VIEIRA, Cleber Santos. . História e cidadania nos livros escolares de Organização Social e Política do Brasil. **Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz. 23.**, 2005, Londrina - PR.

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 1993.

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Corpo Docente

Nome:

Período em que trabalhou no Ginásio de Aplicação:

Tipo de vinculação

Formação

- 1- Relate o que recorda do tempo em que lecionou no Ginásio de Aplicação.
- 2- Quais eram os critérios para a organização do planejamento escolar?
- 3- De maneira geral, como eram dadas as aulas? (especificar a forma utilizada para introduzir conteúdos, técnicas).
- 4- Como via a participação dos alunos em sala de aula?
- 5- Como acontecia a avaliação da aprendizagem e quais instrumentos eram utilizados?
- 6- Em termos práticos, como percebia a disciplina dos alunos?
- 7- De que forma acontecia a participação da família na escola?
- 8- As práticas do Governo Comunitário, as Olimpíadas, o Coral Estudantil, as Festas Escolares eram muito valorizadas no Ginásio de Aplicação na década de 1960. Quais os objetivos que os professores e direção desejavam alcançar ao desenvolvê-las?

Aos ex-alunos foi solicitado um relato dos principais fatos relacionados ao assunto em questão, relacionados à cultura escolar da década em estudo: Olimpíadas, Governo Comunitário, espaço físico, prática pedagógica, educação física, aulas de língua estrangeira.

**ANEXO B – PORTARIA PARA FUNCIONAMENTO CONDICIONAL DO GINÁSIO
DE APLICAÇÃO**

Ministério da Educação e Cultura

Portaria nº 673, de 17 de julho de 1961

O Diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, usando das atribuições que lhe confere o artigo 128 da Portaria Ministerial nº 501, de 19 de maio de 1952, alterado pela Portaria nº 302, de 30 de agosto de 1957.

Resolve

Funcionamento condicional ao Ginásio de Aplicação da Faculdade Catarinense de Filosofia, situado no bairro da Trindade, em Florianópolis, Estado de Santa Catarina, pelo espaço de quatro anos.

Rio de Janeiro, 17 de julho de 1961

Gildásio Amado

Diretor

ANEXO C – PLANEJAMENTO GERAL DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO PARA 1967

Planejamento Geral do Ginásio de Aplicação para 1967

Integração do aluno na sua comunidade

- 1- Características da comunidade local
- 2- Ensino primário deficiente
- 3- Influência crescente da Universidade
- 4- Classe média inferior (funcionalismo – predominante)
- 5- Nível intelectual da população – média inferior
- 6- Influência militar
- 7- Influência política
- 8- Desinteresse da família pela educação
- 9- Falta de ambiente cultural e educativo
- 10- Resistência ao elemento de fora em alguns setores
- 11- Monopolismo
- 12- Falta de perseverança e iniciativa
- 13- Dependência
- 14- Acomodação
- 15- Tradicionalismo
- 16- Crítica negativa
- 17- Comércio deficitário
- 18- Ligação pronunciada com centros maiores
- 19- Oportunidades turísticas
- 20- Natureza privilegiada

II – Características da Comunidade Nacional

- 1- Influência do esporte e do carnaval
- 2- País rico e mal explorado
- 3- Em transição: reformas
- 4- Explosão demográfica
- 5- Democratização do ensino
- 6- Fontes modernas de informações
- 7- Espírito religioso
- 8- Valorização da arte- música
- 9- Influência da adolescência
- 10- Má distribuição de rendas públicas
- 11- Êxodo rural
- 12- Serviço transporte deficiente
- 13- Predominância capital estrangeiro
- 14- Descrédito às autoridades
- 15- Falta de civismo

III – Características da Comunidade Internacional

- 1- Problema de convivência internacional espacial, atômica, educacional, desenvolvimento e subdesenvolvimento.
- 2- Novos membros na comunidade internacional
- 3- Avanço da ciência aplicada
- 4- Relacionamento entre os povos facilitado pelos novos meios de transporte e comunicação
- 5- Inter-relacionamento comercial e cultural
- 6- Explosão demográfica
- 7- Problema lingüístico
- 8- Problema emocional
- 9- Problema da juventude racial
- 10- Progresso em todos os setores

IV – Qualidades Básicas do Educando – Fundamentais

- 1- Criatividade
- 2- Iniciativa
- 3- Comunicabilidade
- 4- Auto-Confiança
- 5- Auto-Crítica
- 6- Liderança
- 7- Objetividade
- 8- Liberdade afetiva e intelectual
- 9- Responsabilidade
- 10- Tolerância
- 11- Amadurecimento
- 12- Sociabilidade (interação)
- 13- Formação moral, religiosa e cívica

V – Idéias Fontes Estabelecidas

- 1- Criatividade
- 2- Comunicabilidade
- 3- Responsabilidade

De cada idéia fonte estabelecer o seguinte:

- 1- Definição
- 2- Fundamentação - > por que é importante
- > por que é viável
- 3- Previsão: a) do comportamento do aluno
b) dos estímulos (experiências a oferecer aos alunos: técnicas e conteúdos).
c) da avaliação

1- Criatividade

Conceito – capacidade que tem o indivíduo de realizar algo de novo.

Fundamentação → por que é viável: - porque é inerente a natureza humana (inata) e porque diante de novas situações o aluno tem oportunidade de descobrir sua vocação e sua autoconfiança firmando sua personalidade.

→ por que é importante:

- 1- desenvolve a imaginação, a observação e a investigação inatas.
- 2 - possibilita a exteriorização livre e pessoal de seus pensamentos.
- 3- descobre que possui capacidade para realizar algo pessoal.
- 4- Auto-Afirmação
- 5- Auto-Realização
- 6- Transformação do indivíduo e da sociedade.
- 7- Iniciativa
- 8- Forma hábitos que estão em harmonia com a educação estética.

Previsão: a) do comportamento do aluno

- 1- Perguntas significativas
- 2- Interpretação
- 3- Relato de algo objetivo ou subjetivo que observou
- 4- Organização
- 5- Seleção de material
- 6- Descoberta de novos técnicos e de relações
- 7- Originalidade dos trabalhos
- 8- Síntese, esquematização, análise, comparação
- 9- Conclusão
- 10- Generalização
- 11- Extrapolação
- 12- Utilização prática dos conhecimentos
- 13- Invenção
- 14- Dramatização
- 15- Compreensão e aceitação
- 16- Cooperação
- 17- Sugestão de trabalho

b) Dos estímulos a oferecer aos alunos

- 1- Organização de situação- problema
- 2- Apresentação de situações observadas direta e indiretamente
- 3- Apresentação de situações observadas diretamente da natureza ou através de textos, gravuras, fotografias, mapas, slides, filmes.
- 4- Concretização da realidade através da expressão gráfica, plástica, poética, dramática.
- 5- Apresentação de idéias originais para serem retrabalhadas.
- 6- Estudo e exploração do meio ambiente.

Técnicas: - Trabalho em grupo, em grupo dirigido ou não.

- Trabalho em grupo ou individual

- Entrevista → aluno – aluno

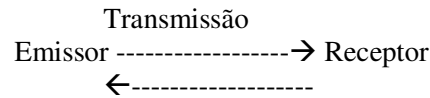
→ aluno – professor

→ aluno – comunidade

- Debate → estudo dirigido; seminário; sociodrama; painel; consulta bibliográfica; projeto; problematização; informação (exposição); dramatização.

2- Comunicabilidade

Definição: - “Comunicabilidade é a capacidade que tem o indivíduo de receber e transmitir mensagens de modo que possa compreender os outros e fazer-se compreendido”.



Fundamentação: a) Por que é viável?

- 1- Porque o indivíduo é, pela própria natureza, um ser social – conseqüentemente sente necessidade básica de comunicar-se.
- 2- Porque é uma capacidade passível de crescimento.
- 3- Porque não poderemos substituir sem os outros.

b) Por que é importante?

- Porque é imprescindível para a integração do indivíduo na comunidade.
- Porque promove sua socialização
- Porque permite a exteriorização de seus pensamentos e sentimentos.
- Porque cria espírito de solidariedade e atenção.
- Porque desperta o interesse e obriga a mente a trabalhar.
- Porque é necessária em qualquer relação com o mundo exterior.
- Porque promove o desenvolvimento e o amadurecimento do indivíduo, enriquecendo o grupo.

Previsão de Comportamento – que revelem comunicabilidade. O indivíduo revelará que possui ou desenvolve a comunicabilidade se:

- 1- Souber participar disciplinadamente de uma discussão.
- 2- Souber ouvir, falar e acrescentar em contacto com outros.
- 3- Apresentar idéias pessoais e originais.
- 4- Respeitar a opinião alheia.
- 5- Reestruturar seus conceitos.
- 6- Num trabalho de grupo, souber participar qualitativa e quantitativamente, com disposição e plena aceitação dos companheiros.
- 7- Se possuir meios adequados de expressão, tais como:
 - o dom de eloquência;
 - o dom artístico -> desenho, música, modelagem, poesia e mímica.
 - o uso adequado de esquemas e gráficos.
- 8- Se oferecer contribuições espontâneas a trabalhos da escola e da comunidade.

Estímulos – para avaliar ou desenvolver comunicabilidade.

a) Situações gerais:

- Exigir a comunicação dos resultados de seu trabalho, tanto para o professor, como para os colegas.
- Fornecer a avaliação do seu trabalho no grupo, ou da atuação do grupo em face aos resultados alcançados.
- Discutir esses resultados. Propiciar o relato de situações ou fatos ocorridos na comunidade.
- Levá-lo a participar dos acontecimentos da escola e da comunidade.
- Propiciar seu encontro com personalidades da comunidade, que façam palestras – ouvir.

- Levá-lo a reproduzir um conto, filme ou novela.

b) Técnicas:

- Trabalho em grupo; - Entrevistas; - Narrativa; - Recitação; - Dissertação; - Dialogação; - Dramatização; - Reprodução; - Confeção de material em grupo.

Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia

Responsabilidade

Definição – é uma qualidade que faz com que uma pessoa responda pelos atos conscientes e livres, tanto próprios como do grupo do qual participa.

Fundamentação – a) Por que é viável?

A realização plena do ser humano como pessoa é fundamental e só é possível pelo exercício da liberdade. O próprio conceito de liberdade implica responsabilidades.

b) Por que é importante?

Porque é imprescindível para o progresso pessoal social, político e econômico. Porque promove a auto-realização. Porque promove a autodisciplina. Porque promove a criatividade.

Bibliografia: - Os Fins da Educação (WHITE HEAD)
 - Educação pela liberdade (ANDRE BERGE)
 - Democracia e Educação (JOHN DEWEY)
 - A Evolução Criadora (HENRY BERGSON)
 - Educação pela Arte (HERBART READ)
 - Modos de pensar (WHITE HEAD)

Previsão: a) Comportamento – coordenar e participar dos trabalhos, pontualidade, liderança, honestidade, independência, admitir a possibilidade de engano, reformar conceitos, auxiliar-se adequadamente, ser objetivo e fidedigno.

b) Estímulos – possibilidade de escolha, depositar confiança, dar encargos, prestações de contas de encargos, deixá-los trabalhar sozinhos, oferecer situações que tenham que planejar, deixá-los concretizar o que planejaram.

Técnicas: - projeto, trabalho em grupo e individual, painel, problematização, sociodrama, círculos concêntricos, consulta bibliográfica, organização de questionários.

Avaliação:

Definição – é o processo contínuo que envolve o professor, o aluno, o grupo, a fim de verificar as mudanças de comportamento frente aos objetivos previstos, através de critérios anteriormente fixados.

Importância: a) Para o professor – é importante porque:

- Através da avaliação poderá verificar se está atingindo os objetivos;
- Poderá fazer um diagnóstico e medicar pedagogicamente o aluno;
- Poderá inclusive modificar o nível dos objetivos e o planejamento;
- Sente as diferenças individuais;

- Verifica a validade de seus recursos;
- A maneira de avaliar determina o comportamento do aluno.
 - b) Para o aluno – é importante porque:
- Possibilita ao aluno ter consciência de como está realizando o seu desenvolvimento;
- Valoriza suas aptidões e reconhece suas (deficiências) dificuldades;
- Através dela tende modificar seu comportamento.

O que avaliar – 1 – as idéias fontes -> criatividade
-> comunicabilidade
-> responsabilidade

- 2- conteúdo
- 3- processo do pensamento
- 4- aptidões (habilidade e capacidade)
- 5- sociabilidade

Como avaliar- a) através de uma ficha de avaliação;
b) através de descrição dos comportamentos.

Técnicas: observação, testes, diagrama da dinâmica do grupo, auto-avaliação, the panel study, o antes e o depois, grupal (professor avalia o grupo e os grupos entre si), entrevista.

Etapas Fundamentais: - avaliação contínua: objetivos, coleta de material, interpretação, julgamento, comunicação (só se avalia comportamento freqüente).

**ANEXO D – PRIMEIRA TURMA DE ALUNOS DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO –
1961**

Nome	Data de nascimento	Bairro Residencial
Ademir Francisco	02/06/1948	Barreiros
Antônio Carlos Dias	13/01/1949	Saco dos Limões
Carlos Roberto Garcia Baran	01/09/1949	Centro
Celita Olga Martins	30/04/1944	Centro
Elsion da Silva	22/10/1943	Trindade
Ilma Maria Lunardelli	05/10/1949	Centro
Ivan Santiago,	27/11/1946	
Lauro Almeida	30/10/1948	
Maria da Graça d'Ávila	08/03/1948	Ribeirão da Ilha
Maria Isabel Ferreira	21/01/1950	
Maria Teotônia Vieira	24/05/1948	Saco Grande
Márlcio José Vieira	19/03/1943	Saco dos Limões
Nadir Martins dos Santos,	07/10/1946	Trindade
Natália Eduvirgem Peres	09/07/1947	Agronômica
Oneide Graciosa	01/01/1949	Estreito
Otávio Luiz Fernandes	28/10/1949	Centro
Pedro d'Alcantara Cordeiro	20/10/1948	Trindade
Rosemira Vieira	17/11/1946	Trindade
Sandra Vilela Philipowesky	19/03/1948	Centro
Sônia Bitencourt Herrmann	07/12/1948	
Tânia Anne Mary Ferreira	14/11/1947	Centro
Tânia Mara Gentil	25/08/1947	

ANEXO E – QUADRO GERAL DE MATRÍCULA DOS ALUNOS

	ANO	1961		1962		1963		1964		1965		1966		1967		1968		1969	
	SÉRIE	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1º CICLO	1ª série	10	13	22	17	25	12	20	15	14	18	14	16	44	45	31	23	30	24
	2ª série			12	3	13	10	19	11	7	9	14	10	11	10	21	32	23	21
	3ª série					9	2	11	10	6	9	6	12	12	10	15	10	20	25
	4ª série							9	2	6	6	5	7	5	13	8	7	14	12
	Total	10	13	34	20	47	24	59	38	33	42	39	45	72	78	72	75	87	82
	Total geral	23		54		71		97		75		84		150		147		169	

ANEXO F – DOCENTES DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO – DÉCADA DE 1960

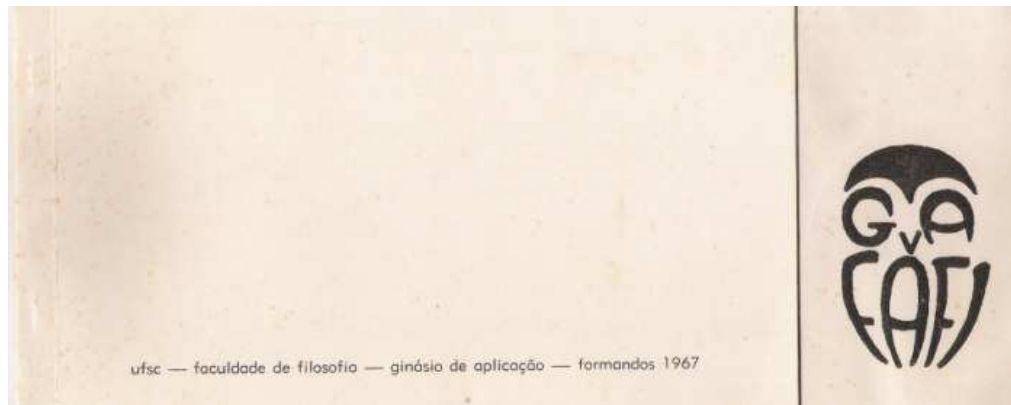
Édio Chagas, Eliane Bernardino Dornbusch de Campos, Eda Maria Evangelista Brito, Milton Digiacomo, Elisabeth Daux Mussi, Adroaldo Camargo, Osvaldo Jacques, José Acácio Santana, Ivone Alves de Oliveira Digiacomo, Dilza Délia Dutra, José Curi, Stela Maria Souza, Rosa Maria de Campos, Evangelia João Kotzias, Antônio Filomeno Neto, Norma Füscher, Carlos Humberto Corrêa, Maria Conceição Alves Rodrigues, Heber Leebarchon Poeta, Ivete Vieira Dutra, Maria Alice Clasen, Marçal Melo Filho, entre outros.

**ANEXO G – QUADRO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR QUE
MANTÉM COLÉGIOS DE APLICAÇÃO**

Colégios de Aplicação / Escolas / Universidades / Centros
Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (UFV) - COLUNI
Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (UFPA) - NPI
Centro Educacional da Universidade Federal de Lavras (UFLA)
Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Sergipe (UFS)
Escola Fundamental do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Colégio de Aplicação João XXIII - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG)
Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR)
Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Colégio de Aplicação CAP - Universidade Federal do Acre (UFAC)
Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Colégio Universitário da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Fonte: CONDICAp – Conselho Nacional dos Dirigentes das Escolas de Educação Básica vinculadas às Instituições Federais de Ensino Superior


ANEXO H – CONVITE DE FORMATURA DO ANO DE 1965



<p>PATRONO</p> <p>Prof. Nilson Paulo DD. Inspetor do Ginásio de Aplicação</p> <p>PARANINFO</p> <p>Prof. Antonio Filomeno Neto</p> <p>HOMENAGENS DE HONRA</p> <p>Prof. Henrique da Silva Fontes Prof. José Tambosi DD. Diretor do Ginásio de Aplicação Prof. Anibal Nunes Pires</p> <p>HOMENAGENS ESPECIAIS</p> <p>Prof. João David Ferreira Lima Magnífico Reitor da Universidade de S. Catarina Prof. Eliane Dornbusch de Campos</p>	<p>HOMENAGEADOS</p> <p>Prof. Ivone Alves de Oliveira Digiácomo Prof. Ivete Vieira Dutra Prof. Stella Maria Naspolini Prof. Elizabeth Daux Mussi Prof. Maria da Conceição Alves Rodrigues Prof. Maria Alice Clasen Prof. Giúda Kucker Arantes Prof. Rosa Maria Mendes de Campos Prof. Edlo Chagas Prof. Carlos Humberto de Pederneiras Corrêa Prof. Adroaldo Camargo Prof. Osvaldo Jacques Prof. Heber Lebarbenchon Poeta Prof. José Acácio Santana</p> <p>Nossos agradecimentos ao Corpo Administrativo Homenagem de Gratidão Aos nossos queridos pais</p>
---	--

FONTE: Acervo da ex-aluna Madalena Maria Ferreira

**ANEXO I – CERTIFICADO DE APROVAÇÃO DO EXAME DE ADMISSÃO
NO GINÁSIO DE APLICAÇÃO DA 1ª SÉRIE GINASIAL - 1967**



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE DE SANTA CATARINA
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Ginásio de Aplicação

FLORIANÓPOLIS SANTA CATARINA

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO EM EXAMES DE ADMISSÃO
À 1ª. SÉRIE GINASIAL**

No. 25/67

Certificamos que Martinho Virgílio Ramos,
filho de Virgílio de Souza Ramos
e de Maria de Lourdes Costa Ramos,
natural de Florianópolis Estado de Santa Catarina
nascido em 12 de outubro de 19 55, foi considerado
aprovado em exame de admissão à **1ª. Série Ginasial**, prestado em 10 de
dezembro de 19 66, nos termos da LEI ORGÂNICA DO ENSINO SECUNDÁRIO (Decretos-leis nº. 4244 de 9 de abril de 1942 e 8347 de 10 de dezembro de 1945), tendo obtido os seguintes resultados:

Português	<u>5.1</u>	Matemática	<u>7.1</u>
Geografia	<u>Conhecimentos Gerais</u>	História do Brasil	<u>3.6</u>
Média Geral	<u>(5.26)</u>		


Florianópolis 1º de fevereiro de 19 67

[Assinatura] (Diretor) Emílio Amorim (Inspetor)

Isento de selo, ex-vi do Decreto-lei nº. 8029, de 2-10-1945 - Mod. D. E. Sec. 501-1

FONTE: Acervo de ex-aluno Martinho Virgílio Ramos

ANEXO J – FICHA AVALIATIVA DO CONSELHO DE CLASSE


 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
 GINÁSIO DE APLICAÇÃO

CONSELHO DE CLASSE
 4º bimestre

Nome do aluno Fernando Cesar Demetri

Série 4ª

1. — AVALIAÇÃO E FREQUÊNCIA

	MATÉRIA	CONCEITO	FALTAS
OBRIGATORIAS	PORTUGUÊS	S	
	MATEMÁTICA	A	
	HISTÓRIA	A	
	GEOGRAFIA		
	INC. ÀS CIÊNCIAS		
COMP.	CIÊNCIAS FÍS. E BIOLÓGICAS	S	
	ORGANIZAÇÃO S. e P. BRAS. INGLES 3º Bimestre (A)	S	
OPT.	DESENHO	A	
	FRANCES	S	
PRÁT. EDUC.	ARTES FEM. e IND.	A	
	EDUCAÇÃO FÍSICA	A	

2. — OBSERVAÇÕES O aluno possui reais condições de aprovação, podendo, prosseguir seus estudos com destaque em nível mais avançado. Necessita dominar melhor a língua portuguesa, especialmente no que se refere às dificuldades ortográficas.

Maria Elu Cesar
Regente de Classe

[Assinatura]
Diretor

Imprensa Universitária - U F S C

FONTE: Acervo do ex-aluno Fernando Cesar Demetri

ANEXO K – FOTOS DA SOLENIDADE DE FORMATURA**FONTE:** Acervo da ex-aluna Maria Alice Costa da Silva**FONTE:** Acervo do ex-aluno Fernando César Demetri**FONTE:** Acervo do ex-aluno Fernando César Demetri

ANEXO L – ATA DA REUNIÃO DE PAIS E MESTRES**ATA DA 2ª REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES**

Ata da segunda Assembléia da Associação de Pais e Mestres do Ginásio de Aplicação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de Santa Catarina

Ao vinte e três dias do mês de maio de mil novecentos e sessenta e quatro reuniram-se, por convocação regular, no salão nobre da Faculdade de..., pais e mestres, em número de quinze, para tratar da discussão dos Estatutos da Associação de Pais e Mestres do Ginásio de..., fundada no dia onze de abril de mil novecentos e sessenta e quatro. A sessão iniciada às quinze horas, foi aberta pelo Vice Presidente Professor José Curi, que empossou no cargo de Presidente da Associação o eleito por unanimidade em sessão pretérita, Irmão Bento. Este, agradecendo as honras da escolha e dizendo dos seus melhores intentos à teste da Associação autoriza a leitura da ata da reunião anterior para audiência, discussão e posterior aprovação. A secretária promove a respectiva leitura sendo o documento aprovado sem ressalvas. A seguir o Senhor Presidente diz dos objetivos da reunião, que são a leitura, estudo e aprovação dos Estatutos da Associação, pedindo que o Vice Presidente promova a leitura por capítulos. Iniciada a leitura, os capítulos I a IV são aprovados por unanimidade, suprimido, somente, o artigo 13º (décimo terceiro) do último capítulo citado, por sugestão do Padre Bento, questão de salário para professores presentes. O capítulo V é aprovada com a supressão da palavra “regulares” no artigo quinze, por sugestão da secretária. O capítulo VI é aprovado sem ressalvas. Um pai falou da possibilidade do trabalho de um Diretor Social. Houve comentários diversos, a respeito, variadas opiniões, concluindo-se e aprovando-se a não criação de mais este cargo diretivo, considerando-se que o próprio presidente e seus membros afins podem gerir socialmente a Associação, numa atividade conjunta. Por sugestão do presidente Irmão Bento foi acrescentado, nas disposições finais, o artigo dezenove, nos seguintes termos: A associação de pais e mestres agirá sempre em coordenação com a direção do ginásio. Põe, ao fim, toda a constituição estatutária à aprovação da assembléia. Aprovado unanimemente, após revisão capitular. Um pai toma a palavra para solicitar cópia dos Estatutos para os pais. Irmão Bento põe à

disposição do ginásio a topografia do Abrigo para a impressão dos Estatutos e mais alguma colaboração que por ventura se torne necessária, adicionando que, impressos os Estatutos, poderão ser oportunamente oferecidos aos pais dos discentes. Nada mais havendo a tratar encerra a sessão, não sem antes agradecer emocionado, a lembrança do seu nome para a presidência da Associação, tendo sido considerado o pai que maior número de filhos tem no ginásio; põe-se à inteira disposição da Associação, com entusiasmo, com alma de educador nato, desejando a viva voz que a Associação alcance seus elevados objetivos, como órgão que fomenta e fortifique o processo da educação, pois, muito problema da escola, acrescentou, se resolve no lar e outros do lar se resolvem na escola. Ficou, dest'arte, encerrada a sessão, da qual, para os fins de direito, lavrei, na qualidade de secretária, a presente ata, que será assinada por mim e subscrita pelo corpo diretivo da Associação.

Florianópolis, 23 de maio de 1964.

Dilza Delia Dutra